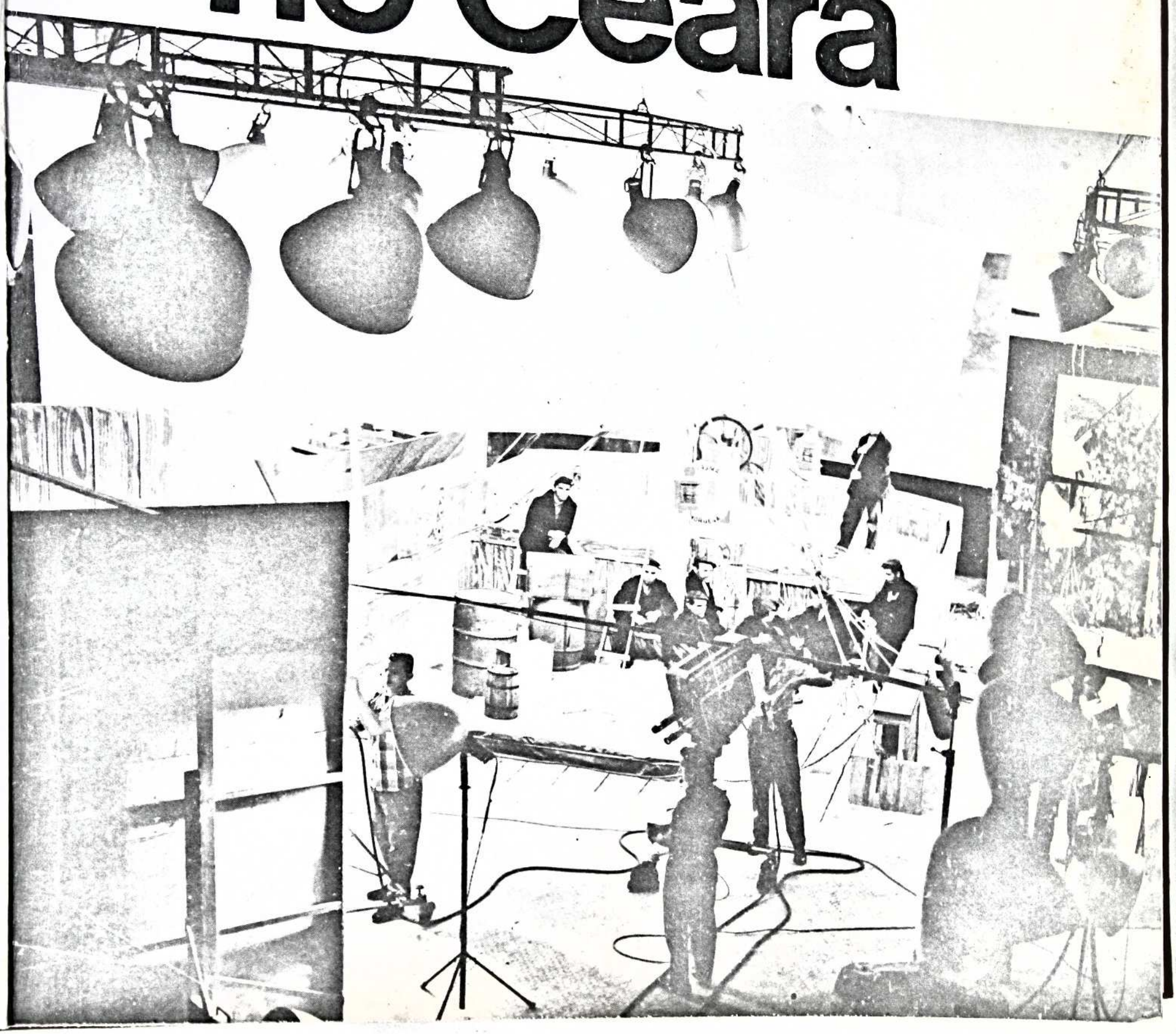
história viva
a televisão no ceará

História viva

A Televisão no Ceará



História viva

A Televisão no Ceará

1959/1966

Secretaria de Comunicação Social — Governo Gonzaga Mota

Fortaleza - 1985

Sumário

	Págs.
Vinte e cinco anos	5
Primeiro o sudeste, depois o Brasil	7
Do lançamento das ações à colocação da pedra fundamental	8
Algo de novo nos coqueirais da Estância Castelo	10
A expectativa da festa maior. Um clima dos anos 60	13
Contagem regressiva para o grande momento	15
Uma estética de televisão	17
A véspera da festa	19
A casa revisitada	21
O grande dia	23
Algumas questões de ordem técnica	27
A idade da inocência	30
A televisão e os jornais	31
O outro lado do espelho	32
As publicações especializadas	33
A televisão e o teatro	34
Nossos comerciais ao vivo	37
A nova imagem do negócio publicitário	39
Na pauta dos telejornais	41
O esporte como espetáculo	46
Sete Dias em Destaque	48
As grandes atrações musicais	49
O bom humor da Tv Ceará	51
Histórias que só a tv ousava apresentar	54
Na ponta dos pés	60
Os caminhos da telenovela	61
O mistério na tevê	65
O musical cearense	67
A juventude na tevê	69
O prazer de fazer televisão	71
Um ponto final	74
Bibliografia	75

Vinte e cinco anos

Ao idealizarmos esta publicação, tivemos por objetivo uma coisa simples e por si própria elucidativa: propiciar os elementos iniciais à futura história da televisão no Ceará.

Em 1960, quando se inaugurou a TV Ceará, estávamos chegando aos "Diários Associados", pelas mãos de Hermenegildo de Sá Cavalcante, com quem haviamos trabalhado no "O Estado". Lembro-me do fascinio e da perplexidade em que todos estávamos envolvidos, naquele momento: iamos começar a fazer uma coisa que, na verdade, não conheciamos, senão através de referências imprecisas. Poucos eram os que haviam visitado um estúdio de Tv e muitos nem sequer tinham estado diante de um televisor.

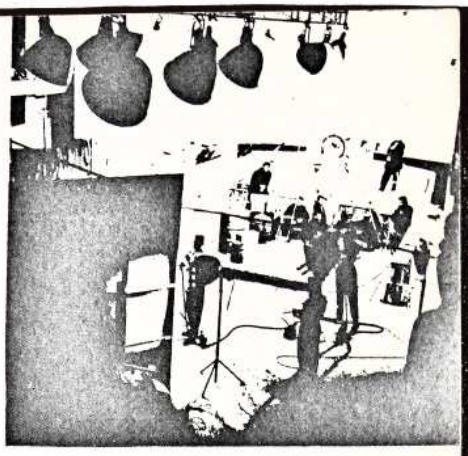
Assim, ao contribuir para a formação da história, agrada-nos, igualmente, participar dela e reviver as emoções de uma experiência que coincide com os primeiros anos de nossa atividade profissional.

Os que viveram esse tempo são personagens e testemunhas do enorme esforço praticado. E sabem que, não poucas vezes, a criatividade supriu a deficiência material. Por isso mesmo, devem se sentir satisfeitos por terem dado o melhor de si para o que se conseguiu fazer. Parece-nos indispensável que tudo isso seja devidamente contado, para que não corra o risco de se perder no esquecimento.

Esta publicação da SECOM-Secretaria de Comunicação Social — pretende resgatar essa fase primeira da história da televisão cearense, feita de determinação, espirito de luta e sentido de equipe. Uma história sem vilão nem heróis, onde o foco de luz se ajusta sobre todos os que participaram, recuperando parte de nossa memória.

Ao final de três semanas de pesquisa e redação, restou este texto que integra o Governo Gonzaga Mota às comemorações dos 25 anos de tevê no Ceará. Uma festa de que não poderia se omitir um Governo em permanente sintonia com a criatividade e inventiva populares.

J. Ciro Saraiva
Secretário de Comunicação Social



Primeiro o Sudeste, depois o Brasil

Falar em televisão no Brasil è evocar o velho capitão Assis Chateaubriand, paraibano que desceu para o sul em 1918 e conseguiu montar um oligopólio de comunicação a partir da aquisição de O Jornal.

Daí para a frente, a história se confunde com a própria história do Brasil. São favorecimentos, tráficos de influências e uma rede que se constitui e que cobre todo o país.

No início dos anos 40, os tentáculos associados chegam ao Ceará com a incorporação da Ceará Rádio Clube, pioneira na radiodifusão em nosso Estado e dos jornais Unitário e Correio do Ceará.

O império associado se estabeleceu horizontalmente, englobando jornais, rádios e fazendo da revista O Cruzeiro, o primeiro grande órgão de circulação e impacto realmente nacionais.

A Segunda Grande Guerra contribuiu para dar um decisivo impulso às pesquisas que resultaram na televisão. No caso brasileiro, um certo superávit de balança comercial, aliado a um maior poder de fogo do capital internacional apressaram a chegada da tevê, em setembro de 1951, pelas mãos pioneiras de Chateaubriand. Era a Tv-Tupi Difusora, canal 3, de são Paulo.

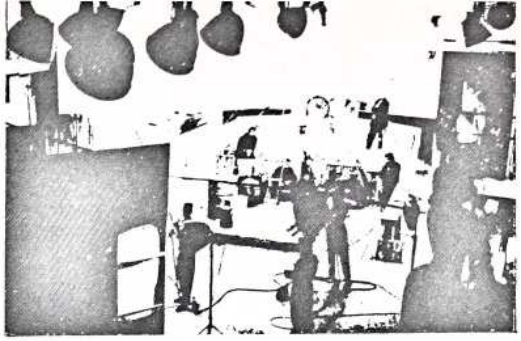
A chamada indústria cultural passou a ser considerada enquanto investimento e o mercado latino-americano, alvo desde o início dos anos 40 de ofensivas intervencionistas, sob a chancela de boa vizinhança e cooperação, se prestava como o campo mais propício a este esquema de dominação.

Além do equipamento, era uma modalidade de vender programas enlatados. A prática está aí para mostrar o acerto dessa política.

Num primeiro estágio, a televisão confinou-se ao sudeste. Rio, São Paulo e Minas constituia realmente o pedaço mais atraente e significativo do mercado nacional. Mas o projeto político associado exigia uma expansão em nível nacional, o que teria acontecido a partir de 1959, com a inauguração da Tv Piratini, de Porto Alegre e deslanchado em 1960 com a entrada em funcionamento das estações de Recife (TV Rádio Clube), Salvador (TV Itapoan) e Fortaleza (TV Ceará). A televisão chegava ao nordeste. Neste mesmo ano, Brasília e Curitiba ganharam sinais de tevê, que demorariam ainda um ano para chegar a Belém.

O tempo já nos permite ver por detrás da solidez de um império, um conglomerado com problemas administrativos serissimos, centralizando na personalidade forte de Chateaubriand e já antecipando, a partir de sua enfermidade, em 1960, as questões sucessórias que adiviriam num futuro próximo.

É dentro deste contexto, ao embalo de governos populistas e num quadro em que se acentua a dependência externa que o Brasil se vê na tevê com a pluralidade de sotaques e enfoques de uma produção local. Era apenas o começo.



Do lançamento das ações à colocação da pedra fundamental

Maio de 1959. Fortaleza, aturdida, crescia e ganhava novas formas. Só que a seca de 1958 levou a maior parte dos contingentes de migrantes para a construção de Brasília. As pessoas ainda se sentavam nas calçadas, mas já com medo dos rabos-de-burros, que de lambreta aprontavam muitas, na inocência perdida de uma juventude perplexa, transviada. Ivan Paiva era o vilão, nosso James Dean.

Os concursos de miss estavam no auge. A mais bela cearense deste ano foi Rufina Braga da Justa. Que tudo fez para bem representar a beleza da mulher cearense, mas não conseguiu ficar entre as finalistas. Nunca mais repetiríamos Emília Correia Lima.

Os carros DKW-Vemag tomavam conta da cidade. Enquanto isso cogitava-se da implantação de taximetros. Os jornais publicavam a perspectiva do Super-mercado Fortaleza. Em setembro o Sino seria construido.

A Universidade do Ceará levantava sua concha acústica.. Quem visitava a cidade era o cineasta francês Marcel Camus. Fortaleza se comoveu com a explosão e incêndio da Casa de Saúde César Cals. O quente era ouvir a Rádio Dragão do Mar, vibrante, apaixonada, sensacionalista. Chessman deveria ou não morrer? Maria Ester Bueno vence Windledon. O intimismo da bossa-nova era o background de um período de euforia desenvolvimentista. Viviamos os anos JK.

12 de maio de 1959. Os jornais associados publicam um anúncio de página com o título: 10 razões que garantem a instalação da TV Ceará. Um lançamento em grande estilo. Dentre os motivos alinhados, a prioridade cambial para aquisição do equipamento no exterior, a encomenda à RCA, a compra do terreno, o desenvolvimento do projeto pelo Escritório Técnico de Arquitetura e a juntada de todos os documentos exigidos pela legislação em vigor. Mas não ficava nisso. Dentre as outras razões apontadas, a marcação da data para lançamento da pedra fundamental: 23 de maio. A esta promessa concreta se somava a comunicação da venda de ações ao público. As outras razões exaltavam o papel dos Diários Associados, apelavam para uma colaboração do povo cearense ("inteligente, realizador, que mais uma vez ajudará o progresso artistico e cultural do Estado") e associava a futura tevê à Ceará Rádio Clube, de cujos bons serviços seria um prolongamento. A televisão no Ceará começava auspiciosamente.

As ações custavam 1.000,00 cruzeiros cada e rendiam juros de 8% ao ano. O plano de pagamento facilitava em dez prestações mensais de 100 cruzeiros. Um sucesso. O clima estava propicio, contava ponto a tradição da velha PRE-9, a promessa era para funcionamento no ano seguinte.

Nem precisava, mas outros apelos vieram se somar a estes. A ofensiva foi bem programada. Matérias nos jornais citavam Fortaleza como uma cidade ideal para televisão, por conta de ser plana. Prometia-se uma imagem de excelente qualidade. E falava-se na torre a ser implantada no local de maior altitude em toda a cidade.

Numa atitude que diz do cuidado quer revestia o empreendimento, o arquiteto Eneás Botelho assinava o projeto. O edifício abrangeria estúdios, escritórios, restaurante, jardins, piscina, playground. E chegava-se ao exagero de falar na possibilidade de exibição de um batalhão com unidades motorizadas ou de um circo completo.

Fortaleza, ainda mais provinciana, se ligava nas vitrinas. A da Casa Parente foi palco de uma exposição sobre o



que seria a Tv Ceará. A foto publicada em Unitário mostrava "um grupo de pessoas observando a interessante exposição".

As repercussões se fizeram sentir. A Câmara de Vereadores aprova, por unanimidade, voto de congratulação aos Diários Associados. Proposta de Mozart Gomes de Lima.

O noticiário dos jornais levava à criação de um clima que estimulava a venda de ações. Quase dois milhões de ações foram subscritas nos dois primeiros dias. O Governador Parsifal Barroso encabeçava a lista que iria até o mais humilde funcionário de repartição pública, passando pelo comerciário, pelo comerciante. A lista era publicada, na íntegra. A meta a ser atingida era 17 milhões.

A aproximação da data da festa criava um clímax. 4 milhões em menos de uma semana. Maranguape, através de sua Câmara Municipal emitiu voto de louvor e logo em seguida subscreveu ações. Caucaia seria visitada em seguida. Falava-se em entusiasmo popular. Um quadro de honra com o nome de todos os subscritores seria exibido dia 23. João Calmon estaria presente. As obras teriam início dia 25, mas o terreno já estava sendo preparado.

Outro anúncio apelava para uma maior participação. "Não precisa você ser importante! O importante é você se tornar subscritor da Tv Ceará, canal 2!".

Mais de cinco mil contos subscritps dia 20, quase seis mil dia 21. Fulminante o êxito, segundo a linguagem jornalística da época. O sonho de ser co-proprietário da tevê e acionista da Ceará Rádio Clube.

Até que chegou o grande dia, um sábado, 23 de maio de 1959.

Algo de novo nos coqueirais da Estância Castelo

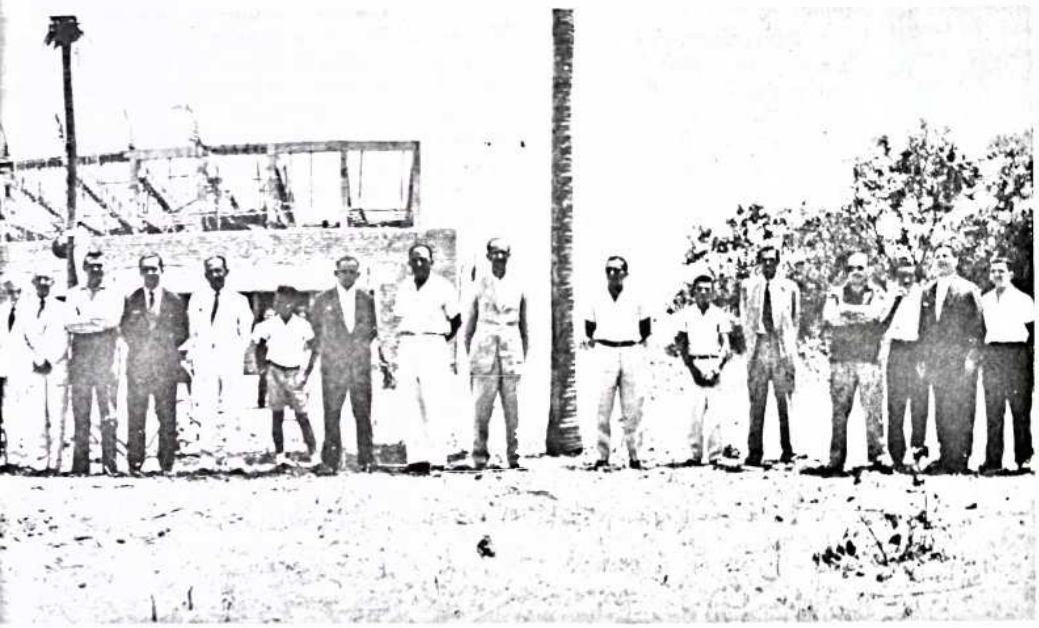


Uma grande festa. O registro iconográfico é rico e diz da importância do evento. Renato Braga representou o Governador. Era, na época, Secretário da Fazenda. O prefeito Cordeiro Neto se fez representar por Silveira Marinho. O Secretário de Governo, Tancredo Halley chancelava, com sua presença, a conivência entre comunicação e poder.

Dona Teresinha Calmon colocou pá de cimento sobre a obra. Dona Heldine Campos também fixou o marco da fundação. Perboyre e Silva, presidente da ACI prestigiou a solenidade.

Na hora dos discursos, muitas promessas, João Calmon assegurou qu no próximo ano a tevê estaria no ar Eduardo Campos não perdeu a oportunidade para dizer do arrojo do empreendimento, da utilização ao máximo da prata da casa, das condições para futuras transmissões em cores. Sete milhões de cruzeiros em ações tinham sido subscritas. Dom Lustosa, Arcebispo, aspergiu água benta e invocou a presença de Deus.

Um homem com uma câmara fe interessante demonstração com um aparelho portátil de tevê, fixando no vídeo os momentos culminantes do ato, segundo o Unitário.



Tirando partido da ocasião, J. Montenegro S.A. lançou ainda no dia 23 um sensacional Grande Plano TV-Jagos. Uma espécie de consórcio. Por 1.000,00 cruzeiros mensais, a garantia de um aparelho instalado quando a tv estivesse funcionando.

A cidade crescia, a Estância Castelo era um coqueiral a se perder de vista. Propriedade de Dionísio Torres, que depois de morto viria a dar seu nome ao bairro. A implantação da tevê neste local levaria a uma inevitável valorização da área, porque forçaria uma expansão da cidade e uma consequente extensão dos equipamentos urbanos.

Por isso, ainda no calor da festa. Dionísio Torres doou à Prefeitura o terreno em frente aos futuros estúdios da Tv Ceará para a construção de uma praça. Foi lançado concurso para escolha do nome da nova praça que teria projeto, sem ônus para os cofres públicos, assinado por Eneás Botelho.

O homenageado não poderia ser pessoa viva e o prêmio ao vencedor seria cinco ações da Tv Ceará. Mais de três mil pessoas votaram. Faziam parte de uma comissão para verificação e proclamação do resultado, Silveira Marinho, pela PMF, Eduardo Campos pelos Diários Associados e Raimundo Pinto pela Câmara Municipal. Unitário



publicava diariamente cupons. O nome escolhido foi o de João Dummar, pioneiro da radiodifusão no Ceará. Vereador Aluísio Correia apresentou projeto ratificando oficialmente a escolha popular.

Os subscritores começaram a receber suas ações. Mas ainda faltava muito para ser feito. Novos anúncios estimulavam a aquisição de títulos. "Mil cruzeiros não valem pouco! Para a TV Ceará, na verdade, valem muito!". Segundo os mesmos anúncios, seriam necessários 17,5 milhões para integralização do capital.

Enquanto isso, na Estância, acelerava-se a construção dos estúdios e escritórios, os alicerces estavam concluídos, o anel de cimento preparado, o passo seguinte seria o levantamento das colunas e das primeiras paredes. A 3 de julho, a foto de Unitário já mostrava as paredes que subiam. "É cousa para breve".

Outra notícia de impacto: aproveitamento dos grandes valores do rádio cearense. Os contratados fariam estágios em outros centros mais evoluídos. Os artistas do Ceará teriam sua grande oportunidade de brilhar. Guilherme Neto estava preocupado "com a formação, o quanto antes, de uma equipe homogênea e que possa preparar-se com antecedência para enfrentar as câmaras da tv". Ele era, na época, diretor-artístico da PRE-9. João Ramos acrescentava um ingrediente novo à discussão ao falar da abertura de oportunidades para elementos de outras empresas.

A placa afixada no local da obra apregoava: "Neste local estamos erigindo a futura sede da TV Ceará canal 2, numa arrojada iniciativa dos Diários Associados em colaboração com o povo do Ceará".

Matéria de página, publicada a 9 d agosto falava em realidade palpável d que as seis fotos seriam uma pro incontestável. As notícias se sucedia telegráficas. Providências tomadas p Calmon. Eduardo Campos ia a States, a convite da Varig. Torre se instalada dentro de 60 dias. Placa d concreto sendo assentada, breve a fe ta da cumeeira.

A viagem de Eduardo Campos deu a 3 de setembro. Na véspera g nhou jantar na noite Alabama, outr ponto de referência na vida noturna d Fortaleza de então. Iria tratar do em barque da aparelhagem preferencial, fim de apressar a inauguração da no emissora. Na volta seria publicado qu ele aproveitou a viagem para visitar in talações de jornais e televisões, alé de observar a vida e os costumes d povo yankee. Voltou no final do mê

Uma promoção do Magazine S cesso, a loja mais simpática da cidad (do grupo que daria origem ao Romc daria um televisor GE, no valor de 8 mil cruzeiros, a quem fizesse compra depositasse nas urnas um talão com provante.

A Festa da Cumeeira coincidiri com o 25º aniversário da Ceará Rádi Clube, dia 12 de outubro, com as pre senças do Calmon, Orlando Mota, Pau lo Cabral. Outra vitrine, desta vez d Carneiro e Gentil comemoraria os 2 anos da PRE-9 e o advento da tv n Ceará.

A panorâmica de Leocácio Ferreira registrou a cena para a posteridade. Fa laram Eduardo Campos,, Calmon, Pau lo Cabral, o governador Parsifal Barroso e Diogo Vital de Siqueira, que morreria no dia seguinte e teria seu nome aposto ao edifício da estação de tevê.

A expectativa da festa maior. Um clima dos anos 60



O espetáculo não podia parar. Nem parou. Em novembro de 1959, Calmon previa a inauguração para julho do ano seguinte.

O grande plano TV-Jagos sorteava seu primeiro felizardo. O Magazine Sucesso também entregava à sra. Vanda Medeiros um televisor G.E. Ainda teriam que esperar um pouco.

A Ceará Rádio Clube divulgava, com alarde, pesquisa do IBOPE que lhe dava uma expressiva liderança de 34% contra 17% da segunda colocada.

Inaugurada em dezembro a primeira loja do Ceará equipada com ar condicionado, A Televisão, Rio Branco, 980. "Basta empurrar a porta", dizia o anúncio. Desconfiado o cearense não empurrou e a loja teve vida curta. Mas exibia televisores ligados, azulando os dias fortalezenses. A curiosidade era grande.

Os jornais anunciavam a ligação Rio/São Paulo/Minas, através de micro-ondas.

O anúncio insistia: "Por que você ficaria de fora? Já é tempo de se inscrever como acionista da nossa TV Ceará". E fixava um prazo para conclusão das inscrições: 18 de dezembro de 1959. Prorrogado, como era de se esperar.

Mas vinham notícias alvissareiras, como da transferência de dólares, essencial para apressar a remessa do material procedente dos Estados Unidos. O caminhão que traria 12 toneladas de material estava sendo esperado em Fortaleza. Esta carga referia-se à torre, de procedência inglesa e que já se achava no Brasil, conforme noticiário da época da festa de cumeeira, na verdade, desmontada depois de servir, por algum tempo, à Rádio Itacolomy, de Belo Horizonte.

Mudamos a folhinha, viramos a década. O mundo não acabou, mas ficou de cabeça para baixo. Muita coisa aconteceu. A TV Ceará vivia a contagem regressiva para o instante de entrar no ar.

O Nordeste era mais viável depois da Sudene. As constantes interrupções do fornecimento de energia não cessariam tão cedo, só com a inauguração da linha de transmissão de Paulo Afonso. Mas uma boa notícia foi a da inauguração do terminal oceânico da Gás Butano. A implantação dos taxímetros trouxe algumas gritas. Miss Ceará 1960 foi Wanda Lúcia, representante do Crato. Fortaleza contava, na época, com 514.828 habitantes, foi o que disse o Censo. A contratação de B. de Paiva, pela Universidade, veio animar o panorama teatral do Ceará. A partir de junho, os jornalistas tinha nova rainha Regina Meyer (uma das afirmações da beleza da nova geração em Fortaleza). Ayla Maria gravou Babalu, seu grande sucesso. A doença de Assis Chateaubriand deixava a todos um pouco preocupados. Mas o velho capitão reagia. E a TV Ceará era irreversível.

Novo sorteio de televisores: o de Silcar, entre os compradores de novembro e dezembro. A mesma coisa fez Carneiro e Gentil.

Os Associados voltavam a se comunicar, através de anúncio, com os subscritores de ações da tevê. Solicitavam certidão de idade ou de casamento. O pedido tinha fundamento legal, faria prova de cidadania, visto que somente os brasileiros natos poderiam ser acionistas de emissoras de rádio e televisão.

Transportado de New York pelo Lóide Venezuela chegava ao porto do Recife, a primeira remessa do material para a Tv Ceará. Dentre o material, o caminhão de externas. A cobertura estava concluída, a torre ainda a caminho, restavam poucas ações. Arriscavam uma data provável: maio.

A direção comercial associada soube tirar partido da intenção da Lintas, a "house agency" da Gessy-Lever, de reservar o patrocínio, na nova emissora, da Próxima Atração. "Antes de inaugurada, já tem compromisso para a venda de seus programas", dizia texto editorial de Unitário. Um reforço para convencer o anunciante local, que, seria, pelo menos num primeiro instante, o sustentáculo comercial do canal 2. O "fac-símile" da carta foi publicado com destaque, merecido.

A torre finalmente chegou em meiados de janeiro de 1960. Os jornais publicaram sequência de 4 fotos. Auto-suportável, de fabricação Marconi, pesava 30 toneladas, media 108 metros e teria sua montagem imediatamente iniciada. O alcance da imagem seria de 100 km.

De acordo com o novo prazo, dentro de 60 dias os equipamentos estariam montados. A informação se baseava no embarque no porto do Recife, pelo Rio Doce, da torre americana, de 18 metros, a ser colocada sobre a que já se achava em Fortaleza, e da unidade móvel. A Tv Ceará iria ao ar no segundo semestre.

Programada uma visita de comerciantes à tevê. Um trabalho incansável de Rômulo Siqueira na formação de anunciantes. A foto publicada em jornal registra o esforço e o programa de relações públicas desenvolvido.

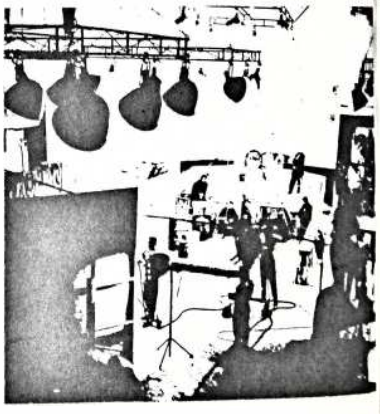
O prazo para a subscrição de ações, que era 18 de dezembro de 1959, passou, de maneira mais realista, para 7 de março de 1960. Acionistas foram convocados para aguardarem no porto a chegava do Rio Doce. O texto retumbante falava em "momento histórico do progresso de nossa cidade, assegurando um atendimento positivo às aspirações progressistas do nosso povo, que sabe compreender os grandes empreendimentos".

O caminhão de externas serviria para cobertura de palpitantes assuntos fora do estúdio, como jogos de futebol e chegada de personalidades ao aeroporto.

Enquanto isso, rompia a parede do Orós, o que provocou uma visita do Presidente JK ao Ceará. Os Associados desencadearam uma Campanha Nacional de Solidariedade. O Palácio da Luz foi cortado ao meio, Brasília inaugurada. Com ela, o Correio Braziliense e a Tv Brasília, pontas de lanças Associadas no Planalto, o núcleo do poder.

Chessman morreu em maio, apesar das listas ao governador da Califórnia que a Rádio Dragão do Mar estimulava a cidade a preencher. A Tv Rádio Clube, de Recife, foi inaugurada em junho.

A próxima atração seria a Tv Itapoan, de Salvador. Depois iria ao ar a TV Ceará, canal 2. Assim estava escrito e previsto.



Contagem regressiva para o grande momento



Um coquetel juntou homens de negócios e jornalistas no canteiro de obras do canal 2. A condução sairia da sede dos jornais, na Senador Pompeu.

Comemorava-se também a chegada ao porto do Ascânio Coelho, trazendo material suficiente para colocar a estação no ar. Teve início a montagem da torre. Os novos prazos, sempre desobedecidos, falavam em outubro.

Bairristas, os jornais falavam na equiparação do Ceará a Pernambuco, cuja estação de tevê associada (a Tv Jornal do Comércio era bem anterior) acabava de ser inaugurada.

Ao contrário do que se propalara, a venda de ações continuava, conforme anúncio publicado em junho de 1960, "O Ceará vai a jato para a televisão. Tv Ceará canal 2 estará no ar mais cedo do que você pensa! Ajude-nos com sua valiosa colaboração, adquirindo ações do mais audacioso investimento do momento".

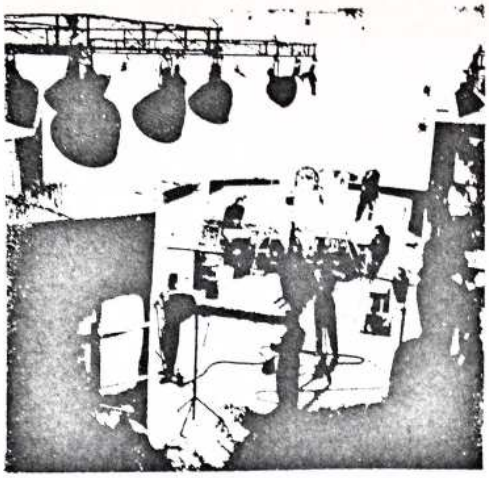
A fotografia teve seu valor documental testado durante a contagem regressiva do canal 2.0 início dos trabalhos de montagem da torre foi registrado juntamente com o caminhão de reportagem. Mais fotos e legendas que falavam na realidade que era a tevê.

Gina Macpherson era a nova Miss Brasil. O populismo janista empolgava o país. Em junho ele fez comício em Fortaleza. Nas páginas de O Cruzeiro, a Fera da Penha. O matador de Aida Curi estaria em Fortaleza. Novo julgamento do crime da ladeira do Sacopã. JK era cidadão cearense. Mais racionamento de energia: 6 horas de fornecimento durante todo o dia e hora e meia à noite. Ayla cantando na TV Jornal do Comércio. Lott veio fazer comício. Prestes depois, de apoio a Lott.

Televisores decididamente passaram a fazer parte de promoções. No Jubileu Sucesso da cadeia de lojas Magazine Sucesso, Super Loja A Capital e Casa vênus, um televisor G.E. No concurso Cautela Milionária da Casa Parente, dez aparelhos de tevê, dentre outros prêmios.

Enquanto a tevê ficava pronta, a prefeitura trabalhava. Cordeiro Neto, o homem da lata, distendeu horizontes da cidade. Rasgou a Perimetral, abriu a Luciano Carneiro, iniciou a Beira Mar e ligou a Aldeota ao Joaquim Távora através da Antônio Sales. Segundo o Unitário, a iniciativa particular "corre paralela com a iniciativa oficial. Na avenida Antonio Sales está o estúdio da Televisão Ceará. E se torna justo que se dê às proximidades da televisão condições de progresso, abrindo ruas, tais como a Antonio Sales e a Estados Unidos". A clareza do texto diz da importância dos Associados na época. O assunto é retomado no mês seguinte (agosto 1960) beirando a cretinice ao dizer que a avenida Antonio Sales que passará em frente à TV Ceará, "virá possibilitar maior facilidade de tráfego para aquele arrojado empreendimento".

Duas fotos da abertura da avenida, publicadas pelo Unitário, dia 31 de agosto, mostram a torre e um mocambo que deveria ser demolido para desobstruir a via. Ela era então chamada de Avenida da Televisão. A legenda falava nos benefícios: a cidade passa a ter mais um pulmão e terá oportunidade de novas e modernas construções com a consequente descentralização demográfica.



Providências mais concretas passaram a ser tomadas. Dia 19 de agosto de 1960, viagem da primeira equipe da Tv Ceará para cumprir estágio em Recife. Seguiam Guilherme Neto (diretor-artistico PRE-9), Narcélio Limaverde (assistente de direção comercial), Daniel Menezes, Henrique Jorge, Mac Dowell Holanda, Clotário Nogueira, Kleber Alcântara, Raimundo Rodrigues, Ivan Prudêncio, Aldailo Silva. "Dez rapazes jovens e talentosos. Dentre eles estarão nossos futuros câmeras, operadores de áudio, de vídeo, projetores e suites".

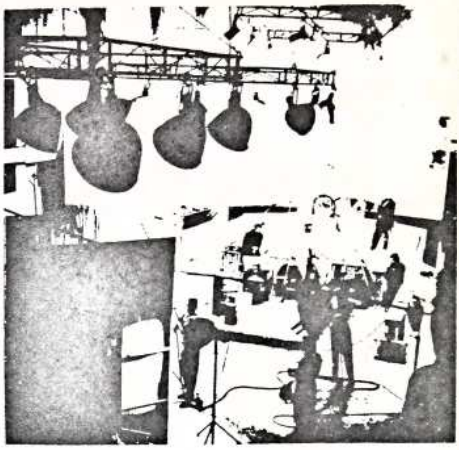
Novo anúncio é de pura expectativa: "O Ceará dá um passo agigantado em seu progresso com a Tv Ceará canal 2". Outra peça: "Cada vez mais próximo... TV Ceará, canal 2. O grande sonho de todos os cearenses! Será realidade antes do fim do ano!" De página inteira, com mais de uma inserção, o anúncio que divulga "a reta final para entrar no período de experiência dentro dos próximos 60 dias", isso em setembro de 1960. Com direito a foto da torre, antena, caminhão externas, sala de controle e detalhe dos transmissores.

Liliane Fiuza era nossa Rainha do Algodão. Cely e Tony Campelo cantavam no Líbano. Sartre e Simone de Beauvoir ganhavam coquetel nos jardins da Reitoria. Jânio fazia novo comício. Judith Sendy, colunista social, organizava desfile de modas e penteados no San Pedro Roof. Mas bom mesmo eram os sorvetes Dahum e sua promoção Palito Marcado, Palito Premiado! Enquanto a rede telefônica de Fortaleza era ampliada, Armando Falcão era Doutor Honoris Causa da Universidade do Ceará. E o professor Roberto de Carvalho Rocha chegava dos Estados Unidos dizendo que a televisão lá era veículo de cultura.

Por via das dúvidas o prefeito Cordeiro Neto dava o exemplo e comprava na loja A Televisão o seu Standard Electric de 21 polegadas.

Jânio venceu. Ivanildo e seu conjunto gravou disco na Mocambo e novo anúncio apelava para nosso lado previdente, "adquira logo agora seu aparelho de televisão. Não deixe para comprá-lo na hora em que todos estiverem querendo fazer o mesmo". E fazia a promessa da estação entrar em caráter experimental em novembro.

Em outubro de 1960 (dia 25) Luciano Diógenes inaugura na imprensa cearense o colunismo especializado em tevê: TV Notícias. Que publicava fotos dos primeiros testes de imagem da Tv Ceará, em circuito fechado, falava na média de três televisores vendidos por dia na cidade e fazia referência ao início, dia seguinte, 26 de outubro, do curso que Péricles Leal ministraria para a formação de realizadores de tevê, o 3º CPET. Estávamos a exatos um mês da inauguração da Tv Ceará. O pessoal técnico chegou de Recife, depois de 40 dias de estágio. Os contratos de publicidade estavam sendo fechados. Mais que nunca a Tv Ceará era uma realidade.



Uma estética de televisão

Apesar da organização nunca ter sido um dos fortes dos Diários Associados, urgia planejar as atividades quando a rede partia para uma expansão realmente nacional, a partir de 1959.

Visava-se, primordialmente, evitar improvisações que marcaram o anedotário dos primeiros tempos de tevê, com prédios inadequados, pessoal vontadoso, mas sem formação específica, porque egresso do rádio e falta de uma linguagem do próprio veículo que tantas potencialidades oferecia.

Foi quando se organizou o primeiro Curso de Preparação de Equipes de TV, no Rio, de onde sairiam as equipes da Tv Piratini, de Porto Alegre e Tv Itapoan, de Salvador. Em 1960, nova experiência com novo curso ministrado para o pessoal da Tv Rádio Clube, de Recife.

Em novembro do mesmo ano, a experiência era retomada, pela terceira vez em Fortaleza, através de Péricles Leal, paraibano de Alagoa Grande, 30 anos, passagem pelo jornalismo, ligação funda com o teatro e compromisso maior com a televisão, veículo a que deu uma grande contribuição, ao juntar e publicar em 1964 (Gráfica Falangola Editora) os apontamentos destes cursos de formação de realizadores, que constituem o livro "Iniciação à Televisão".

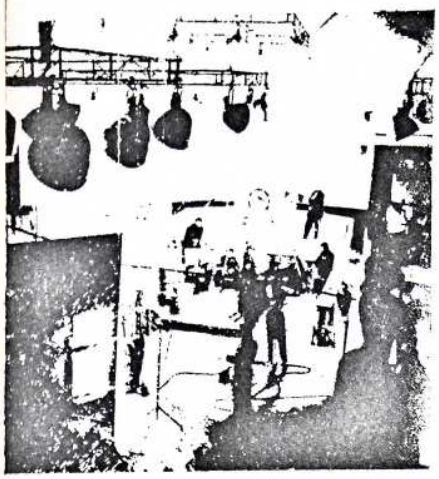
Em Fortaleza, além da preparação do pessoal, Péricles Leal ficou, por um ano, "à frente das equipes por nós formadas, acompanhando passo a passo seu trabalho, empregando os métodos e os ensinamentos teóricos. Foi a mais fascinante experiência de nossa vida de homem de TV", diz ele na introdução à publicação.

Em agosto de 1961, transferido para Belém, ele teve a oportunidade de repetir a experiência, mas é o CPET de Fortaleza que interessa ao desenvolvimento deste texto.

O curso foi aberto às 14 horas do dia 26 de outubro, uma quarta-feira, no auditório da Casa do Jornalista. Durante 30 dias, das 14 às 18 hotas de segunda a sexta, e aos sábados de 9 à meia noite, o pessoal esteve envolvido com o curso que pretendia, no dizer de P. Leal, "abolir com a improvisação no que tange à feitura de programas". Eduardo Campos falou na abertura para a clientela sobre a importância do curriculum ministrado. Importante ressaltar que o curso era exclusivo para jornalistas e radialistas associados. Na lista dos alunos: Aderson Braz, João Ramos, Geraldo Fontenele, Lustosa da Costa, Nogueira Saraiva, Augusto Borges, Lima Cavalcante, Juarez Temóteo, Milano Lopes, Luciano Diógenes. A lista continuava com Renato Aragão, Emiliano Queiroz, Ary Sherlock, Virgilio Machado, Ibiapina Gomes, Maria José Braz, Neide Maia e Karla Peixoto.

O CPET se dividia em três partes. Numa fase inicial, conhecimentos básicos de tevê (linguagem, pontuação, desenvolvimento temário, esquema de realizações. Na segunda parte, prática, a feitura de um roteiro. Finalmente, no estúdio, em circuito fechado, com a participação de artistas e da equipe técnica, a realização do roteiro desenvolvido.

Depois de duas semanas de aulas teóricas, as provas para o pessoal do CPET. Geraldo Fontenele desenvolveu tema natalino. Guilherme Neto, uma telenovela: Conflitos. Augusto Borges criou um quadro humorístico com uma personagem Dona Bofélia. Milano Lopes adaptou Gorki. E assim por diante.



Restaram seis que constituiram a equipe primeira de realizadores da Tv Ceará: Guilherme, Ary, João Ramos, Augusto, Lustosa e Renato Aragão. Com a defecção de Lustosa da Costa, que produzia apenas seu programa "Política Quase Sempre" e o afastamento de Renato Aragão quando de sua viagem para o Rio, em setembro de 1963, o quadro foi acrescido de Hildeberto Torres, ex-suite e Gonzaga Vasconcelos, com passagem pela tv carioca.

Na prática, o discurso estético de Péricles Leal sofreria algumas adaptações e ajustes. O desenvolvimento de uma linguagem amadurecida de tevê passaria por um processo de aprendizagem, de exercícios no dia-a-dia do estúdio, sem erros que pudessem comprometer a qualidade final de um programa.

O afastamento do rádio teria que ser progressivo. Afinal a tevê seria, pelo menos no início, um rádio com imagens. O caso cearense já vai encontrar um panorama modificado por nove anos (em termos brasileiros) de tentativas e aproximações.

Mas os grandes valores vieram do rádio (João Ramos, Laura Santos, Mirian Silveira, Karla Peixoto) e precisavam de tempo. Não deixa de ser significativo o fato da estação não contar, nos primeiros tempos, com um auditório.

Seu autoritarismo foi importante, avaliado agora, para a atribuição de responsabilidades, definição de equipes e métodos de trabalho. Depois a tevê poderia deslanchar.

O fato dele ter trazido um pacote de realizações, se aliviou o pique inicial de trabalho poderia, por outro lado, ser responsável pela inibição de vocações e propostas que só vieram à tona depois de sua partida. A transição para Guilherme Neto aliviou um pouco as tensões. O novo diretor integrava-se à equipe de realizadores sem colocar vaidades pessoais acima do desenvolvimento de uma linha de trabalho.

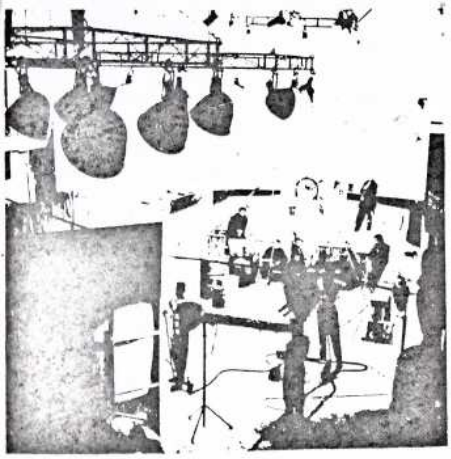
Os poucos recursos de que dispunha a tevê de então, comparados aos de hoje, também iriam amarrar um pouco a evolução do que seria uma linguagem peculiar ao novo veículo. As câmeras pesadas (e sem lente zoom) aqui no Ceará exigiam musculosos operadores. A precaridade da mesa de cortes não permitia uma soltura dos suites.

O delírio ficava então por conta do ranço Cecil B. de Mille de impressionar pela embalagem. Péricles Leal levou esse padrão ao paroxismo no final de sua temporada fortalezense. Qualidade passou a ser sinônimo de grandiloquência.

O reforço da teatralidade no Contador de Histórias ficou evidente, a ponto de um deles ter sido convidado para participar de um festival de teatro. A dificuldade do recurso cinematográfico comprometia o resultado final de alguns espetáculos.

Não se trata de invalidar seu trabalho, ele teria deixado como grande contribuição uma dedicação, um senso profissional, um nível de detalhamento. Anunciava uma nova televisão nas aulas do CPET, mas insistia ainda num modelo pesado que perseguiu a televisão brasileira por muito tempo. A coleta dos frutos de uma tevê amadurecida foi atropelada pela centralização da produção que desmontou os núcleos regionais. Mas tivemos momentos de desenvolvimento de uma linguagem televisiva, a partir das aulas de P. Leal e da vontade de acertar da gente da Tv Ceará.

A véspera da festa



As fotos das primeiras emissões experimentais nos mostram Eduardo Campos, João Ramos e Augusto Borges fotografados por Geraldo Oliveira. O povo acompanhava cada nova etapa. E sabia pelos jornais da fidelidade de som e imagem.

Novo anúncio prometia: "Todo Ceará dirá: valeu a pena esperar pela Tv Ceará. A melhor imagem para uma grande programação".

A crônica de Geraldo Fontenele, na PRE-9, concluia esperando que "os dias corram depressa, para afinal enfrentarmos o diabo desse bicho papão, a televisão".

Tarcísio Tavares, na coluna que assinava em Gazeta de Notícias, Publicidade e Investimento, ousava tocar num assunto que devia assustar um pouco. "Será possível manter uma estação de tevê em nossa capital, um investimento de cerca de 20 milhões de cruzeiros, com despesas vultosas com pessoal técnico e artístico? Haverá anunciantes com verbas sobressalentes para divulgar suas mensagens pelo vídeo?". E ele mesmo respondia, de maneira enfática: "A nossa resposta sempre foi afirmativa. A tv vai incrementar uma série e novas fontes de riquezas, que ingressarão no circuito econômico do novo empreendimento. Economicamente é viável, ninguém se assuste, uma estação de tevê em Fortaleza".

A coluna de Luciano Diógenes motivou bastante o mercado ao divulgar, por exemplo, a relação das lojas que vendiam televisores. Mais importante, talvez, tenha sido a divulgação dos anunciantes locais. Casa Parente, Flama, Cimaipinto, Álvaro Dias, Livraria Alaor, Ceará Gás Butano, A Cruzeiro. A que vieram se somar Siqueira Gurgel, Manufatura Araken de Cigarros, Ibram, Banco União, Importadora do Nordeste, Banco de Crédito Comercial, A Cearense, Banco dos Proprietários, Armazém Nordeste, Loja Rouvanni, Armazém Paissandu, num verdadeiro quem-é-quem do comércio, indústria e serviços cearenses da época.

Novas sugestões de Tarcísio Tavares: televisores em casas de merenda, bares e sorveterias, o que significaria aumento espetacular de vendas.

Os clubes não ficaram de fora, a Sociedade Bairro de Fátima teria adquirido um televisor. Segundo a coluna TV Notícias, o Náutico teria feito o mesmo.

Anunciantes nacionais: além da Lintas que reservara o anúncio da Próxima Atração, Banco Nacional de Minas Gerais, Banco do Comércio e Indústria de de Minas Gerais, Lojas A Pernambuna. Teriam também patrocínio nacional as transmissões esportivas e carnavalescas.

Dário Macedo na coluna Passarela, de O Estado (1.º novembro 1960) saudava a Tv Ceará como "um autêntico tento do progresso. É a afirmação da capacidade destes mesmo homens que fizeram a velha PRENOVE, um verdadeiro e querido patrimônio de nossa terra".

Emiliano Queiroz, um cearense que voltava depois de ter feito teatro no eixo Rio/São Paulo dava curso para atrizes. Karla Peixoto, Lourdes Martins, Angela Maria, Laura Santos e Maria José Braz aprendiam os macetes de como se portar diante das câmeras, elas que tinham tido toda uma vivência de microfone.

Foi também aberto um curso para anunciadoras. Dentre as exigências, ter entre 18 e 30 anos (menor só com autorização dos pais), altura mediana, curso secundário, reforçado pela obrigatoriedade de saber ler e escrever corretamente e facilidade de memorização. As provas seriam de conhecimentos gerais, desfile, desembaraço, improvisação e boa memória. A convocação fa-

lava que seria uma "boa oportunidade para moças bonitas e inteligentes de Fortaleza". Seria uma grande revolução na publicidade cearense, a entrada em cena daquelas que os autores consideram os primeiros mitos da televisão brasileira, as garotas-propagandas.

A casa se preparava para a festa. O Departamento Comercial, com Tarcísio Correia, Jomar Pereira e Heitor Costa Lima não parava de fazer slides. Todas as aberturas e créditos dos programas, chancelas, patrocínios e anunciantes.

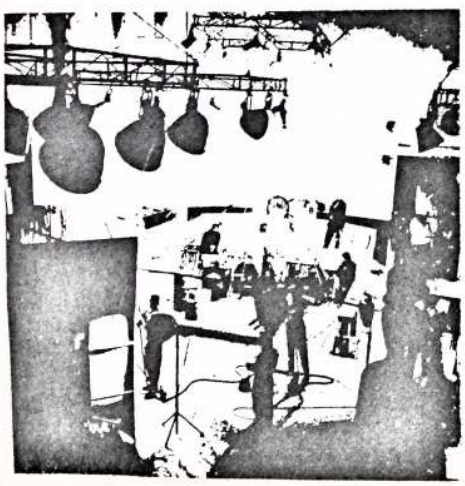
João Ramos, até então radiator, locutor esportivo e comercial e animador de auditório mostrava seu outro lado, o de eletricista, cuidando das instalações, iluminação e sinalização da Tv Ceará. Geraldo Guimarães, iluminador da Tv Tupi supervisionava tudo.

Wilson Machado e Aliatar Bezerra, no Recife, estagiavam no Departamento Esportivo da Tv Rádio Clube. Leocácio Ferreira e Paulo Sales compunham o Departamento de Cinema. Geraldo Oliveira, chefe do Departamento Fotográfico do Correio do Ceará e Unitário, faria slides e fotos que documentassem todos os programas e exibição de artistas e cantores. Desmentindo rumores que davam conta da contratação de Aécio de Borba, Narcélio Limaverde foi anunciado como apresentador da versão cearense do Repórter Esso, o Repórter Prenove, depois Cruzeiro, por conta da vinculação do nome do patrocinador ao título do noticioso.

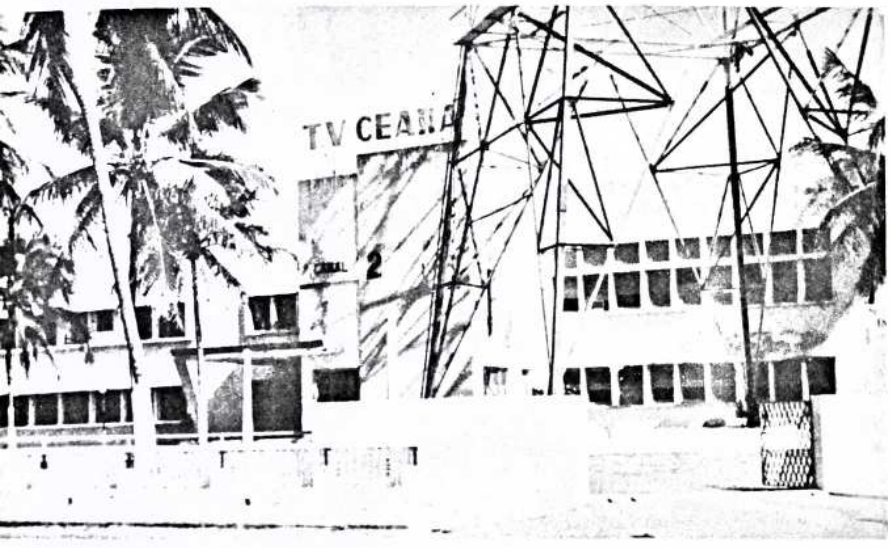
Dia 4 de novembro uma ligeira emissão experimental. Poucos souberam e estavam na expectativa. A demora, atribuída no início à falta de um manual de instrução da RCA, agora era transferida para duas válvulas que faltavam e chegariam, via Varig, de New York. Os Diários Associados se apressavam em desmentir rumores de adiamento da festa de inauguração. Tudo estava programado para 26 de novembro, sábado. A chegada do engenheiro eletrônico Igor Olimpiew, diretor técnico dos Associados e responsável pela instalação das novas estações veio trazer novo alento. Esta novela emocionava a cidade.

Mas Fortaleza se divertia com sua nova atração. A tevê virou atração turística. A direção emitiu nota dizendo do seu prazer em receber visitas, principalmente de acionistas. Mas teve que voltar atrás, "muito a contragosto". O número de curiosos causou a paralização dos trabalhos. E não dava para parar, naquele instante.

Dia 20 de novembro, a Tv Itapoan foi ao ar. A Tv Ceará seria a próxima atração. A montagem do equipamento eletrônico chegava ao final. O jornal fala em esforços diuturnos. Olimpiew, João Ramos, Normando, Carpes, Cabral, Gonzalez dão duro. Valeu a pena. Dia 24, o povo vibrou, apesar do "adiantado da hora", 21:30, gente acorreu às vitrines, fez festa nas casas, a foto mostrava pessoas em cima dos carros defronte a Irmãos Carvalho. Numa foto aérea, Geraldo Oliveira captou a nova tevê circundada pelos coqueiros da Estância Castelo. A festa seria amanhã.



A casa revisitada



O ponto era dos mais altos da cidade: 35 metros acima do nível do mar. Os coqueirais da Estância se perdiam de vista. Aqui ficava a casa. Frente para a avenida Antonio Sales, entre as ruas Oswaldo Cruz e Visconde de Mauá. Numa área de 5.808 metros quadrados, hoje ampliada para uma quadra, onde se localiza a holding do Grupo Edson Queiroz.

O edifício de dois andares, pintado de tinta dágua amarela. Na frente, a torre como um marco. Dentro a fase viva da televisão no Ceará.

Alcançar a portaria, vislumbrar o hall onde depois afixaram a frase de Assis Chateaubriand: "tudo aqui é bem feito e feito com amor". Logo depois ficava a central telefônica. A sala da direção artística ficava contígua à do telejornalismo. O hall, dava acesso à sala de maquilagens, sanitários, rouparia, sala dos realizadores, tráfego artístico, discoteca e sonoplastia, isso do lado esquerdo. À direita de quem entrava, vestiários femininos, sala de ensaios de leitura, departamento de cinema e saleta para guarda de adereços.

Ao fundo do hall, uma porta dava para uma sala de espera que ligava os estúdios A e B, à esquerda e direita, respectivamente.

O estúdio A, todo forrado de lã de vidro como tratamento acústico, com monumental pé direito de 13 metros, média 25x15m, perfazendo uma área de 375m2. O piso em pastilhas de cor neutra, cinza claro, não interferiria nos futuros cenários.

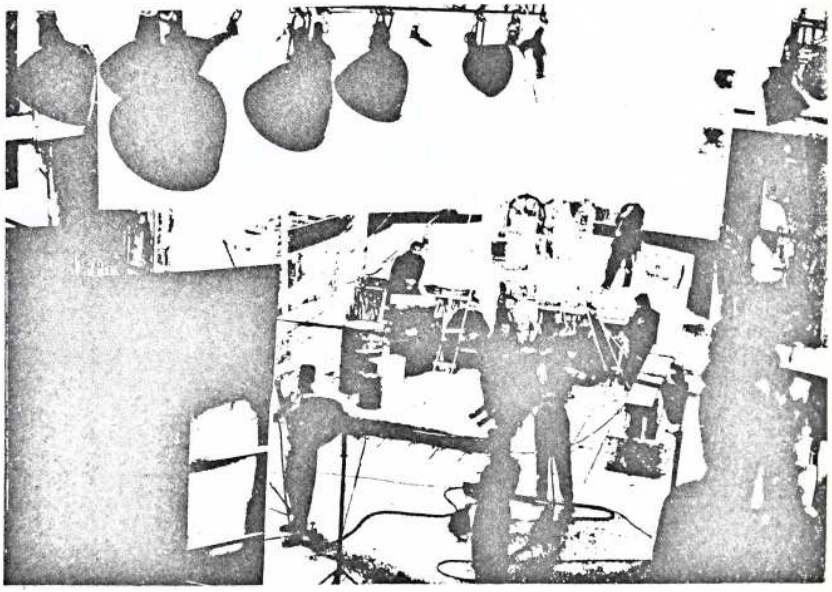
O estúdio B, medindo 15x15m (225m2 de área) seguia as mesmas especificações técnicas. Somados significavam 600 metros quadrados que permitiam montagens grandiosas, com mais de 20 sets, com espaço bastante para a movimentação das câmeras, girafas e tripés de iluminação.

Do teto pendiam seis grades de iluminação. Cada uma com nove panelões, sustentadas por cabos de aço para regulação manual de altura.

Além da iluminação alta, a estação contava com 9 gigantes com 3 panelões cada. Se toda essa iluminação fosse usada ao mesmo tempo geraria um calor de quase 60 graus, dos 70.000 kilowatts de luz.

O grande portão leste era escancarado muitas vezes para não deixar que o suor empapasse os atores ou que a maquilagem escorresse derretida. Isso era possível pela ausência de rush na tranquilidade quase rural da velha Estância Castelo.

Ligado ao estúdio A funcionava o depósito de materiais cenográficos. O estúdio B era vizinho da carpintaria onde ganhavam forma os cenários da equipe de Rinauro Moreira, onde além de João de Deus, Moura e J. Fernandes, passaram talentos jovens como o de Horestes e de Audifax Rios. A con-



tra-regra artística e comercial ficava no mesmo espaço, confinado a um canto.

Voltando ao hall, uma escada à direita dava acesso ao segundo pavimento. À direita, escritório de engenharia, departamento de arte, sanitários e tráfego comercial. À esquerda a sala de operações, com oficina, transmissores, master, controles de vídeo. Num praticável alto, a mesa de cortes e áudio, tendo à frente os monitores e atrás a ilha de telecine. Um grande janelão de vidro dava uma visão ampla do estúdio A. Duas outras vidraças vasavam para a pequena cabine de locução e para o Estúdio C, o dos comerciais, palestras ou programas de câmera 1.

As demais dependências do edifício eram destinadas à administração da empresa, envolvendo escritórios, sala da superintendência e da direção comercial.

Em fevereiro de 1965, com as obras de ampliação, o segundo andar foi preparado para instalação do equipamento de vídeo-tape.

No ano seguinte, a tevê ganha a companhia da Ceará Rádio Clube, tendo sido o espaço da carpintaria reaproveitado para a instalação da PRE-9 com seus escritórios e a cantina. O estúdio B foi, nessa mesma reforma, transformado e auditório.

Por último os jornais vieram se somar, racionalizando operações, facilitando as comunicações e operacionalizando o conglomerado associado no Ceará.

A lente desfoca. Aquele recurso que indica mudança de tempo. Volta-se uma página do velho álbum. Fecha-se a porta que dava acesso à casa. Ninguém estava lá. Não pulsa mais o ânimo de fazer tevê no Ceará.

O grande dia

A Assembléia Legislativa aprovou, por unanimidade, voto de louvor, proposto por Edval Távora, pelo evento, "decisivo marco para o progresso e desenvolvimento do nosso Estado".

E foram formadas comissões para recepcionar Juracy Magalhães e João Calmon no Aeroporto. A programação oficial previa banquetes, um no Ideal oferecido pelo Governador em exercício Wilson Gonçalves. Outro no Náutico pelo Prefeito Cordeiro Neto. Muitos discursos e declarações. Cinco dias de programação extra, depois então viria a programação normal.

As Agências Audiomac sairam com um anúncio ufanista: "Televisão, a maior novidade da Terra da Luz".

Chateaubriand, convalescente, mandou cabograma: "A você, meu caro capitão tabajara que chegue meu abraço pela obra titânica realizada em tão pouco tempo. Esse abraço não é só para o chefe e seu tacape, mas também para todos índios flexeiros nessa maloca televisionária. Inexcedível piloto e toda equipagem desafiam ardente entusiasmo pela missão admiravelmente cumprida". O destinatário era, sem dúvidas, Eduardo Campos.

Mais conciso, o Governador Parsisal Barroso, dos Estados Unidos, onde acompanhava a mulher em exames médicos, também cabografou: "Cordiais felicitações grande vitória associada".

As 17 horas de sábado, 26 de novembro, com todo o cuidado para não tropeçar na palavra telespectadores, Aderson Braz foi ao ar, oficialmente. Em nome de Dom Lustosa, o padre Misael Gomes abençou as instalações da Tv Ceará.

Calmon falou no "heróico esforço pioneiro sem visar lucros". E citou a Tv Ceará, como "elo da unidade nacional". E disse de sua rebeldia, como tuchaua da tribo associada contra "a excessiva concentração dos instrumentos do progresso no sul".

Paulo Cabral, ex-prefeito de Fortaleza, eleito aos 28 anos, por conta do prestígio da Ceará Rádio Clube leu mensagem de Chateaubriand: "Brasil seria dono de metade do mundo se estivesse em poder dos cearense nos últimos 30 anos".

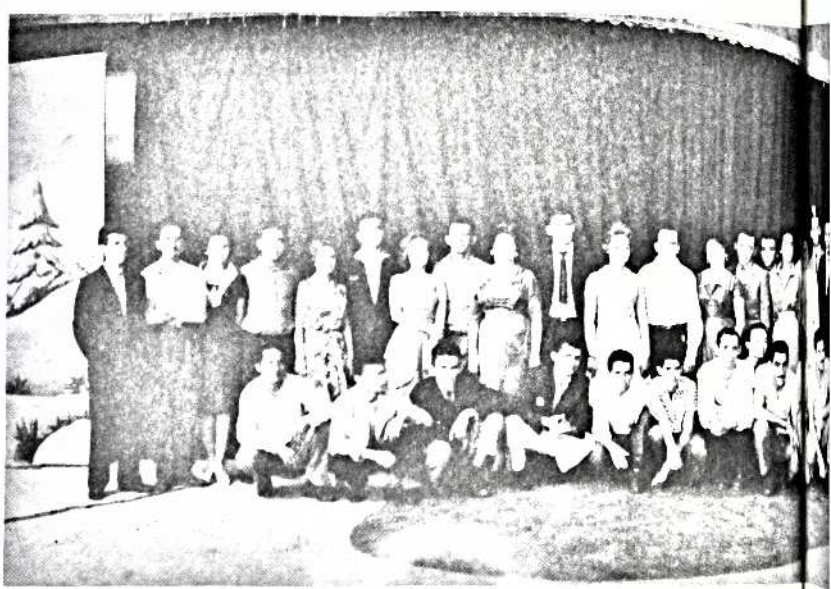
Cordeiro Neto enaltece a Tv Ceará como "marco para o progresso de nossa capital". Mais tarde ele ocuparia tempo para saudar, às 18:35 horas o empreendimento, numa prática muito frequente nos primeiros tempos da Tv.

Wilson Gonçalves enaltece Chateaubriand: "Tv Ceará demonstra capacidade e iniciativa dos Associados".

Eduardo Campos Lembrou que a "Tv Ceará a muitos pareceu miragem de cearense". E complementou com um "Fortaleza progride. Progresso que leva Fortaleza à sua esperada condição de maioridade".

Juracy Magalhães, padrinho da estação, lembrou os anos em que viveu em Fortaleza, cidade onde nasceu em 1905, ressaltou o significado da inauguração da Tv Ceará e fez uma análise da situação do Nordeste, o que constituiu o ponto alto de seu pronunciamento.

Governador da Bahia (1958 a 1962), Juracy Magalhães teve destacada participação, como tenente, na revolução de 30. Afastado do Ceará, fez vida política na Bahia, sendo eleito Governador pelo voto direto. General em 64, foi ministro do Governo Castelo Branco. A festa de inauguração da Tv Ceará funcionou como caixa de eco para um pronunciamento político de sua parte buscando repercussão nacional. A ele coube o corte da fita, coadjuvada por Wanda Lúcia, Miss Ceará.

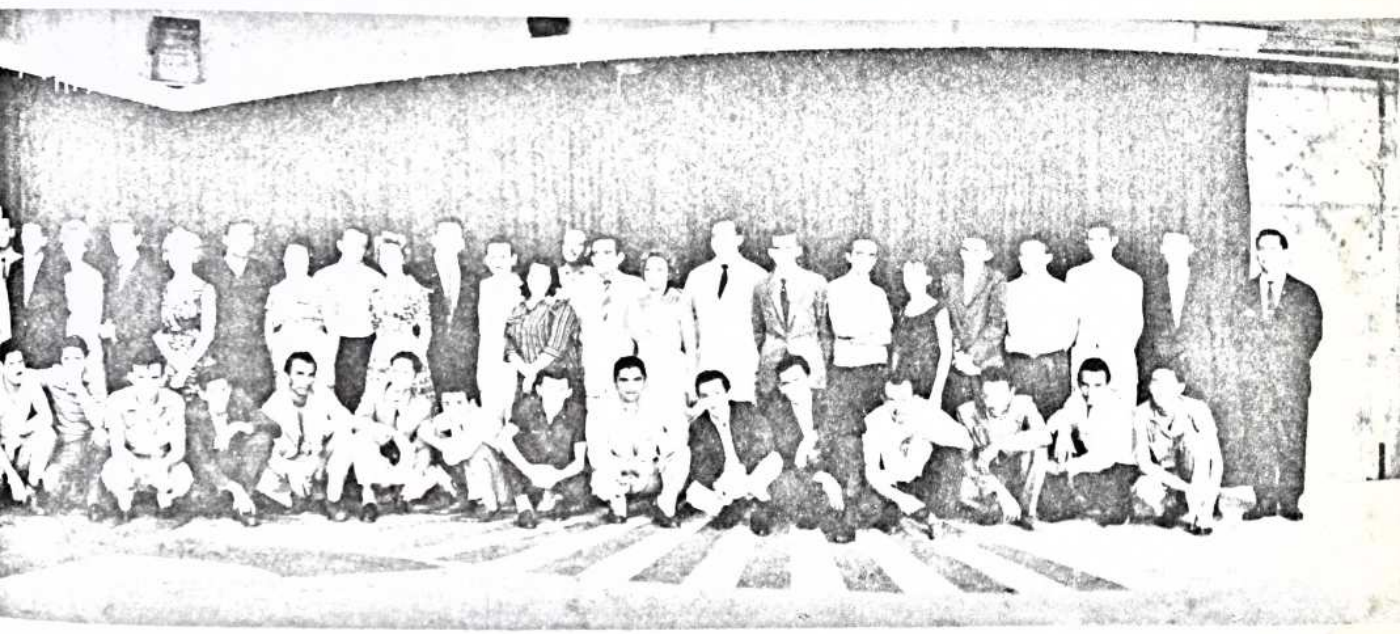


Paulo Cabral leu mensagem de Herbert Moses, presidente da ABI, do industrial cearense Fernando Pinto e aproveitou para lembrar o pioneiro Diogo Vital de Siqueira.

Depois de filmes, intervalos comerciais e da palavra do Arcebispo (19,10) teve início a festa da Concha Acústica da Universidade do Ceará.

Anunciou-se um show "dos mais autênticos, com números regionais, dança, música clássica, orquestras locais. Na pauta, Madrigal do Conservatório, Orquestra Sinfônica Henrique Jorge, Ballet Regina Passos, Orquestra PRE-9, elenco PRE-9 e artistas de fora, no caso Gilvan Chaves e Carmen Déa. Patrocínio Ceará Gás Butano, Casa Parente, Banco União. Apresentação de Augusto Borges e Maria José Braz.

Dando sequência à programação especial, depois de uma entrevista com o Prefeito, no domingo, a primeira transmissão esportiva do Presidente Vargas: Ceará x Gentilândia. Além de novo show de Gilvan Chaves e dois documentários de realizações do DNOCS e Governo do Estado, um Guia Poético e Sentimental de Fortaleza, escrito por Guilherme neto e lido por Mozart Marinho. Ary realizou um musical "Na batida do Xaxado". O ponto alto da noite ficou por conta de "A Fúria dos Justos" de Eduardo do Campo, realiza-



ção de Péricles Leal, com João Ramos, Dora Barros, Ary Sherlock, Wilson Machado, Isis Martins e Paulo Oliveira. Que com o título de "Os Deserdados" e numa concepção para tevê de Hildeberto Torres, representou, em 1967, a televisão brasileira em Barcelona, ganhando uma terceira colocação no Prêmio Ondas.

Na segunda, horários comprados pela Assembléia Legislativa e Câmara Municipal, filmes, um recital da cantora lírica Teresinha Vieira, mulher de P. Leal e a estréia de Augusto Borges como o realizador na comédia "Lua de Mel Atrapalhada", com Danúbio Bezerra, Karla Peixoto, Ângela Maria, Wilson Aguiar, Edésio Amorim, Silvio de Castro, Edmilson Queiroz e Wilson Machado. "Movimentada e hilariante, com tema moderno e leve", segundo os jornais.

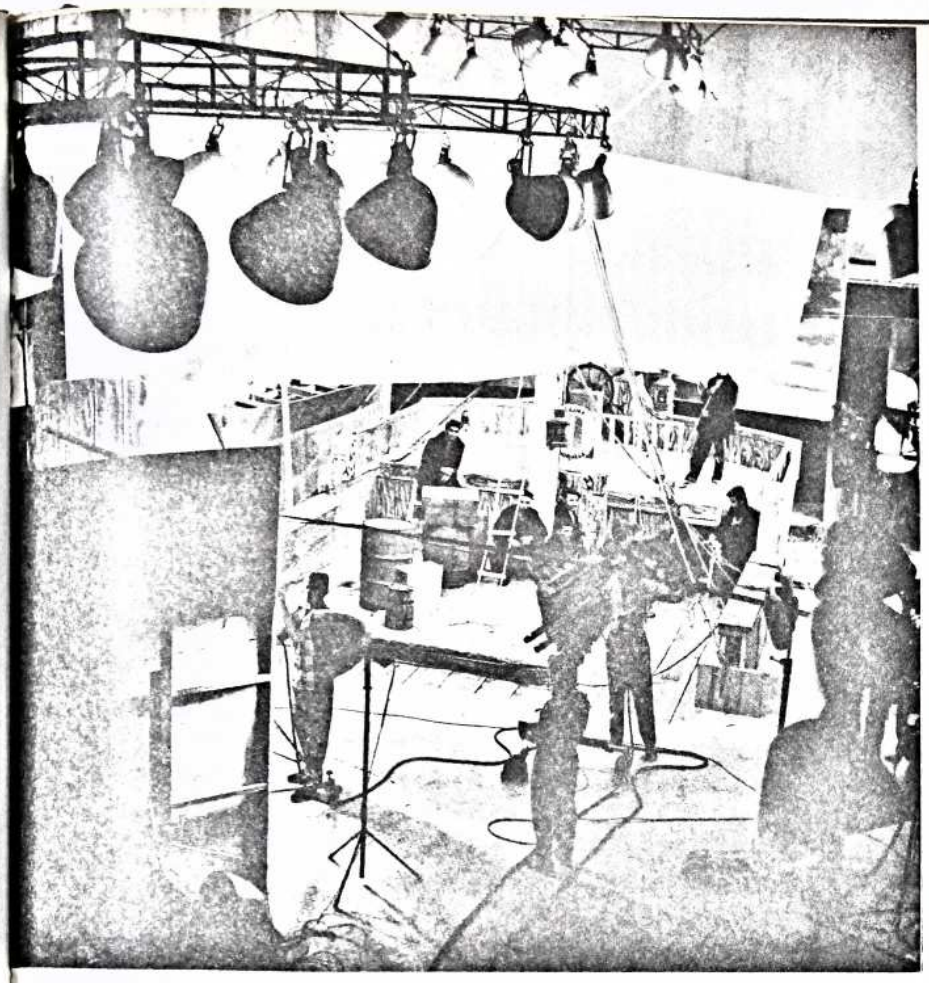
Terça-feira foi o dia de estréia do programa do Governo do Estado, de Guilherme Neto cantando canções de seresta e do teleteatro "O Anjo", de Eduardo Campos, com João Ramos, Maria José Braz, Karla Peixoto e Mozart Marinho. Encerrando, a participação da Comédia Cearense com "A Canção dentro do Pão", de R. Magalhães Jr, realização de Ary Sherlock, com supervisão de Haroldo Serra e B. de Paiva, que também integravam o elenco ao lado



de Hiramisa Serra, Ary Sherlock, Edmilson Queiroz e Assis Santos.

Renato Aragão estreiou na quarta-feira, com a "Comédia da Cidade", semente do Vídeo Alegre futuro. No elenco, o próprio Renato, Wilson Aguiar (Cheiroso), Karla Peixoto, Isis Martins, Neide Maia, Edmilson Queiroz. Edésio Amorim e João Holanda. Depois do show de Carmen Dea, realizado por Ary Sherlock, um espetáculo com o elenco do Curso de Arte Dramática. "A jangada não voltou" tinha texto e direção de B. de Paiva, realização de João Ramos e no elenco: Atualpa Frota, Roberto César, José Humberto, Gracinha Figueiredo, Iracema Pedrosa e Edilson Soares. De permeio, mais realizações da Prefeitura, filmes e comerciais.

Estava concluída a programação de inauguração. Passada a euforia, entraria a tevê em sua rotina de trabalho, com a eterna renovação de quem trabalha com criação e não se repete nunca. A partir daí é que começaria a prova de fogo.



Algumas questões de ordem técnica

É controvertida a questão da novidade ou obsoletismo do equipamento da Tv Ceará. O depoimento de Francisco Cabral reforça a primeira hipótese, tudo teria sido importado e chegado aqui em primeira mão. Outros falam na renovação e atualização técnicas das emissoras do sudeste que forçavam uma transferência de material caduco ou não tão em dia com as novidades tecnológicas.

Existe consenso em relação à torre Marconi, de 300 pés, que veio de uma rádio mineira. Aqui, na RFFSA ela teve seus isoladores de porcelana substituídos por blocos de ferro fundido para posterior fixação às bases de concreto.

Na oficina mecânica da PRE-9, na avenida dos Expedicionários, onde hoje funciona o Romcy-Montese, foi feita a parte mecânica de sustentação do mastro, da antena, bem como os suportes de linha (dois canos que descem aos transmissores) e braçadeiras. O restante, absolutamente novo ou não, era retirado das caixas para ser instalado e propiciar o sinal à Tv Ceará.

A dificuldade maior em por a estação no ar ficou por conta de defeito em uma das linhas. A contagem regressiva deixava a todos muito apreensivos. Tudo estava pronto para a inauguração dia 26 de novembro.

Ao dobrar a linha, constituida por cabos co-axiais de cobre 7/8, gerou-se um curto-circuito que levou dois dias para ser detectado em seu ponto exato. Daí o corte, a solda e a estação no ponto de entrar no ar. Mas pintou outra questão de ordem técnica. A câmera do telecine (TK 21-C) entrou em pane depois de ligada. Constatado engano na conexão do cabo, agora sim, o espetáculo poderia começar.

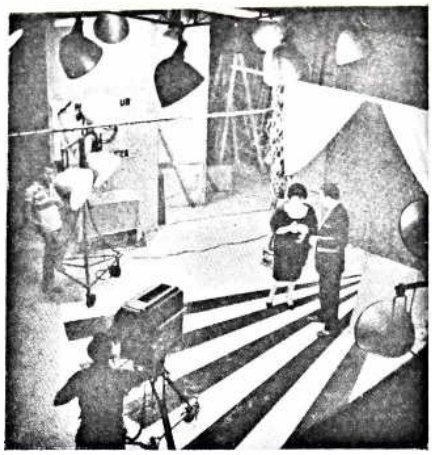
Na retaguarda, uma equipe que contava na véspera da festa com a presença de Igor Olimpiew e José Carpes, da Tv Tupi, além de Antonio Normando, Francisco Cabral e José Maria Gonsalez, a quem caberia no dia-a-dia a função de colocar a estação no ar.

As duas câmeras para estúdio Orticon (2,5 polegadas) TK-21-C, eram as mesmas utilizadas nas transmíssões externas. Por isso, cada um destes deslocamentos para reportagens implicava numa delicada operação de desmontar/levar/trazer/alinhar que durava pelo menos 90 minutos, tempo em que apenas a câmera de telecine e a dos comerciais poderia funcionar. Esse tempo era invariavelmente preenchido com sessões de cinema.

A câmera dos comerciais ao vivo, uma Vidicon TK-15/TK-35 foi a primeira a ganhar uma lente zoom, em razão das proporções reduzidas do estúdio (6x8m), literalmente tomado por material a ser "vendido" pelos anunciadores. O difícil rolamento da câmera dentro desse estúdio que ficava na parte superior do edifício, impedindo uma maior mobilidade da equipe, fez com que a aquisição do zoom passasse a ser prioritária dentro dos planos de expansão da emissora, principalmente ao se levar em conta que esse fator influia, diretamente, em seu faturamento.

As câmeras do estúdio operavam com torres de lentes, de difícil manuseio por parte do pessoal técnico para a obtenção, no tempo certo, do efeito sugerido pelo realizador, na decupagem do programa e que o suite se encarregaria de selecionar na mesa de cortes.

A potência do transmissor em seu período de ajuste de 100 watt ou 0,1 kilowatt, logo regulado para 500 watts em relação ao vídeo e 200 watts em relação ao áudio. O bastante para que ela funcionasse a contento, como estação pequena que foi durante os cinco primeiros anos.



Não existe exagero em se dizer que o sinal da Tv Ceará era excelente. Chegou mesmo, excepcionalmente, a ser captado em Goiás e Minas Gerais. Aqui no Ceará, notícias subsequentes à inauguração diziam de sua recepção em Itapagé e Pacoti, sem que nenhum sistema tivesse sido implantado ainda para interligar o Estado através do seu sinal.

Quando se falava em "cidade ideal para televisão", os técnicos levavam em conta, além da planura da cidade, a pouca interferência que ela sofria. A opção Associada por um canal baixo para sua expansão posterior a 1959, tinha várias justificativas técnicas. Os canais baixos, o 2 por exemplo, permitem um raio maior de propagação, dá uma certa encurvada à distância, ao contrário dos canais altos que seguem em linha reta, tangenciando a terra.

Ainda por cima, os televisores fabricados nessa época tinham certas dificuldades em funcionar em canais altos, em razão de problemas de ajustes nos sintonizadores RF. Não tendo bom desempenho, as válvulas deixavam de captar quando começavam a envelhecer. Com o tempo e o avanço tecnológico, a situação se inverteu. Os canais baixos sofrem interferência de liquidificadores, elevadores, relés de geladeiras e isoladores de tensão. O que não dava para ser tão forte na Fortaleza de 1960. A forma de compensar é aumentando a potência, o que a Tv Ceará fez por volta de 1969, substituindo o transmissor de 500 watts por um de 2.000 watts.

Em relação ao caminhão de externas que forçou a um corte de viga e a um rebaixamento de piso para entrar no estúdio, funcionava em conjunto com equipamento de micro-ondas, que permitiu reportagens do Presidente Vargas do carnaval de rua, do Náutico (eleições de miss), a começar da inauguração, quando Cabral e Carpes postados na caixa d'água da Reitoria da Universidade levaram ao ar nossa festa primeira.

Dentre os equipamentos terminais: gerador de sincronismo, distribuidores de vídeo e de pulsos, processador de vídeo, mesa de corte, mesa de áudio e suites para monitoração.

No telecine, além do projetor de slides e de dois projetores de filmes, a câmera. A registrar a grande quantidade de material de reposição. Mais toque brasileiro na lente 600 para futebol e nos amplificadores de áudio e intercomunicadores montados na PRE-9.

O equipamento de controle de foco do Orticon, por ser de fácil construção e por medida de economia deixou de ser importado. E foi feito também nas oficinas da velha PRE-9.

A estação contava com um equipamento moderno, ajustado, eficiente. Mas insuficiente para a tentativa de grandes vôos que ela alçou em sua programação ao vivo. Contava com poucos microfones e poucos canais de entrada em mesa em relação ao pique de superproduções em que ela entrou, principalmente no contador de Histórias. Cartazes como O Lobo do Mar, Beau Geste, Quasimodo e Esmeralda exigiam uma força de vontade da equipe de operadores para acompanhar as exigências da realização. Mas pode-se dezer que tudo corria bem no estúdio A, com seus vários sets rescendendo a cheiro forte de tinta. E no estúdio B, onde era criado espaço para atrações com Punhos de Campeão, Brincando e Aprendendo e Aí Vem o Circo, ringue, auditório e picadeiro, respectivamente.

Se todo o Ceará ansiava pelas imagens da televisão pioneira, pode-se dizer que a Tv Ceará não via a hora de ampliar seu campo de recepção. Pelo que isso representaria como valorização de seu espaço publicitário, pelo prestígio de ser, como o foi em 1972, uma estação captada em cinco Estados, abrangendo uma ampla e atraente fatia do mercado nordestino.

Esta expansão sempre esteve nos planos Associados. Num primeiro instante ela seria bancada pela própria estação. Em abril de 1962 era prometido som e imagem da Tv Ceará em Sobral, beneficiando 22 cidades. José Abeilard e Marcos Saliveros, técnicos da divisão de Tv, na companhia de Antonio Normando e Stênio Azevedo sobrevoaram a região escolhendo os locais das 2 ou 3 repetidoras.

Em outubro de 1963, a notícia de que a Empire instalaria 2 torres refletoras para levar a imagem da Tv Ceará às zonas norte e sul do Estado. A idéia de Igor Olimpiew era fazer essa ligação através do sistema de micro-ondas.

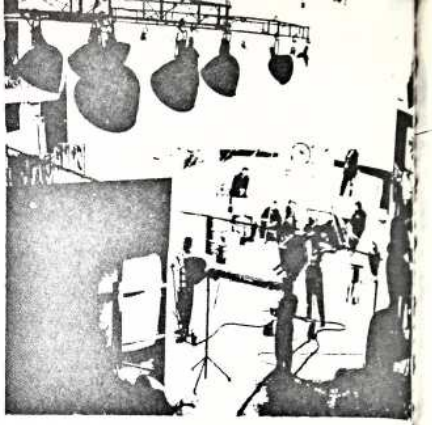


Algumas providências foram tomadas, por exemplo, a aquisição da torre utilizada até então para a construção do açude Latão, em Cariús. Com quase 90 metros, ela se transformaria, modificada nas oficinas da PRE-9 em 2 ou 3 torres para a implantação do sistema de micro-ondas.

O Governo Virgílio Távora resolveu investir nessa expansão, ciente dos dividendos políticos que poderiam advir da interligação do Estado pela comunicação.

A mudança das regras do jogo, com eleições indiretas para governador em 1966, não interferiu no cumprimento da meta. Em outubro de 1965 a notícia de que a Sevome realizava os primeiros estudos para a instalação de torres repetidoras de tevê no interior. Vicente Fialho falava do objetivo visado que seria "proporcionar educação ao meio rural através de um instrumento com grande poder de sugestão". Interessante é que nesta época a Tv Jornal do Comércio, do Recife, era bem captada no cariri cearense.

Em junho de 66 a notícia de repetidoras em Guaramiranga e Meruoca, um contrato da ordem de 100 milhões de cruzeiros. O vale do Jaguaribe seria beneficiado. O plano envolvia todo o Estado. Que assim deixou de ver, em sua maior parte, o esforço que a Tv Ceará fez acreditando e investindo na possibilidade de se fazer televisão aqui.



A idade da inocência

O moralismo muito acentuado da cidade cobrava da televisão padrões que o crescimento da cidade fazia questão de transformar. E vieram as primeiras vozes discordantes da programação que estava sendo oferecida.

Jornal católico, fundado em 1922, o Nordeste serviu de veículo à tentativa da Igreja ocupar maior espaço político. No Ceará, depois da Revolução de 30, O Nordeste contribuiu para a formação da Liga Eleitoral Católica, eleição de Menezes Pimentel e forte domínio da cena política até os ventos da redemocratização de 45.

Em 1960, dirigido por Luis Sucupira e tendo como redator-secretário Paulo Lopes Filho, O Nordeste abriu suas baterias, em 22 de dezembro contra os "maus caminhos" trilhados pela Tv. Ceará. E verberava em sua manchete contra a "Apresentação de cenas imorais-Famílias indignadas".

Se um pecado pode ser atribuído à televisão que se fazia naquela época, esse pecado era o de edulcorar o mundo, exibido sem a carga de contradições que se acentuavam na década de 60. A questão do popular na cultura brasileira, a inquietação trazida pelo Arena e Opinião, as experiências estéticas do cinema novo, a contribuição literária renovadora, tudo estava muito diluído na programação da Tv Ceará. Os compromissos com os patrocinadores, o atrelamento dos Associados à estrutura do poder, a própria essência da indústria cultural levavam a que fosse mesmo assim. A fermentação política deste período que vai ter seu primeiro grande instante em 64 e seu climax com o Ai-5, em 1968 está na tevê sob a forma de reforço do discurso oficial. A ruptura estética que envolve Beatles, Tropicália, Glauber Rocha é abafada pelo farfalhar das sedas de marquesas e condessas de adaptações de romances ingleses do século XIX. Em termos comportamentais, nem sonhavam chegar ao vídeo temas como aborto, incesto, homossexualismo, a não ser com o mesmo tratamento hipócrita e em meia voz com que eram tratados em vetustas e sombrias salas de visitas.

Por tudo isso parece estranho ler sobre "exibição de amores indecentes, apresentação de colóquios despudorados, frases não só maliciosas mas até ofensivas aos ouvidos de pessoas dignas".

Eduardo Campos se ocupou de rebater as acusações. A questão foi desencandeada por um beijo que Emiliano Queiroz teria dado em Glice Sales ("Iniciando colóquio atentatório à moral") e pela "cena chocante de um bombeiro debelando as chamas de um incêndio diferente", no programa Isto é Show.

O jornal voltou à carga publicando a relação das famílias e carta de leitora que falava em "incentivo à criminalidade". Tudo muito significativo das relações de poder na cidade. Por não refletir os anseios do mundo em que atuava, nem mais de própria Igreja de que seria porta-voz, O Nordeste deixou de circular em 1964, quando a tendência imposta pelo regime autoritário passa a ser a da concentração e da censura, que no caso da televisão, apressou a formação de redes, mais fáceis de serem controladas, o que praticamente acabou com a produção local.



A televisão e os jornais

A constatação é obvia: a tevê ocupava pouco espaço na imprensa na época em que foi lançada, mesmo nos jornais associados.

O pioneirismo de Tv Notícias, de Luciano Diógenes, em Unitário é digno de registro. Dirigindo o Departamento de Telejornais do canal 2, ele não pôde dar à coluna a periodicidade regular ou o destaque que o assunto estava a merecer.

Unitário foi uma boa fonte. Aos domingos, durante o ano de 1961, a tevê ocupou relativo espaço numa página (Cinema e Tv) assinada por Calberto Albuquerque. Este material era fornecido por Péricles Leal, o que comprometia uma visão mais crítica da questão. Mas, naquele momento, o grande esforço desenvolvido era no sentido de consolidação do veículo, restrito a uma elite e à falta de cerimônia dos chamados "televizinhos". Evidencia-se o acompanhamento fotográfico do trabalho pioneiro desenvolvido por Leocácio Ferreira e complementado por Geraldo Oliveira.

Em dezembro de 1961, era Gonzaga Vasconcelos, admitido ao restrito quadro de realizadores da Tv Ceará quem informava "Por detrás das câmeras", uma prometida dessacralização que não foi cumprida nas páginas de Unitário.

Guilherme Neto, diretor-artistico da emissora, de certa forma retomou a discussão numa série de artigos intitulados "Considerações sobre tv" que, irregularmente, chegou a seu final em outubro do ano seguinte (1962).

É o período em que o realizador Hildeberto Torres, o Serrot, titular, da coluna na Rádio e Tv, preocupado em explicitar para o público externo questões e atribuições a que só os iniciados tinham acesso, consegue manter aceso este foco de luz até início de 1963, nas páginas do Correio do Ceará.

Mesmo jornal em que J. Ciro Saraiva, substituto de Luciano Diógenes na chefia dos telejonais da Tv Ceará, assinou Câmeras e Microfones. Estava ainda longe de refletir a importância da televisão como negócio e como lazer. Mas mostrou, sem retoques, o cotidiano desta atividade, com suas alegrias, percalços e esforços.

Em alguns instantes, chega-se mesmo a se sentir falta da programação diária, como se a tevê prescindisse de apelo para manter ligados os poucos aparelhos da Fortaleza de então.

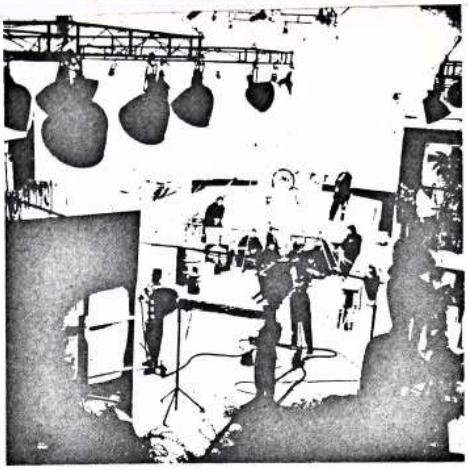
No Unitário, Paulo Limaverde assumiu a coluna Rádio e Tv, com o pseudônimo de João Dial. No Correio pontificavam então (1965) Tom & Jerry, com a coluna Sintonizando. Em fevereiro de 1966 este espaço passou a se chamar Vendo, Ouvindo, Informando.

Cumpre destacar a regularidade da Tribuna do Rádio e Tv (Tribuna do Ceará), editada por Selma Lobo (Neuza Colares) a partir de outubro de 1962. Noticiosa, algumas vezes opinativa, levantando bandeiras como a questão da programação ao vivo, esta coluna é uma fonte indispensável no garimpo de dados referentes à memória cearense.

Alguns depoimentos insuspeitos falam numa rivalidade entre o pessoal do jornal e os "artistas" da tevê. Competição acentuada pela evidência e notoriedade que o vídeo trazia. A verdade é que a televisão não foi compreendida em todo o seu alcance.

De um modo geral faltam fichas técnicas, omitem-se elencos, insiste-se no pouco relevante, o que deixa claros que são um desafio a quem pretenda tecer a trama dessa história. O trabalho de quem pesquisa passa a ser de reinvenção.

Mas com todas essas falhas, onde o silêncio é muitas vezes uma informação a ser decodificada e compreendida, os jornais são, na falta de arquivos, de uma bibliografia ou de outras fontes documentais, o instrumento para juntar as peças deste quebra-cabeças e restaurar o que foi a televisão do Ceará.



O outro lado do espelho

Amor e ódio sempre marcam a ambivalente relação entre o público e seus ídolos. Não foi diferente no caso da Tv Ceará.

A expectativa gerada em relação ao advento da tevê não foi frustrada, num primeiro instante. Tudo funcionava a contento. O organograma ditado pelo CPET dava resultados satisfatórios.

Hoje, pode-se perceber quanto teria sido benéfica uma competição logo no início da tevê cearense, o que só vai acontecer dez anos depois, com a inauguração da Tv Verdes Mares.

Os sucessivos cortes de energia motivavam constantes reclamações. O número pequeno de televisores de 1960 levou a um festival de reprises na festa do primeiro aniversário. Se não tinha sido de todo em vão, o esforço pioneiro tinha sido captado por miseros 200 televisores.

Os telespectadores se achavam com o direito de terem seus programas repetidos, em caso de interrupção do fornecimento de energia. Outras vezes essa desculpa conveniente era dada para a repetição cansativa de enlatados. As dificuldades de comunicação num país das dimensões do Brasil eram ainda bem maiores do que hoje. A tevê sofreu esse tipo de problema, que se transformou em desgaste.

As romarias nos finais de semana à Estância prosseguiam. Muita gente ia cumprimentar os atores, como se faz no teatro, depois de um teleteatro mais empolgante.

Só que seria impossível negar o tom de vitrine que adquiria esse mundo à parte, nossa fábrica de sonhos. A televisão passou a ser um "zoo", composto por avis raras, pessoas que ousavam se destacar dos mortais, numa cidade provinciana obcecada por um moralismo falso, que ela nem sabia o que significava.

E foi desencadeado o festival da boataria. A vida íntima de nossa gente de tevê passou a ser objeto de comentários maldosos em muitas rodas. Descambava-se, muitas vezes, para a mais deslavada grossura ou mau gosto. O que contrariava os esforços para fazer uma tevê de nível.

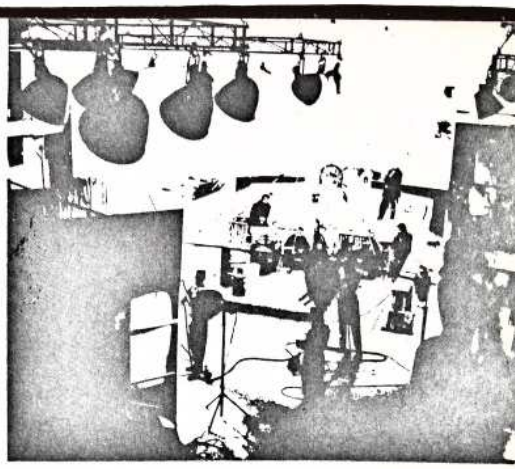
Guilherme Neto reclamava dos que "olhavam a tevê de um ângulo absolutamente errado". E insistia na tecla da negação dos valores da terra.

Os telefonemas de reclamações se tornaram sórdidos, insultuosos. Talvez, em parte porque qualquer telefonema de crítica, sugestão, pedido, recebia a recomendação de trocar de canal. A Tv Dragão do Mar, com suas ações vendidas, seu desfile de equipamento, seu terreno adquirido não passava de uma miragem. Ou de uma estratégia comunista, na opinião do prefeito Murilo Borges.

Mas a cidade adquiria televisores pelo crediário e ampliava o raio de ação do canal 2. Televisores públicos eram instalados. Astros e estrelas eram reconhecidos nas ruas. O carinho seria proporcional à rejeição. O que estava sendo refletido neste espelho (mágico) talvez não satisfizesse às fantasias. Nossa tevê falava cearense, nossos atores e atrizes eram gente comum. A Tibúrcio Cavalcante não era Beverly Hills.

Mas a maior vingança foi a indiferença ou o esquecimento que envolveu toda a atividade desenvolvida pela Tv Ceará.

Levantada a concessão, retirado o cristal, selados os transmissores, caiu o mais profundo silêncio sobre o canal 2. Em termos de memória coletiva é o que os autores chamam de "buraco". Parte de nossa cultura, significativa, não sofreu o processo natural de transmissão. O imaginário que a tevê propôs esgotou-se, para sempre, na vivência de uma geração. Como se não houvesse escrita e aqueles instantes, para nossa frustração, estivessem condenados a ficar no lado do avesso do espelho, opaco, sem possibilidade de nada refletir.



As publicações especializadas

Em março de 62 foi lançada a TV Revista, "uma excelente publicação especializada em televisão", segundo o Unitário. Editada por Silvio L. de Castro e Silva, tendo como redator-chefe Adalberto Palmeira e Hamilton Alcântara no Departamento de texto, a nova publicação tinha capa de Floriano e Zenon.

De circulação dirigida, TV Revista era distribuída gratuitamente "a proprietários de televisores, conforme pesquisa feita pelos editores junto aos estabelecimentos de eletro-domésticos e ao Serviluz".

Quinzenal, a Tv Revista trazia entrevistas, notícias, reportagens, além, evidentemente da programação da Tv Ceará para o período.

O número 3, data de capa 7 a 20 de maio, vai trazer modificações no expediente. Carlos Kovak seria o editor e Gilberto de Castro o secretário, além de uma relação de colaboradores, como Daniel Menezes, Renato Aragão, Ronald Soares, Eleônidas Souza e Hildeberto Torres.

Nove anos durou a Folha do Rádio (1953 a 1962). Num primeiro momento, ela estava restrita às duas estações de rádio que disputavam a preferência do ouvinte cearense, a PRE-9 e Rádio Iracema. Com a abertura de novas emissoras, a revista cresceu, chegando a vender 5.000 exemplares, muito para a época. Editada por Neusa e Ciro Colares, tinha capas em tricomia, com clichês feitos em Recife. Com a inauguração da Tv Ceará, a Folha acrescentou um TV a seu título e passou a reservar grande parte do seu espaço ao novo veículo.

As capas exploravam u'a a mitologia cearense: Ivone Mary, Dora Barros, Lourdes Martins, Ivonilde Rodrigues. Folha do Rádio e TV deixou de circular pelo desinteresse de seus diretores, diante de uma escolha dos melhores do ano (1960), quando a promoção ganhou nota assinada por muita gente do cast associado e até um enérgico comentário de Juarez Temóteo.

A volta de Selma Lobo à Tribuna do Ceará, como titular de uma coluna que antes foi de Ramos e de Cordeiro Filho, encontra a tevê consolidada (1962). No dia-a-dia de uma coluna percebe-se a angústia diante do definhamento da programação ao vivo, a preocupação com a implantação do video-tape e a alegria que foi fazer tevê no Ceará.

O primeiro número da Tv Rádio Revista chegou um pouco fora de hora, em fevereiro de 1966, quando já estava sendo implantado pelo Ampex o equipamento de vídeo-tape. Pronta dia 3, lançada dia 17, a publicação tinha como diretores Francisco Félix, Wiliam Moura e Jomar Pereira. Dentre seus colaboradores: Lúcio Brasileiro, Augusto Silva, Colombo Sá, Francisco Arruda, João Lima, Severino Cordeiro, Osman Oliveira e Denis Marcos. Fotos de Polion Lemos e Vieira Queiroz. "Enrolados" por um homem de rádio, prometeram segundo número com Ayla Maria na capa. Não saiu.

A falta de perspectiva estava em não compreender que seria difícil a convivência do vídeo-tape e do Telecentro Associado com uma produção local. A partir daí este espaço passa a ser ocupado por revistas nacionais.



Emiliano Queiroz e Cleide Holanda

A televisão e o teatro

A chegada de B. de Paiva, contratado pela Universidade do Ceará, trouxe um grande alento ao teatro de nossa terra.

A criação do Curso de Arte Dramática, a organização da Comédia Cearense foram verdadeiros renascimentos da arte cênica. Desde Carlos Câmara, o teatro não conseguia uma sintonia tão grande com o público.

Tratava-se, é claro, de uma proposta estética dentro dos valores de classe média progressista que se formava através da Universidade, sem maiores comprometimentos com aspirações populares ou mensagens revolucionárias. Mas é impossível deixar de registrar a importância dessa manifestação.

Pode-se dizer que, num primeiro momento, a televisão buscou se legitimar através do teatro. A inclusão da Comédia Cearense (Canção dentro do Pão) e do Curso de Arte Dramática (A jangada não voltou) na comemoração inaugural da tevê reforça essa afirmativa. Na sequência da programação normal, um dominical Teatro Universitário na TV, que reprisou o original de B. de Paiva (A jangada...) e levou ao vídeo "Madrugada 27", também de B. de Paiva, com José Maria Lima, Otamar de Carvalho, Leonam Moreira, José Carlos Marçal, Airi Leda Moreira e Francisco Studart, no domingo 11 de dezembro de 1960.

Ficava difícil para o Teatro Universitário preparar um novo espetáculo toda semana. Mais comprometedor ainda era inibir o desenvolvimento de uma linguagem específica do novo veículo, pela apresentação do teatro televisado.

É aí que se acentua o pique da proposta televisiva, com ensaios corridos, marcação exaustiva, convivência com a parafernália, sem que isso possa servir de desculpas para a não apresentação do espetáculo criativo, bem acabado, atraente.

Daí os inevitáveis preconceitos. Os atores de teatro, via de regra, consideravam os espetáculos de televisão como de classe B. Mas isso são opiniões que passam.

Antes de qualquer coisa, é inegável que a tevê contribuiu, e muito, para este sucesso de público do teatro cearense dos anos 60. O teatro da Comédia Cearense, iria localizar-se na Estância, em terreno doado pela Prefeitura, com projeto de Neudson Braga, cálculos de Waldir Campelo e responsabilidade de Rui Figueiredo. Perto do canal 2, a nova atração turística da cidade. O sonho não se concretizou, vendidos o terreno e a estrutura metálica. Mas continuou a ligação.

Por paradoxal que possa parecer, Macbeth, de Shakespeare, cartaz do Contador de Histórias de julho de 61, foi convidado para abrir, num palco, é claro, o 1º Festival de Teatro do Norte, em Recife. Já não se tratava de teatro da tevê, mas da tevê no teatro, o que é no mínimo curioso. Mas aconteceu.

Muita gente dos quadros da tevê tinha saído do teatro. Agora, sucesso de público, poderiam voltar. Dora Barros, por exemplo, atriz carioca radicado aqui por questões familiares, fez "Médico à Força", de Molière, com a Comédia Cearense, em 1962. Na época ela já brilhava ora como elegante, ora como má nos espetáculos do canal 2.

Jane Azeredo, a inesquecível Luciola, do ciclo José de Alencar do Contador de Histórias (agosto 1961) fez parte do elenco de "A Raposa e as Uvas", de Guilherme Figueiredo, encenada pelo Teatro Universitário na Concha Acústica, em 1962.

Ary Sherlock e Emiliano Queiroz, juntos, levaram à cena "O Julgamento dos Animais", de Eduardo Campos, um espetáculo infantil.

São inegáveis os méritos de Eduardo Campos como autor teatral, mas a Comédia lançou mão deste talento e da força que o superintendente associado tinha na época. Era certeza de divulgação, que transformou "O Morro do Ouro" num grande êxito, repetido até a exaustão, em sucessivas e oportunistas remontagens. "O Morro do Ouro" foi à tevê, nas festas de terceiro aniversário da emissora associada, em novembro deste mesmo ano. Maria da Glória Martins, integrante do elenco da peça de Eduardo Campos passou a fazer parte, em maio de 1964, do quadro de apresentadores do programa Perfil da Cidade, ao lado de Lúcio Brasileiro e Giácomo Mastroianni.



Miranda e João Ramos

A consciência de que a tevê levava público ao teatro fez com que em março de 1963, um grupo constituído por Marcus Miranda, Emiliano Queiróz, Maria Luiza Iris Brenno pensasse na constituição do Stúdio 13, para atuar no teatro. Isso antes da estréia do humorístico Dois na Berlinda, que lançou para a cidade Praxedinho e Anicetinha, o casal vivido por Marcus e Maria Luiza, de forte apelo e aceitação populares.

Ainda em 1963, Marcus Miranda, Dora Barros e Almir Teles participaram da montagem de "Rosário, Rifle e Punhal", de Nertan Macedo, pelo Teatro Universitário. Miranda faria "Antígona", de Sofócles, com o mesmo grupo.

O sucesso de Dois na Berlinda teve consequências. A proposta das personagens foi de Alvina Gameiro, mas depois, outros autores foram chamados a intervir, dentre eles, B. de Paiva, autor do roteiro do programa que foi ao ar a 1º de julho de 1963.

O talento de Marcus Miranda, notório, dava credibilidade ao histrionismo de Praxedinho. Ele chegava a ser apupado nas ruas. Esta popularidade poderia e deveria ser canalizada para o teatro e o foi, num primeiro instante, pela Comédia Cearense.

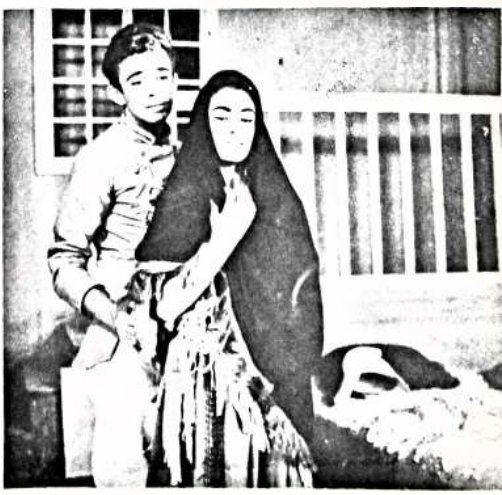
Em 1964 ele é convidado para viver "João Gangorra", de R. Magalhães Jr. No ano seguinte, a semente do Stúdio 13, se transforma no Teatro Novo, um grupo que tem uma história para contar.

Ainda em 1964, Guilherme Neto foi escolhido para ter "A Barragem" montada pela Comédia Cearense. A 9 de março, com adaptação e realização de Hildeberto Torres ela foi apresentada pelo Contador de Histórias.

Não há registro da exibição pela tevê na nova peça de Eduardo Campos, "A Rosa do Lagamar", encenada pela Comédia Cearense, em novembro de 1964.

O teatro continuava sua fase de aquecimento. O público participava ensejando novas montagens. A televisão não era ainda o grande veículo, apesar de novidade e do lazer de graça (quase).

B. de Paiva volta à tevê, mais precisamente ao Contador de Histórias, com o texto "Falta um minuto para o amor", realização de Ary Sherlock. Outro nome de teatro de que a televisão lançou mão foi o de William Alcântara, que teve a peça "Uma noiva para dois" adaptada para a tevê por Gonzaga Vasconcelos, tendo no elenco Jório Nerthal, que fazia sua estréia televisiva.



Jane Azeredo em Carmen

O jovem galã foi "cooptado" para fazer "A Farsa do Cangaceiro Astucioso", outro texto de Eduardo Campos. "Amor a 8 mãos", de Pedro Bloch, nova montagem também de 1965, vai mais além e requisita Dora Barros, Lourdes Martins, além de Jório.

Num processo inverso, Gracinha (que já havia feito o Contador de Histórias do 4º aniversário da tevê) e Edilson Soares participam da novela As Duas Orfãs. Hiramisa Serra faz comerciais ao vivo. Ernesto Escudero trabalha em O Conde de Monte Cristo, realização de Hildeberto. Aderbal Júnior é garoto propaganda, apresenta o Telex-Consumidor e é considerado a revelação de 1965, embora só no ano seguinte vá participar de telenovelas (Arrastão, A Rediviva).

O grande sucesso do teatro cearense que foi "A Valsa Proibida", que teve sua segunda versão em 1965, se baseou numa bem cuidada montagem para reforçar a fragilidade do texto e no apelo popular de Ayla Maria (a voz orgulho do Ceará) para se transformar no sucesso de público que, inegavelmente, foi.



Íris Brenno

Também no elenco, Matos Dourado, que desde novembro de 1964 apresentava no canal 2 o seu "Teatrinho do Bom Companheiro" e que em 1965 passou a ser mestre de cerimônia de Romcy Gira a Sorte e estreou como ator no Contador de Histórias de autoria de Oduvaldo Viana Filho, O Matador.

Constituido o Teatro Novo, partiu-se para a experiência mais palpável da colheita dos frutos no teatro do desempenho de papéis na tevê. "Deu Freud Contra", de Silveira Sampaio, com Marcus Miranda, Maria Luiza, Aderbal Júnior, incluia no elenco a "ingênua" ou a "doce e suave" Iris Brenno, estrela de novelas de tevê.

Eles ousaram, mercadologicamente, ao incluir no material promocional do grupo, por exemplo, nos anúncios de "Uma Janela para o Sol", também de Pedro Bloch, os nomes dos personagens que representavam todas as semanas na tevê. "Dona Xepa", outra peça de Pedro Bloch, encenada em 1966, contava com outra estrela da tevê, Cleide Holanda, além de Francisco Arruda, coadjuvante de Dois na Berlinda.

"Três Ratos Cegos", de Agatha Christie, espetáculo de 1966 se baseia no prestígio do colunista social e homem de tevê (Primeiro Time, Spot Light, Eles fazem a cidade, Perfil da Cidade) Lúcio Brasileiro estreando como ator.

"O Casamento da Peraldiana", de Carlos Câmara, que a Comédia Cearense montou em 1966, tinha da tevê: Lourdes Martins, Salete Dias, Ayla Maria, Rinauro Moreira e Matos Dourado. Gravado em vídeo-tape foi exibido numa das primeiras apresentações ao público do novo equipamento e suas potencialidades.

Ainda em 1966, Emiliano Queiroz adapta "Cinderela", sob medida para Ayla Maria, a cantora mais bem produzida e divulgada do rádio e tv cearenses, contando, na época, com discos gravados, viagens e apresentações em outras praças, programas próprio aos domingos, santinhos com letras de músicas, coluna em Gazeta de Notícias e até fã clube dirigido por Célio Cúri.

"Procura-se uma rosa", de Gláucio Gil e Pedro Bloch contou com Gonzaga Vasconcelos, Lourdes Martins, Salete Dias, Matos Dourado.

Teatro e tevê se usaram, fica bastante claro de toda essa exemplificação. Se o prestígio de Eduardo Campos abria as portas dos veículos associados para promoção, a verdade é que, posteriormente, os grupos tomaram consciência do que atores e atrizes valiam e passaram a não ter escrúpulos de apelar para o popular, sem desgaste de suas propostas estéticas.

A necessidade de reciclagem fez com que Emiliano Queiroz e Iliclemar Nunes se formassem pelo Curso de Arte Dramática, em 1963. E a tevê foi capaz de importar do rádio e de criar seus próprios atores e atrizes, trabalhando com outro espaço, outra noção de ritmo, outras convenções no que se refere à movimentação, emoção, fala.

Numa posição conciliatória, mas verdadeira, sairam ganhando ambos. O tempo prova que não havia razão para competição, estavam todos no mesmo barco, na luta pelo espaço para a criatividade e a arte entre nós.

Nossos comerciais ao vivo

De repente, uma funda modificação no fazer publicitário. Os anúncios de jornal, que já ganhavam algum requinte e acabamento em termos de lay-out e de texto e os spots de rádio, muita vezes improvisados pelos próprios locutores, contavam com o reforço dos comerciais de tevê. Um grande desafio.

A preocupação da existência de um mercado anunciante para a tevê foi bem respondida pelas empresas locais. Tarcísio Tavares chama a atenção para isso em sua coluna de Gazeta de Notícias.

As agências tiveram que reformular conceitos e procedimentos para tirar partido do novo veículo. Em termos de agências e anunciantes locais é o momento da bateria de slides e do comercial ao vivo.



Todas num comercial de Natal

Iríamos começar a aprender tudo num pequeno estúdio do segundo andar, entulhado de material a ser anunciado, diante de uma câmera Vidicon TK 15/TK 35.

É quando entram em cena as garotas propagandas. Todas cercadas, no noticiário especializado, por uma adjetivação farta e por uma recorrência e estereótipos necessários para vendê-las, antes do que elas teriam para vender.

Stelinha Barbosa seria "graciosa" e lembraria Marta Rocha. Responsável por verdadeiros shows de dicção, beleza e desempenho em cena.

Rita Angélica seria "simpática". a



Stelinha

loura garota propaganda do sabonete Sigel e de tantos comerciais, encantando os telespectadores e aquecendo as vendas através do vídeo.

Adalgisa era definida como "elegante". Nas colunas de fofocas, teria feito plástica no nariz. Eficiente, vendia ações, fazia corretagem, era agente publicitária de várias casas comerciais.

Shirley Ibiapina era "a discreta". de aeromoça da Varig ou apresentando o Simca Jangada, teria sido a mais competente, segundo os jornais.

O que se cobrava delas era pouco. A agressividade publicitária não tinha sido desencadeada para valer. Os jornais pediam "aplausos às exibições destas belas criaturas que aparecem no vídeo, levando suave e agradável mensagem aos telespectadores". Talvez bastasse ao mercado naquele instante. Faltava a bossa, o duplo sentido, o gancho que serviria de elo entre o produto e o público. Mas não compensariam elas com afeto o amadorismo de uma publicidade que dava os primeiros passos?

Emiliano Queiroz dirigia os comerciais ao vivo. Ele mesmo uma anunciador dos mais presentes ao vídeo, como Narcélio Limaverde. Outros nomes se somam a estes: Carmen, Maria. Orlando Santos no dia das mães de 63 também pontifica como anunciador.

Mas a grande atração destes primeiros tempos foi o Expert Pires. Contratado da Coty, cumpria agenda de viagens. A maledicência da cidade não perdoava que ele se maquilasse. Ou que encerasse suas apresentações com um estalar de dedos e com o bordão: combinado e tchau! Várias vezes ele veio a Fortaleza, de 1961 a 1965 são frequentes os registros de sua passagem vendendo beleza e ilusão.

Numa primeira fase, a tônica seria a discrição, a sobriedade, a elegância.



Shirley

Mas já em novembro de 1962, Salete Dias dava o ar de sua graça vivendo a negrinha do Óleo Pajeú. Neide Maia tinha lugar de destaque na realização de sorteios ou contracenando com Emiliano Queiroz num comercial de patrocínio de Dois na Berlinda.

Karla Peixoto assume a direção do departamento de comerciais ao vivo, com a viagem de Emiliano Queiroz ao sul, de julho a outubro de 1963. E definitivamente a partir de 1964, quando o ator emigra de vez para brilhar no plano nacional.

Dona Regina Lúcia, uma anunciandora senhora, ganha elogio de Selma Lobo: "ativas abelhas que fazem o sucesso deste veículo de enorme força de vendas". A tevê apenas engatinhava.

Sérgio Moreira, filho de Maria Luiza e Rinauro, escalado para um comercial ao vivo. Novos nomes: Marizete Batista, Tonia Saldanha, Ivoneide, a morena Vera Soares, Marileide Araújo. A menina-moça Tatiana Gaspar encantou a cidade vendendo a boneca Pierina, grande sucesso da época.

Aldailo Silva, Astrolábio Carvalho, Rogério Castelo Branco, Antonio Pinheiro, Jurandir Pascoal, William Oliveira, Raimundo Nonato (Baiano), Luiz Gerardo ("o ator brotinho") foram anunciadores. Também Assis Santos, hoje bem sucedido empresário de propaganda, na época apresentando comerciais de Fort-Imóveis e do Romcy.

Não se deve esquecer Valdora Duarte, Tríade Gioconda, Vênus Ibiapina, Fátima Cintra, Iiza, Iracema Fernandes, garotas cujo papel foi definido na época, como o da "amiga distinta e correta que entra em casa nos aconselhando certos produtos".

Do teatro a tevê foi buscar Hiramisa Serra e Aderbal Júnior para estrelarem comerciais ao vivo.

Mas um capítulo especial mereceria Antonio Mendes, o Toinho, revelação dos programas de humor da Tv Ceará, onde fazia escada para Renato Aragão em Vídeo Alegre. Toinho passou pelo teleteatro, mas foi nos comerciais ao vivo, fazendo o gênero matuto grosso e aperreado que ele viveu seu grande papel. Ele criava, improvisava a partir de um mote, acrescentava cacos à fala, tomava de empréstimo situações do programa em que o comercial estava inserido. Tudo dentro da mais autêntica escola da mambembagem, próximo do circense, do teatro de revista, um código essencialmente popular de representar. Antonio Mendes passou a ser Toinho, seu personagem e alter-ego. Ele não temia o mau gosto, assumia a cafonice, expunha nosso lado vulgar na fala que não imitava sotaques, na grossura do bodegueiro transplantado para a sofisticação da mídia eletrônica. Ele teve sua vez.

Toinho resgatava nossa molecagem e irreverência, indo tomar de empréstimo aos camelôs, técnicas e bossas. E tinha o "physique du rolê". convencia. Só que isso era feito com muita pureza, ingenuidade e alegria. De cartola, anárquico, exibe uma insólita "galinha morta". Ultrapassa o vídeo-tape, vai conviver com mercantis e outros anunciadores (Samantha Rainbow, Vera Maria Veras, Ana Maria Aquino, Sandra Gentil) num tipo de comercial que, com bossa e glacê, efeitos e cores é mantido por muitas agências ainda hoje.



Adalgisa



Rita Angélica

A nova imagem do negócio publicitário

O mercado ainda reagia à presença das agências. A corretagem ainda prevalecia, mas acossada pelas tímidas exigências dos clientes que estes profissionais polivalentes não tinham condições de atender, cientificamente.

Os corretores e os departamentos comerciais dos veículos-Rômulo Siqueira à frente, no caso associado, com assistência de Narcélio Limaverde — cediam algum espaço para os departamentos de propaganda das empresas. O clima era favorável ao surgimento de agências, mas que teriam que pagar um alto preço pelo pioneirismo do empreendimento.

Sentindo os novos ares que sopravam, mas sem querer largar sua parte do leão, o canal 2 logo se posicionou como fornecedor. A notícia de abril de 61 é significativa. Depois de uma referência negativa à "monotonia dos slides parados", proclama que estava dando os primeiros passos para a produção de filmes comerciais. Pouco modesto, o texto falava em "filmados com perfeição" e o bairrismo mal disfarçado saia na afirmativa da concorrência em pé de igualdade com os produzidos no sul. A atitude pioneira ficaria por conta da Casa Parente que encomendara ao canal 2, é claro, o planejamento de sua campanha de lançamento da coleção Renner British Look. Os três filmetes seriam realizados pela Seção de Cinema da emissora associada do Ceará.

Em 1963, os Associados contavam com um bem estruturado e todo poderoso grupo de corretores, embrião de agência, onde sob o comando de seu Dudu Brígido Monteiro, pontificavam Barroso Damasceno, seu assessor, Juarez Temóteo como redator, Jomar Pereira e William Moura na arte.

O incansável Heitor Costa Lima, empreendedor e talentoso homem de rádio e publicitário estava na Equipe. A VPI, englobava publicidade e empreendimentos, como o lançamento do Palácio Progresso, Coronado, e posteriormente do América. Agência por excelência do primeira veterado (1962/1966), comandada por Aécio de Borba, tinha Juarez Barroso como redator.

Colunista publicitário de Unitário, Barroso Damasceno falava numa nova propaganda cearense, numa nova men-

talidade introduzida por Tarcísio Tavares, na época da Mac Cann, por Airton Rocha e Fernando Pouchain da Norton e por seu Dudu, que confirmando sua visão e faro empresarial, em abril de 1964 se aliaria a Tarcísio Tavares constituindo a Publicinorte, marco na história da publicidade cearense.

Ainda em 1963, Polion Lemos estava tencionando instalar um departamento de filmagens, em associação com a Abelha, a agência de Guilherme Neto e Augusto Borges, que iria adquirir equipamento nos Estados Unidos.

A Vox Publicidade, de Gerardo Barbosa, dizia dedicar mais atenção à tevê e citava como seus clientes Casas Silcar, Óleo Patury, Casa Parente, A Pernambucana, dentre outros.

Contavam na época com departamentos de publicidade, o Grupo Rouvanni (Rouvanni, Rouvanni Esporte e Armazéns do Povo) e o conglomerado das lojas Magazine Sucesso, Super Loja A Capital, Casa Vênus de Millus, que posteriormente se fundiu no Romcy.

O ano de 1964 vai significar, além da entrada em cena da Publicidade, o desempenho maduro da Ilka, de Almir Pedreira, chegando ao ponto de produzir filme em São Paulo para o lançamento da carta GIS, um seguro infantil.

O sucesso de Dois na Berlinda deixou Marcus Miranda e Maria Luiza com planos de organizar uma agência, tantas as solicitações de patrocínio, numa fase de sucesso que eles queriam administrar empresarialmente. Não foi à frente.

Notícia dá conta da constituição da GP, agência de Guilherme Neto e Polion Lemos, também um jogo envolvendo grande plano ou GP, conforme explicações dadas então por eles.

A publicidade lançava mão dos mitos da tevê para anunciar. A Ilka recorreu ao Praxedinho, ou seja ao ator Marcus Miranda, num anúncio do Supermercado Lidomar. "Galinha é um prato excelente... Mas galinha todo dia! Vamos variar o cardápio". A sequência de fotos mostrava o tédio de Miranda ao ter que se submeter à mesma dieta na montagem de fotos que significava a passagem dos dias.

Orlando Santos, apresentador de telejornais, num anúncio do Balneário Pirapora dava credibilidade ao empreendimento de José Alcy Siqueira, ao afirmar: "estes querem certeza". O carisma de Emiliano Queiroz era utilizado na mídia impressa para vender o Carnet Romcy da Sorte.

A Scala começou adulta. Constituída em março de 65 por Barroso Damasceno, Hélio Catunda e Walter Catunda, já anunciava para breve um filme vendendo ações do Ceará Sporting Clube, assinado por João Siqueira.

Gonzaga Vasconcelos, realizador da equipe associada, além de teleator constituiu a ECO'S Publicidade que, em anúncio publicado em abril de 1965 adotava como slogan: "A melhor equipe. A melhor publicidade". E apresentava seu quadro. Locutores: Neide Maia, Narcélio Limaverde, Hélio Sousa, Edésio Amorim. Cinegrafista: Polion Lemos. Arte: Emanuel Cabral e Jomar Pereira, Redação: Oliveira Ramos e Mauro Ribeiro. E como apresentador de tevê, o próprio Gonzaga.

Ainda em 1965, a Ilka recorreria a João Ramos, cartaz permanente do rádio e televisão, a Maria Luiza e Ayla Maria, numa segmentada e bem produzida campanha do Óleo Salutar. João não dispensaria uma boa macarronada, Maria Luiza dava a receita de um senhor risoto de camarão e Ayla Maria recomendava a lagosta preparada com maionese, onde o ovo era batido, é claro, com o Óleo Salutar.

Em outubro deste mesmo ano, numa ousadia da Publicinorte que, desde março reforçava o lance jovem com a supervisão do TV Juventude, lançava coleção de camisas Saronord na tevê, com comercial de Augusto Pontes, com participação do Grupo Cactus, que aliava teatro à música popular.

A publicidade entrava numa idade adulta. Outro corretor, Virgílio Machado, associou-se a Augusto Borges, em março de 1966, na Virma. E foi dado um passo em direção a uma publicidade mais empresarial, criativa e científica. Nisso tudo foi decisivo o papel da tevê. Ele impulsionou e deu ritmo ao negócio da propaganda.



Luciano e Ciro

Na pauta dos telejornais

Um desafio este de fazer telejornalismo em 1960. O talento tinha que compensar a falta de recursos, na elaboração de um produto que tivesse boa cotação na categoria das trocas simbólicas. A notícia tinha que ser a grande atração.

A tradição do oligopólio associado teria que ter um equivalente respeitável no noticiário do novo veículo. A televisão entrava no ar para amplificar um discurso e legitimar uma proposta de aliança com o poder, mantida desde que Assis Chateaubriand deu o impulso necessário à formação do conglomerado.

O Matutino Prenove, na época, rescendia a prestígio. Editado por Aderson Braz, o radionoticioso passou a ter a concorrência da tevê, que não deixava de ser uma ameaça à sua hegemonia, embora muitos dos avanços tecnológicos ainda estivessem no terreno da ficção científica.

O desafio do telejornalismo, como o da tevê de um modo geral, é que as pessoas envolvidas tinham que aprender fazendo. Não existiam profissionais preparados com vivência de linguagem do novo veículo. O importante era segurar a barra.

Foi o que fez Luciano Diógenes, na época jornalista ligado aos quadros associados. No início deveriam ser colocados no ar, diariamente (de 2ª a sábado), o Repórter Cruzeiro e o Correio do Ceará na Tv. Aos domingos, a Telesemana Unitário, uma resenha.

Nos primeiros dias, Luciano Diógenes contou com a participação de Tarcísio Holanda, logo em seguida substituído por J. Ciro Saraiva.

O editorial dos Associados insistia no mito da informação imparcial. O lema dos noticiosos da Tv Ceará seria "informar o máximo, sem comentar nem tomar partido". Luciano e J. Ciro constituíam a equipe "entrosada e de alto sentido profissional", de que não restam dúvidas.

Ao insistir em mascarar o papel de transmissão de ideologias e de instrumento de poder que cabem à imprensa, os Associados diziam "deixar ao público o julgamento e a interpretação das notícias", razão de terem ganho "a simpatia e a confiança dos telespectadores que se habituaram a encontrar nos dois noticiosos do vídeo a informação exata, sem distorção nem sensacionalismo vulgar".

Pouco tempo depois o Correio do Ceará na Tv passou a se chamar Repórter Real (uma companhia de transportes aéreos, depois absorvida pela Varig) num procedimento que poderia indicar, tal como a vinculação do Repórter Cruzeiro à "loja líder em confecção", um laço mais forte que a simples chancela, ao assumir o patrocinador a própria identidade, no título, do programa sob sua responsabilidade.

A televisão já percebia o poder de fogo que detinha e já tinha consciência de que divulgava à noite a notícia que os jornais trariam no dia seguinte. Importante ressaltar que, na época, os grandes jornais de Fortaleza, O Povo e Correio do Ceará, eram vespertinos, sendo os de maior tiragem e vendagem. Ficava implícita a força desse hábito, que só seria revertida na virada para os anos 70.

Narcélio Limaverde apresentava o Repórter Cruzeiro, no seu estilo da "coisa dita a sério, mas sem ênfase desnecessária". Cândido Colares e Aderson Braz, juntos no Repórter Real, contavam com filmes recebidos, diariamente, do Rio, São Paulo e Recife, bem como noticiário internacional filmado distribuído pelas embaixadas. Edson Martins, o sóbrio profissional do rádio que a tevê requisitou fazia aos domingos a Telesemana Unitário, onde se encaixava então o Panorama Panamericano, série de filmes distribuídos pelo USIS, que desempenhou um papel tão decisivo no Brasil pré-64. Atualidades Artísticas, apresentado por Paulo Limaverde dava ênfase ao enfoque local. O campo coberto pelo jovem narrador, "de muito futuro no vídeo" constituía em caleidoscópio de informações e novidades do cinema, teatro, literatura, artes plásticas e música.

Uma análise dos slogans diz bem

dos telejornais. O Repórter Cruzeiro traz hoje a notícia que você lerá amanhã. O Repórter Real seria realmente o máximo em informação. Pouco tempo depois (julho 61) ele voltaria a ser o Correio do Ceará na Tv, por razões comerciais.

Uma dissecação da estrutura do segundo noticiário mostra sua complexidade e a articulação de vários segmentos e enfoques na montagem de um vasto painel noticioso. As últimas de Fortaleza, Informes do interior, Acontece no Brasil, O mundo em face, O legislativo em ação, A última notícia, eram, por assim, dizer seções do telejornal associado, onde o sentido ético "seria a mola-mestra".

Em abril de 61 é anunciado como próxima atração um noticioso relâmpago, de tempo não superior a 2 minutos, com três emissões diárias. Seriam "notícias de última hora, curtas e diretas". Depois batizado como Noticiário Relâmpago, da Casa das Máquinas, "o maior crediário do Ceará", iria ao ar às 18,58, com nova edição às 19,40 e uma última apresentação às 21,22 horas, inclusive aos domingos, com Paulo Limaverde.

O Noticiário Relâmpago forçou uma rearrumação do pessoal, ficando Aldenor Maia com a Atualidades Artísticas, de que foram atrações, B. de Paiva, Jorge Amado, Raimundo Girão, Artur Eduardo Benevides, Renato Braga, Caio Porfírio Carneiro, João Clímaco Bezerra, até passar, isso já em 1963, para a apresentação de Assis Santos.

Outubro de 1961 vai significar um fato novo para a vida dos telejornais, a contratação de Teobaldo Landim e Egídio Serpa para reforço da equipe.

Dava para pressentir que viriam mudanças. No final do mês, J. Ciro Saraiva é confirmado como o novo diretor do departamento de telejornais da emissora. Luciano Diógenes continuaria no Correia do Ceará e responsável pelo Atualidades Artísticas, mantendo assim seus vínculos com a tevê.

A registrar o trabalho de Leocácio Ferreira e Paulo Sales no Departamento de Cinema, com reportagens que muitas vezes não iam ao ar no mesmo dia por conta da complexidade de revelação de filmes, secagem e seleção do material a ser aproveitado.

Parece não ser tão importante acompanhar o vaivém dos apresentadores, mas sim, traçar uma linha de evolução do telejornal cearense enquanto linguagem, recursos e criatividade.

Mesmo asssim, em fevereiro de 1962, Cândido Colares passou a ser o homem do Repórter Cruzeiro. Aderson Braz e Paulo Limaverde no Correio do Ceará na Tv, até a volta de Orlando Santos. Édson Martins na Telesemana Unitário.

A posse de Virgílio Távora no Governo do Estado e de Murilo Borges na Prefeitura de Fortaleza foi reportagem exibida no mesmo dia pela tevê, o que na época era mostrado como fato digno de registro, pelo esforço que deverá ter sido feito para tornar possível este desempenho.

É quando Polion Lemos passa a integrar a equipe, dando maior mobilidade às reportagens, cobrindo, por exemplo, em janeiro de 1963 o Congresso de Jornalistas em Canindé e preparando as lentes e câmeras para a cobertura do carnaval.

A grande penetração e prestígio da revista O Cruzeiro dava respaldo a Davi Nasser para que o seu "Diário de um repórter" fosse lido diariamente no canal 2 por João Ramos, que para isso decorava toda a crônica, segundo jornais da época.

Uma reportagem internacional que marcou época foi a cerimônias de exéquias do papa João XXIII, cuja morte levou a tevê a modificar sua programação naquele dia, como faziam as rádios em instantes de luto tocando música erudita.

Dois programas jornalísticos marcaram 1963: Primeiro Time, onde Lúcio Brasileiro falava de política, sociedade e esporte (depois substituído por Spot Light, com o mesmo repórter) e Eles fazem a cidade, realização de Gonzaga Vasconcelos, com Tarcísio Tavares, Lúcio Brasileiro e Lustosa da Costa, que manteve por mais de 2 anos, até janeiro de 1964, às quintas-feiras o Política Quase Sempre.

Na coleta de material para os tele-



Paulo Limaverde

jornais, a partir de fevereiro de 1964, Clesivaldo Sousa. Teobaldo Landim continuava na redação e J. Ciro Saraiva imprindo sua marca pessoal em sua passagem pela direção deste departamento.

Abril de 1964 vai trazer de volta ao vídeo associado Narcélio Limaverde que cumpriu temporada como contratado da Rádio Dragão do Mar. Ele assume o Correio do Ceará na Tv, ao lado de Orlando Santos. Outra novidade é a estréia de Perfil da Cidade, programa da Norton, que vai juntar Giacomo Mastroianni, Lúcio Brasileiro e Maria da Glória Martins, vindo a contar, posteriormente, com a participação de Lustosa da Costa que, como Procurador do IPASE, cumpriu estada em Brasília.

Junho de 1964 marca a substituição de Leocácio Ferreira por Polion Lemos, que logo parte para o Rio com Augusto Borges para a cobertura de Miss Brasil, concurso vencido pela paranaense Ângela Vasconcelos.

Nos planos ambiciosos que foram traçados, uma reportagem semanal de Polion Lemos com narração de J. Ciro Saraiva. Seria qualquer coisa como: As Reportagens de Fulano de Tal. Que depois evoluiu para a Penúltima Reportagem, idéia de Narcélio Limaverde e Polion Lemos, que ficou à espera de horário e nunca foi ao ar.

Vale a pena relembrar o "esforço de reportagem" para a cobertura da visita de Castelo Branco, na época, Presidente da República a Fortaleza. Ou os exercícios do CPOR, em Baturité. Bem como as emoções de uma vaquejada em Mossoró. Ou as pompas da festa que Sobral fez para Dom José Tupinambá, seu bispo-conde. Para não deixar de falar na entrevista com um ex-motorista de caminhão e que tinha se transformado num dos homens mais ricos do Cariri. Muitas dessas reportagens, como a da festa de São Francisco de Canindé ou a que registrou a descontração de um domingo em Fortaleza ou a sordidez da Casa de Detenção foram realizadas para o programa Sempre aos Domingos, de Ary Sherlock, com apresentação de Narcélio Limaverde e a participação de Polion Lemos na sequência Um fato em foco.

Clesivaldo Sousa, aprovado em concurso para o Banco do Brasil deixou o departamento de telejornais. As cinco edições diárias contam com as seguintes fontes, segundo o Unitário da época: Rádio Nacional de Brasília, Nacional do Rio, Tupi do Rio, Inconfidência de Minas Gerais, Rádio Clube de Pernambuco, Globo do Rio e Excelsior da Bahia.



Aderson Braz

Nos planos a contratação de um fotógrafo para a feitura de slides das personalidades enfocadas, um quem-é-quem dos que eram notícia na cidade. Já nessa época os jornais seriam fartamente ilustrados com filmes e slides, obtidos, muitas vezes, graças ao recorde de revistas e outras publicações, para não dar ao telejornal o caráter estático, de prevalência da figura do apresentador. Contratado para o telejornal, Lindberg Pirajá desligou-se, incontinenti, optando pelo teleteatro. Francisco Félix, até então rádio-escuta foi o novo escolhido por J. Ciro Saraiva para compor sua equipe.

Alcion Lemos, o fotógrafo contratado pelo departamento, também se inicia como cinegrafista. Em novembro de 1964 já sobe a 1000 o número de slides de personalidades do Ceará, Brasil e Mundo nos arquivos da Tv Ceará. Número que deverá ser duplicado até o final do ano, conforme recomendação expressa de J. Ciro Saraiva.

Na pauta, a cobertura da reunião da Sudene e da Aliança para o Progresso em Fortaleza. Orlando Santos apresenta o Noticiário Relâmpago, de segunda a sábado, sendo substituído aos domingos por Baman Vieira.

Terminava 1964 deixando um saldo favorável. O Departamento de Telejornalismo era considerado modelo de organização. Já poderia dispensar parte do sintomático apoio da filmoteca do USIS em Fortaleza, a cuja frente estava Paulo Limaverde, que cedia o Panorama Panamericano, documentário com acontecimentos políticos, administrativos e diplomáticos das 3 Américas, e o Telegrama Britânico para exibição pelo canal 2, bem como concertos do lar, desenhos animados, filmes educativos (Disney dando conselhos de saúde e higiene) e culturais.

Já se pode falar num terceiro mo-

mento dos telejornais associados.

Uma palestra semanal do Governador vinha substituindo, de modo definitivo, o programa político de Lustosa da Costa, desde janeiro de 1964. Em Política Quase Sempre, o editor da Resenha Política de Unitário e dos programas Estas são Confidenciais e Crônicas do Ceará, lidas ao microfone da PRE-9, entrevistava fora de quadro (em off) a partir de perguntas feitas, pelo telefone, por telespectatores.

Pontes Neto, JK, Waldemar de Alcântara, Luis Campos, Luciano Magalhães, Parsifal Barroso, Tenório Cavalcante, Edgar Linhares, José Colombo de Sousa, Temistocles de Castro e Silva e Martins Filho. Foram alguns nomes que Lustosa levou à tevê.

1965 vai econtrar uma grande expectativa por mais uma festa do século. Esta era a chegada a Fortaleza das linhas de transmissão de Paulo Afonso. Que mereceu uma cobertura externa do canal 2.

Lúcio Brasileiro pontificava ainda no Spot Light. Sempre aos Domingos continuava com reportagens de Polion Lemos.

Maio vai trazer um fato novo, de significativo alcance. O lançamento do Telejornal Correio do Ceará, que iria ao ar de segunda a sábado, às 21,50 horas, com supervisão de Guilherme Neto. Uma leitura superficial que seja já dizia da evidência de dissensões internas que vão perdurar até a substituição de J. Ciro Saraiva da direção do Departamento de Telejornalismo, em março de 1966.

O Telejornal como que criou uma duplicidade de ordens dentro da emissora. E foi ao ar com uma grande equipe e ampla divulgação. João Ramos ficaria com a parte internacional Lúcio Brasileiro com enfoques sócio-econômicos, Lustosa da Costa com a política partidária, enquanto que a Augusto Borges caberia o panorama policial. Esportes seriam da alçada de Wilson Machado, noticiário nacional de Gonzaga Vasconcelos, política administrativa de Aderson Braz. Juarez Temóteo assinaria comentário, enquanto que Polion Lemos seria responsável pelas resportagens rotográficas.

A qualidade do novo telejornal é comentada. A Tribuna do Rádio e Tv chama a atenção "para a variação de notícias, numa sequência bem concatenada".

O cinema de Cascavel teria mudado o horário da exibição do filme para não ser prejudicado pelo sucesso do Telejornal que ganharia o patrocínio da Crasa a partir de 22 de junho, incorporando a seu título a razão do seu patrocinador. Isso depois de um jantar na Baiuka, restaurante na então efervescente Beira-Mar.

Enquanto isso, o Noticiário Relâmpago, então redigido por Francisco Félix passava a ter apenas duas edições diárias, apresentadas por Narcélio Limaverde. Cândido Colares era o Repórter Cruzeiro e a redação dos telejornais competia a Teobaldo Landim e Francisco Félix, sob o comando de J. Ciro Saraiva.

O Telejornal Crasa passou a ser coordenado por Gonzaga Vasconcelos. E estariam todos enquadrados nos parâmetros de isenção e honestidade, tônicas das empresas associadas, onde segundo declarações de Eduardo Campos, "existe ambiente para um autêntico diálogo, com liberdade de opinião e de ação democrática".

O Telejornal Crasa foi escolhido



Política Quase Sempre

pela coluna Rádio e Tv do jornal Unitário, como o melhor programa de televisão local em 1965.

Narcélio Limaverde, contudo, era o melhor apresentador e passava também a redigir o Noticiário Relâmpago, a partir de janeiro de 1966.

Foi numa edição do Repórter Cruzeiro (21 de janeiro) que uma notícia não tão surpreendente foi dada: a confirmação da chegada do equipamento de video-tape. Essa era uma novela que vinha ser arrastando há bastante tempo. A novidade chegou a ser prometida para as festas do quarto aniversário da Tv Ceará e entrou num compasso de espera e adiamento, com fundos e negativos reflexos para a programação da emissora em 1965. O final do Contador de Histórias, a junção de Videorama e Tv de Romance numa úni-



Eles fazem a cidade

ca atração (Teatro de Novelas), o aumento dos enlatados, a redução da equipe, são fatores que justificam uma miope euforia pela chegada do equipamento de video-tape. Afinal de contas, era prometida a geração de programas locais para exibição nacional, o que nunca veio a ocorrer.

Narcélio Limaverde passa a ser o locutor exclusivo do programa do governo. Mas a novidade de fevereiro de 1966 foi a estréia de Telex-Consumidor, programa de Francisco Félix, apresentado por um nome que brilhava nos palcos e nos video da Tv Ceará: Aderbal Júnior.

A escolha de Aderson Braz para dirigir o Departamento de Telejornalismo foi justificada pela necessidade de "dinamizá-lo e transformá-lo na mais segura e eficiente fonte de informação ao público". Dia seguinte, J. Ciro Saraiva estrearia no Correio do Ceará, na elaboração de grandes reportagens.

Confirmado como chefe de reportagem, Narcélio Limaverde manteve Francisco Félix na equipe, como redator, com a colaboração de Rodrigues Lopes no noticiário político, Wilson Ibiapina também passou a integrar a equipe de rádio e tevê dos Associados.

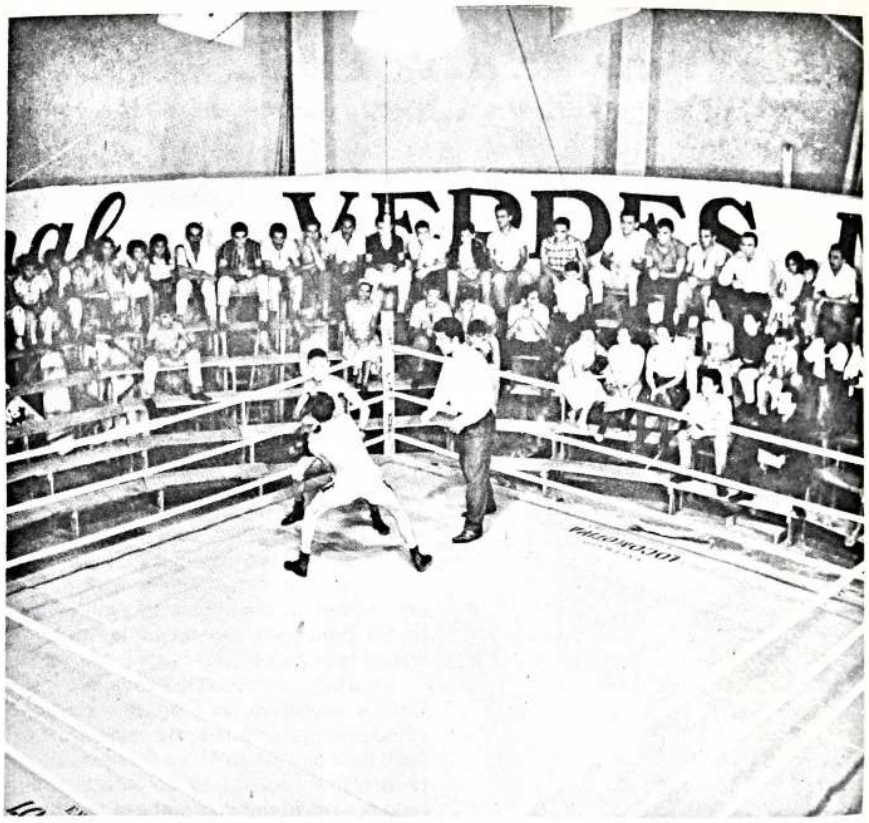
O Repórter Cruzeiro era considerado o noticiário padrão da televisão do Ceará. Cada edição contava com uma média de 50 slides. J. Ciro Saraiva teria sabido imprimir um ritmo de telejornal, onde a palavra reforçava a imagem e se complementavam num todo, longe de ser rádio com imagem. Essa lição teria ficado.

Em relação ao telejornalismo, o video-tape passou a ter papel saliente, pela mobilidade que dava às reportagens externas, pelas simplificação da edição, em termos, visto que o sistema helicoidal adquirido para Fortaleza, só possibilitava a edição no dedo, foi um avanço. Muito tempo depois se soube que algumas imagens do carnaval de rua deste ano, exibidos pelo Repórter Cruzeiros tinham sido geradas pelo novo equipamento, sem que tivesse sido revelado naquele instante o tipo de reportagem que estava sendo exibida.

Outro grande instante do telejornalismo do canal 2 vai ser Dimensão Total, com chancela da Metas Comunicação, inaugurando o horário do almoço, com um tratamento mais leve e que entrou no ar em 1971. Mas essa é outra história.



Narcélio



Punhos de Campeão

O esporte como espetáculo

Os outros faziam a festa, mas a Tv Ceará se responsabilizaria por divulgá-la. Isso ela o fez com cuidado e permanência.

Partindo-se do estereótipo de que esporte vende jornal, nada mais lógico do que transplantar esse raciocínio para o campo da reportagem de tevê.

A legislação posterior proibiu, por uma questão de não prejudicar as rendas, a transmissão diretas de espetáculos para a mesma cidade. Os jogadores, bem mais profissionais passaram a exigir o direito de arena, afinal de contas, eles são os astros do espetáculo. Mas a verdade é que a Tv Ceará se preparou, cuidadosamente, para ter um desempenho competente neste campo.

A primeira providência foi a estruturação de um departamento de esportes, que já partia da experiência e tradição da velha PRE-9. Era mais fácil se trabalhar quando já se tinha um suporte aprovado na prática.

A adequação desse pessoal à linguagem de tevê seria mais simples, uma questão de treinamento e de vivência. Por isso, Wilson Machado foi estagiar na Tv Rádio Clube, de Recife. A ele caberia a chefia da equipe. Na esteira da necessidade de reciclagem, Aliatar Bezerra tomou o mesmo rumo.

Mesmo antes da estação ser inaugurada, em circuito fechado, a equipe testou, a partir do Presidente Vargas, o equipamento e se exercitou para o grande dia. A transmissão de Ceará x Gentilândia transcorreu sem maiores problemas ou dificuldades, só o dos necessários ajustes, comuns a todas as estréias.

A equipe se revezava na apresentação diária de Esportes na Tv. Wilson Machado era o titular às segundas e quintas. Nas terças e sábados o comando ficava com José Eudes. Carlos Alberto Farias apresentava o programa às quartas e sextas. A resenha esportiva dos domingos contavam com os três, era o grande dia do futebol, o esporte que empolga este país.

E se sucederam América x Calouros, Ferrim x América, num levantamento que se confunde com a própria tabela do campeonato cearense e dos jogos realizados aos domingos.

O primeiro grande clássico transmitido foi Fortaleza x Ferrim. A frieza

da transmissão talvez chocasse a ouvidos mais acostumados à verdadeira cascata de palavras dos locutores de rádio. O veterano Mozart Marinho, também da PRE-9 foi requisitado para narrar os prélios, nos primeiros tempos.

A disputa das finais da Taça Brasil de 1960 entre Fortaleza e Palmeiras motivou a primeira grande modificação na programação da quinta-feira, 22 de dezembro e a realização da primeira transmissão esportiva noturna. O Palmeiras foi campeão, mas esta externa do PV foi um feito que se sobrepôs à derrota do tricolor cearense.

O Torneio Inicio do campeonato de 1961 (26 de março) teve narração de João Ramos e comentários de José Eudes. A festa estava começando.

Em abril de 1961 era anunciada a primeira novidade, a estréia em maio do programa Punhos de Campeão, com patrocinio da Água Mineral Verdes Mares. A equipe da cenografia, comandada por Rinauro Moreira transformaria o estúdio B num verdadeiro ringue, de acordo com todas as normas técnicas do box. Ao trazer o espectador para dentro de casa, o canal 2 evitaria os transtornos de mais transmissões externas e reforçava os laços com a comunidade. Afinal de contas, não custa nada lembrar que os estúdios da Estância Castelo tinham se transformado na mais nova atração turistica da cidade. Não seria dificil contar com 700 espectadores, mesmo cobrando 1.000,00 pelos ingressos.

A transmissão de Punhos de Campeão se faria a partir da experiência bem sucedida da primeira transmissão do carnaval de rua realizada pela Tv Ceará.

Wilson Machado, João Ramos, Augusto Borges e Narcélio Limaverde fariam a cobertura. Dia 2 de maio, a estréia com Morcego versus Timoschenko.

Punhos de Campeão foi substituido depois pelo Telecatch Montilla, a luta menos técnica, de maior apelo popular, onde os envolvidos desempenhavam papéis, assumiam estereótipos, num proposta caricatural, de grande sucesso de público no Brasil da década de 60.

O quadro se desenrola sem maiores novidades. A equipe veste as cores associadas, a cidade aplaude seus craques, as pessoas continuam a levar seus radinhos para os estádios, o prestigio de Wilson Machado continua a lhe render bons dividendos politicos, tendo passado da vereança para a Assembléia Legislativa, nas eleições de 1966.

Em janeiro de 1963, a Seleção Cearense de Futebol foi campeã do Norte/Nordeste, o que ensejou a que a tevê lhes prestasse uma homenagem que apelava para o comércio no sentido de arrecadar brindes. Faltavam ainda três quando do fechamento da edição de Unitário do dia 12.

José Monteiro passou a integrar a equipe de Esportes na Tv em fevereiro deste ano.

A contratação do fotógrafo Alcion Lemos levou à complementação do arquivo de slides de personalidades ligadas ao esporte. Isso em 1964, o que veio enriquecer, sobremaneira, os noticiários esportivos, em termos de imagem.

Anúncio publicado em outubro de 1964, pelos jornais associados, dizia da sequência a ser cumprida pelo Departamento Esportivo em suas transmissões de rádio e tevê. Segundo era dia do Jogo de Ontem. Terça e sexta, dos Destaques do Esporte. Quarta, a vez da Marcha do Campeonato. Na quinta, Os Melhores da Semana. Sábado era o dia reservado aos Destaques do Amadorismo. O horário de Esporte na Tv era 18,12 h, de segunda a sexta e 17,15 aos sábados. Em termos de pessoal, a estréia de João Gualberto, a participação de Olavo Carioca, os comentários sobre arbitragem de Alzir Brilhante, além de Saraiva Neto, Luiz Irapuan e Carlos Alberto Moreira.

Em maio de 1965, esportes passou a ser também uma sequência do Telejornal Crasa, tendo como titular Wilson Machado. Mas não terminou ai. Até sair do ar, em 1980, o esporte, como não poderia deixar de ser, teve seu lugar de destaque na Tv Ceará.



Neide Maia e João Ramos

Sete Dias em Destaque

Nas noites de sábado, a tevê assumia um ar de festa de gala. Com o patrocínio da Ceará Gás Butano, João Ramos, fora de quadro, definia o espírito da promoção.

"A jangada é o símbolo da audácia, da força e do valor da gente cearense. Esse símbolo da Tv Ceará canal 2, usa para reconhecer o mérito dos que são homenageados em Sete Dias em Destaque".

A televisão ampliava seu campo de ação, interferindo de maneira mais direta na comunidade, que se fazia representar, nos próprios estúdios, num instante que não dispensava mãos frias, nervosismo, alguns escorregões no discurso preparado em casa e que seria proferido depois do homenageado rereber de João Ramos o troféu Jangada de Prata.

Quanto vestido novo, terno tirado no baú, cabelos armados de laquê, gravatas apertadas! O instante era solene. João Ramos procurava deixar o convidado à vontade, mas era difícil diante de uma luz tão intensa, da recomendação de olhar para a câmera, de procurar se posicionar em relação ao microfone. Mas valia apena o reconhecimento junto aos vizinhos, amigos, colegas de trabalho. O "ter estado na tevê" dava status, realçava o homenageado, elevava-o a uma categoria especial.

A própria comissão encarregada de outorgar o troféu dizia muito da importância que ele tinha no âmbito associado. Eduardo Campos, o superintendente acolitado por Guilherme Neto, o diretor artísitico e com a participação de Rômulo Siqueira, o diretor comercial. Da decisão irrecorrível deste júri saiam os destaques de todas as semanas.

A desautorizar a força da jangada, a generosidade com que ela foi distribuída. Sete homenageados por semana, cinquenta e duas semanas por ano, cinco anos e meio de programa no ar, dizem da pulverização do prêmio. Num instante de irreverência captado pela câmara do fotógrafo de Unitário, Haroldo Serra e B. de Paiva chegaram a posar com uma bandeja repleta de jangadinhas, ganhas por conta da performance da Comédia Cearense, na época.

No âmbito interno, a premiação não poupou o próprio João Ramos. Foram também agraciados: Ary Sherlok, Neide Maia, Renato Aragão, Jane Azeredo, Emiliano Queiroz, Rinauro Moreira, Marcus Miranda, Maria Nilva, as bailarinas de Na Ponta dos Pés. Um caminho que a tevê encontrou de chamar a atenção e valorizar o próprio "produto" cultural que ela veiculava e vendia.

Voltando-se para a comunidade, a jangada não perdeu um instante sequer para reforçar os laços com políticos, empresários, intelectuais, militares. E com direito de começar tudo de novo, no sábado seguinte.



Emiliano Queiroz

As grandes atrações musicais



Ângela Maria

A partir da escolha de nomes inexpressivos, com os de Gilvan Chaves e Carmen Déa para o show inaugural da Tv Ceará, tudo levava a crer que não repetiria, a emissora da Estância, a exibição de grandes nomes contratados pela velha PRE-9.

Em noite memoráveis no edifício Pajeú, se apresentaram Xavier Cugat, Josephine Baker, Agustin Lara, Vicente Celestino, Orlando Silva, num desfile de astros que começou com Francisco Alves, "o rei da voz", em 1938.

Mas a tevê conseguiu apresentar nomes significativos, alguns contratados pela própria estação, outros, a grande maioria, através de Augusto Borges e Irapuan Lima, ativos empresários que propiciavam brilho às festas dos clubes, às noites do San Pedro Roof e alarido ao auditório de seus programas de rádio.

Janeiro de 1961 trazia à taba curumim os Índios Tabajaras.

Em março, um discutível show internacional. A "renomada cantora Sarita Antunez, cuja interpretação de La Violetera é das mais aplaudidas", Jorge Maidana, com repertório calcado em famosas canções mexicanas e o virtuose da harpa Pepe Velasquez. Uma troupe, decididamente, circense.

Luis Vieira teve apresentações regulares, contratado que fora pela Vigorelli para cumprir um périplo semanal por São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Fortaleza, com muito papo e canções um pouco sobre o lirismo.

A festa de primeiro aniversário, no Maguary, com patrocínio da Casa Parente, Ceará Gás Butano e Ângelo Figueiredo, teve Orlando Silva, Ivon Cury, Márcia de Windson e Zaira Pimentel cantando num cenário de Aldo Mesquita. "Uma noite que ficará em sua lembrança", diziam os jornais.

Caubi Peixoto, numa gentileza do Super Mercado Sino e Murilo de Alencar se exibindo no Música de Todo o Mundo fecharam a temporada de 1961.

1962 ainda vai encontrar Luis Vieira em cartaz. Fevereiro trouxe Sônia Mamede e trio Nagô e o rouxinol luso Natércia Lins, "bonita e simpática, com boa voz".

Numa contratação de impacto da Linholene, Ângela Maria deveria cumprir agenda de exibições semanais em Fortaleza, às quinta-feiras. A estréia da "Sapoti" foi marcada por um coquetel, e teve ampla cobertura de imprensa.

Silvio Caldas tinha o prestígio comercial da Westinghouse. E veio na mesma semana das Irmans Acyoman "graciosas artistas da Tv Jornal do Comércio", com apresentações combinadas para o Tony's, um bar da Praia de Iracema e San Pedro Roof.

Gilvan Chaves em nova temporada. Elizabeth Gasper era apresentada como cantora e vedete. O Primeiro de Maio teve Vanja Orico com chancela da loja A Pernambucana. Osmar Navarro se exibiu dia 15.

A novidade seria a substituição de Ângela Maria por Hebe Camargo, para um mês de apresentações. Por trás de tudo Linholene (Parece linho, mas é Linholene). Depois de Hebe foi a vez de duas quintas-feiras de Carminha Mascarenhas, logo substituída por Ivon Cury, sua peruca e seu "Retrato de Maria".

Segundo Irapuan Lima, Bienvenido Granda seria "o bigode que canta" e cantou dia 11 de agosto. "Perfume de Gardênia" era o carro-chefe do seu repertório de boleros.

Em situação mais prosaica vai voltar Luis Vieira para lançar a carne bovina Swift (isso é danado de bom...)

Anunciou-se um famoso cantor americano que dançaria e cantaria, é claro, o twist. Tratava-se de Cy Manifold.

A Orquestra Casino de Sevilla animou o baile de aniversário do Líbano, com o apoio dos Armazéns do Povo.

Na pauta: Catulo de Paula e Morgana. Mas o grande momento de novembro foi a festa no Náutico, do segundo aniversário da Tv Ceará, com Tobias Troisi e sua maravilhosa orquestra francesa, Demetrius (o astro dos brotos), Carlos José (um dos mais festejados bossa-nova), Ana Carol e a gozadíssima dupla Jararaca e Ratinho. Com direito a distribuição de flâmulas comemorativas do evento.

No início de dezembro, Caubi Peixoto fez involutário "fortait", por conta de atraso de avião, mas cantou dia seguinte, para alegria de seus fãs. Trazida por Augusto Borges, Norma Suely se apresenta. São anunciados Galhardo e Moreira da Silva. Estava encerrada a temporada de 1962.

Marco Antônio, intérprete de Ave Nem Ninho é a primeira atração de 1963.

Book e Eliana Pitman, anunciada com "twist girl" vieram em seguida para

show na 1º Exposição da Indústria e Comércio do Ceará e esticaram até a Tv Ceará.

Dilu Melo e sua harpa paraguaia vieram por conta dos cigarros MAK, quando através da Manufatura Araken, o Ceará ainda fabricava cigarros. E por falar em Paraguai, o internacional Trio Guarany também deleitou os fãs de guarânias.

Outra atração "internacional" foi Carmen Porto, cantora e bailarina portuguesa. Os jornais não falam do gênero do reportório, nem se ela cantava enquanto dançava, como Almira, por exemplo, partner de Jackson do Pandeiro nas apresentações de junho de 1963. Mesmo mês do show de Núbia Lafayette.

Augusto Borges anunciou um 1º Festival da Música Popular Brasileira, esperando contar com apoio da Universidade do Ceará, do Governo do Estado e da Prefeitura de Fortaleza. Ambiciosa, a promoção previa a vinda de Orlando Silva, Carlos Galhardo, Manezinho Araújo, Velhinhos Transviados, Vinicius, Tom Jobim, Aracy de Almeida, Dalva de Oliveira, Sônia Delfino, Alcides Gerardi, Pixinguinha, Moreira da Silva, Elizeth Cardoso, Isaurinha Garcia, Jorge Veiga, Jamelão e Ataulfo Alves. Previsto para acontecer em setembro, no Teatro José de Alencar, o Festival não aconteceu.

Em compensação, o Show Vigorelli trouxe a Fortaleza, Edith Veiga e Salomé Paraíso.

Mãe de miss, Nora Nei, a reboque de Vera Lúcia, Miss Guanabara 1963, cantou no Líbano dia 30 de agosto. Já o Centro Quixadaense trazia de Belém do Pará a orquestra de Alberto Mota.

Em outubro a vez de Orlando Dias cantar no Roof do San Pedro Hotel.

O aniversário da Tv Ceará, teve como atrações, Nelson Gonçalves, Gilvan Chaves, Elza Laranjeira, July Joe e Alda Perdigão, além dos conjuntos Alegrias Espanholas e Music Hall.

1964 começou com um baile a bordo do transatlântico Rosa da Fonseca, promovido pela primeira dama Luiza Távora com show de Orlando Silva. Seria na opinião dela, "o mais caro, o mais distinto e o mais selecionado do ano". O "cantor das multidões" também se exibiu na tevê.

Em seguida foi a vez de Ivon Cury. Maio trouxe Zé Trindade no horário de Ayla Maria, de luto pelo falecimento de um familiar de seu esposo.

Marinês e sua gente deu o toque nordestino à importação de estrelas Adilson Ramos veio em julho. Mesmo mês em que Ivon Cury repetiu a dose.

Altemar Dutra entoou seus boleros em agosto, coincidindo sua estada na cidade com a apresentação de Waldick Soriano e Luis Gonzaga, "o rei do baião".

Augusto Borges investiu em José Vasconcelos, na época um humorista de muito sucesso.

Irapuan Lima contra-atacou com uma atração circense: Bill Boom. Alcides Gerardi, um cearense de sucesso, visitou a terra pelas mãos de Augusto Borges. E não faltou um grupo de dubladores e imitadores do Maranhão, Os Alucinados.

Carlos Alberto e Caubi Peixoto deram sequência ao calendário de atrações musicais. Miltinho brilhou em outubro. Novembro foi a vez de Elza Soares. A festa de aniversário deste ano foi comemorada com a chamada prata de casa.

E Zé Trindade fecha o ano com seu humor machista de chanchadas.

1965 começa sob o signo da Jovem Guarda. Pela primeira vez as atrações estão sintonizadas com o movimento musical vigente. Até então o desfile se fazia em termos de sucesso popular, conveniência de importação, sem maiores compromissos com a ambiência ou efervescência cultural do momento. Não veio ninguém da bossa nova, por exemplo nem qualquer representante da chamada música de protesto ao regime militar de abril. Mas Wanderléia marcou época na cidade, a partir de janeiro e sempre como iniciativa de Irapuan Lima. Em março foi a vez de Roberto Carlos, já reizinho, parando na contramão, dando beijos splish-splash e mandando todos para o inferno.

Os Cantores de Ébano vieram em abril. Wanderléia e Orlando Dias também.

Em junho, Rosana Toledo. Mês seguinte, Roberto Carlos e Wanderléia arrasam no 1º Festival da Juventude, no Ginásio do SESC. Também no Náutico e na TV Ceará.

Paul Winter Sextet e Nelson Gonçalves vieram em seguida. Altemar Dutra teria sido o vencedor de um concurso da Gazeta de Notícias. J. Macêdo traria um grande nome da música brasileira. Cogitava-se de Elis, deu Altemar, que cantou no Perfil da Cidade. Carlos Galhardo dispensava objetivos em outubro. Novembro vai juntar Wanderléia e Rosemary no Tv Juventude.

Astros e estrelas continuam a vir, só que não se exibem mais na Tv Ceará. Irapuan Lima ainda resiste com seu horário de tevê e algumas atrações de menor porte. Os tempos, decididamente, mudaram.

Ivon Cúri



O bom humor da Tv Ceará

Alguém já falou que fazer rir é coisa séria. A Tv Ceará tomou essa afirmação ao pé da letra. E reservou parte significativa de sua programação aos humorísticos. Da equipe de seis realizadores formados pelo CPET, logo reduzida a cinco, dois (Augusto Borges e Renato Aragão) tinham forte compromisso com o riso. E foram exatamente eles dois escalados para ocupar este espaço na festa de inauguração.

Dia 28 de novembro de 1960, foi ao ar Lua-de-Mel Atrapalhada. Em sete cenários armados no estúdio A se desenvolveu a trama "movimentada e hilariante, moderna e leve", segundo Unitário. Era a estréia de Augusto Borges e contava com a participação de Danúbio Bezerra, Karla Peixoto, Ângela Maria, Wilson Aguiar, Edésio Amorim, Silvio de Castro, Edmilson Queiroz e Wilson Machado. Era a semente do Tv de Comédia, semanal e envolvendo todos os realizadores num rodízio que significava novas experiência e enriquecimento de linguagem para todos.

Na quarta-feira, 30, seria a estréia daquele que foi, sem favor, uma das maiores revelações da Tv Ceará ao humor brasileiro: Renato Aragão. "Jovem calado, de fala mansa e uma capacidade de trabalho fora do comum", a revelação do 3º CPET já era citado como "dos valores mais positivos da televisão brasileira". Parecia exagero, o tempo provou que não era. Renato Aragão tinha até experiências esporádicas em teatro. Fruto da tevê, ele conseguiu desenvolver um tipo de humor fundamente arraigado às potencialidades e à linguagem do novo veículo. Sua mímica, seus cacoetes, suas máscaras encontraram no vídeo o caminho ideal para a expressão de uma mensagem de forte impacto e fácil leitura visuais.

Renato Aragão foi autor e realizador da Comédia da Cidade, que depois se transformou no Vídeo Alegre. O primeiro programa teve Wilson Aguiar, Karla Peixoto, Isis Martins, Neide Maia, Edmilson Queiroz, Edésio Amorim e João Holanda.

Era preciso "começar a semana com bom humor". Para isso Augusto Borges contava com o Isto É show, aos domingos, 25 minutos de humorismo e músicas elegres, num patrocínio de Irmãos Carvalho. Escrevendo quadros, adaptando Max Nunes para o elenco de Estância, Augusto Borges deu piques de audiência às noites maçantes do domingo.

O talento e a capacidade de trabalho de Renato Aragão foram canalizados também para Aí Vem o Circo, onde o estúdio se transformava em picadeiro, tendo como mestre de cerimônias MacDowell Holanda. A influência era tal que os ingressos passaram a ser limitados e deveriam ser retirados no patrocinador, a Importadora do Nordeste.

Outro programa realizado por Renato Aragão foi o Risos e Melodias, estrelado pelo elenco do canal 2, com o realizador nos bastidores.

Já em dezembro de 1960, o reconhecimento de uma jangada de Sete dias em Destaque, ainda que uma homenagem comprometida porque feita pela própria emissora, diretamente interessada no sucesso de sua programação



Vídeo Alegre

Renato estava bem consciente dos caminhos que trilhava. Mistura tropical de Buster Keaton, Carlitos e Jacques Tati, ele incorporava uma molecagem cearense e um jeito de chanchada ao seu desempenho. Seu caminho inteiramente pessoal vai justificar, posteriormente, o sucesso nacional que alcançou.

Tv de Comédia tinha forte suporte de texto e foi dinamizado e enriquecido com a participação de vários realizadores. Augusto Borges assinou Padrinho em Apuros, João Ramos adaptou Feydeau (A Falecida), Ary Sherlock criou E a prima chegou. Aconteceu de Madrugada, de Eduardo Campos, A Primadona de José Maria Monteiro e O Bom Ladrão, de Péricles Leal e Graça Melo foram textos adaptados para a linguagem de tevê e que asseguraram o êxito do programa. Rinauro Moreira nos deu um Calado, Grau 33. E Renato Aragão com seu humor "leve, saboroso, sadio e ingênuo" foi o realizador de Felicidade por uma noite, Ele-

Renato e Picanço



tricista por um fio e A Cobrança.

No Video Alegre, números musicais, paródias, revelações como a de Américo Picanço, participações definitivas de Wilson Aguiar (Cheiroso) e a confirmação do talento de Antonio Mendes, o Toinho.

Nas festas de primeiro aniversário de Tv Ceará, as reprises dos primeiros programas de Renato Aragão. A justificativa era o número irrisório de receptores de tevê em novembro de 1960. A estação se preocupava com a valorização do "humor plástico" do produtor, realizador e intérprete do Video Alegre, agora com mais tarimba, experiência mais apurada, perfeito domínio do veículo e amadurecimento do gênero de humor que era seu forte.

Em 1962, a confirmação definitiva do talento de Renato Aragão. Video Alegre era considerado "simples, ingênuo, mas adoravelmente divertido, limpo e quase sempre bem humano", segundo os jornais. O programa contava com uma forte retaguarda onde pontificavam, quase de maneira fixa, Maria Luiza, Rinauro Moreira, Américo Picanço e Antônio Mendes. Wilson Aguiar partiu para tentar o Rio em dezembro de 1962, não antes de Video Alegre comemorar com novo festival de reprises, os dois anos ou 104 apresentações no video da Tv Ceará.

Nas reprises os melhores momentos do humor de Renato. Raimundo Nonato e Isis Martins dançando twist, além dos episódios O Rei do Gatilho e Politica, Quase Quase, sátira ao programa de Lustosa da Costa.

1963 vai encontrar o pais mergulhado no debate presidencialismo x parlamentarismo e às voltas com um plebiscito. Renato Aragão disse Não, num programa que tratava o assunto de forma caricatural.

São dessa época o bordão "mas olha ai, Frederico", criado para reforçar o caráter da personagem vivida por Antônio Mendes, que sempre ia na onda do impagável Didi.

Março registra a estréia do segundo grande momento do humor na Tv Ceará, o programa Dois na Berlinda, com o episódio A Virgem, a beata e o sacristão, de Alvina Gameiro, escritora piauiense radicada no Ceará, com realização de Hildeberto Torres e Marcus Miranda e Maria Luiza encarnando Praxedinho e Anicetinha.

O humor na tevê registrou altos índices de audiência com os dois programas no ar. A diferença básica é que Marcus Miranda e Maria Luiza eram atores vivendo uma situação de humor. O sucesso se baseou na urdidura da trama, na criação de situações, na elaboração de personagens muito calcadas no imaginário popular. A resposta não se fez esperar. Total empatia.



Renato Aragão

Ninguém sabia ainda, nem o próprio Renato, talvez, mas Video Alegre vivia seus últimos instantes no acanhado video da Tv Ceará que foi quem possibilitou que este monstro sagrado do humorismo brasileiro botasse as unhas de fora.

Um alegre plano de morte, Macumba no Amor, Frank Sinatra dos Pobres (onde Toinho falava inglês), Namoro de Gente Rica (onde Renato lutava com uma bicicleta e contracenava com Marcus Miranda) foram instantes criativos de Video Alegre).

A registrar a metamorfose da "ingênua" Iris Brenno das telenovelas vivendo uma matuta grossa num Video Alegre, a performance de outro tipo de Renato, o 49 e a parceria com César Coelho no episódio Tia Júlia não se engana.

Segundo a critica da época, a maneira moderna e gozativa de escrever de César Coelho se aliava à experiência de fazer rir de Renato Aragão. Um casamento que tinha tudo para dar certo, mas que durou pouco.

Enquanto isso, Dois na Berlinda se firmava no gosto popular. Mesmo com a operação de Maria Luiza, a série foi ao ar. Anicetinha voltou no que seria o último programa da dupla. Dois na Berlinda tinha tido realizações de Hildeberto Torres, Ary Sherlock e Augusto Borges. No elenco de apoio, Karla Peixoto, Rinauro Moreira, Ângela Maria e outros.

A Tv Ceará reconsiderou sua decisão intempestiva de retirar do ar um programa no auge do sucesso e prosseguiram as aventuras, cheias de tramas, o romance arrebatado entre o sacristão e a funcionária pública, "um ingênuo casal provinciano", segundo a própria emissora.

Dois na Berlinda que era apresentado aos sábados às 21,34 horas, ganhou novo horário, entrando no ar às 20:57 horas do mesmo dia. Na retomada do programa, a estréia de Assis Santos como comediante. Os três meses em cartaz do programa (17 de junho) foi a nova data estipulada para que ele saisse do ar. Alvina Gameiro, criadora da série recebeu todas as homenagens a que tinha direito: jangadinha, lembrança do patrocinador, agradeceu à equipe no que seria a última exibição do programa. E foi marcada a estréia de novo casal, com texto do próprio Miranda.

A nova etapa de Dois na Berlinda foi marcada por um texto de B. de Paiva, com adaptação de Marcus Miranda, realização de Guilherme Neto adotando o pseudônimo de João da Silva. O novo casal era constituído por Abdon e Violeta. Teria que lutar bastante para ocupar na preferência popular o lugar reservado a Praxedinho e Anicetinha.

Na semana seguinte (9 de julho) o episódio de Marcus Miranda, Quem chora não mama, lançava novo casal: Bené (mulato) e Linda. Total falta de planejamento por parte da emissora e da adequação da programação às tendências de aprovação.

12 de julho é o dia da viagem de Renato Aragão ao Rio. Video Alegre continuaria, alguns programas ficaram prontos, o que significa redigidos, decupados, com providências tomadas para futura realização.

Apesar do ritmo ágil anotado por Selma Lobo, Bené e Linda sairam do ar três semanas depois. Voltariam Anicetinha e Praxedinho, com novas histórias de Alvina Gameiro, num novo dia (quinta-feira) e num novo horário (19,51 horas).

O Correio do Ceará de 6 de agosto de 1963 anunciava que Renato Aragão estava se submetendo a testes para produzir programas na Tv Tupi para a rede nacional Associada. A notícia foi depois retificada: ele apenas submeteu alguns de seus roteiros à apreciação de Almeida Castro, diretor-artístico do Sirta.

Na volta ele já apresentou suas despedidas como novo contratado da Tv Tupi. O contrato foi vultoso, envolvia salário de 300 mil. Com direito a ponto de exclamação no texto jornalístico.

Os últimos programas de Renato foram curtidos avidamente, apesar da promessa de que Video Alegre viria em kinescópio para a Tv Ceará. Ele viajaria dia 6 de setembro, mas na véspera ganhou festa de Maria Luiza e Rinauro Moreira, com presenças de Karla Peixoto, Américo Picanço, Toinho, Isis Martins, registrada para sempre numa foto agora amarelecida pelo tempo.

Augusto Borges fez o primeiro Video Alegre depois da viagem de Renato, com Ivone Mary e Nonato Freire. Joseoly Moreira também chegou a escrever para o programa. Mas a Tv Ceará tinha novo sucesso de humor: Dois na Berlinda. Renato foi ser a estrela nacional que o Brasil passou a aplaudir. E que estreava no AEIO Urca, ao lado de Wanda Moreno, em novembro. Wilson Aguiar, nesse mesmo tempo, trabalhava com Chico Anísio. O humor cearense tomava conta do país



Praxedinho

Em 1964, Dois na Berlinda sai da zona de turbulência. A emissora se convenceu da necessidade de investir no programa, principalmente depois da viagem de Renato Aragão. As notícias são óbvias, falam em grande sucesso, agradando em cheio, excelentes desempenhos.

Como novidades, a regularidade de Francisco Arruda vivendo o vigário, a estréia de Antonieta Fernandes, um dos maiores talentos histriônicos cearenses e a participação de Dona Maria José, de marcante e meteórica passagem pelos videos.

No final do ano, nova promessa de Alvina Gameiro, a pedidos de Miranda e Maria Luiza, de criar nova dupla, "nos mesmos moldes" de Praxedinho e Anicetinha.

Em 1965, a viagem de Marcus Miranda para os festejos do 4º Centenário do Rio serviu de pretexto para o episódio Amigas Leais. Praxedinho volta ao território mítico de Pinóia a 22 de fevereiro, desfazendo, no programa rumores de sua morte. E a tempo de participar de Um baile de máscaras, episódio pré-carnavalesco.

Em junho a notícia da substituição de Dois na Berlinda por programa realizado por Gonzaga Vasconcelos, o que efetivamente aconteceu em meiados do mês com a estréia de Pensão do Bom Sossego, recebido como um "bom tema" que deveria tirar melhor partido das situações envolvendo hóspedes e criados. Todo mundo apostava numa afinação com o tempo.

A partir daí as informações são contraditórias, as pistas confundem, as pessoas esqueceram. Os jornais fazem menção a uma Praça do Bom Humor, bem como a um humorístico Show Risos.

O importante é resgatar com Video Alegre e Dois na Berlinda, dois grandes momentos do bom humor da televisão cearense.



João Ramos, o Lobo do Mar

Histórias que só a tv ousava apresentar

O Contador de Histórias foi, sem dúvidas, um ponto alto da programação da Tv Ceará. A convicta rejeição do termo Grande Teatro se fundamentava numa visão do que seria televisão, idéia que empolgava todo o grupo envolvido nesse projeto pioneiro.

O material de divulgação da própria estação falava em ousadia e chegava ao cúmulo de dizer que parte do material levado ao ar teria sido, prudentemente, rejeitado pelo cinema. Ainda segundo o texto associado, o programa patrocinado por J. Macêdo seguiria uma linha de apresentação de histórias com mensagem de forte conteúdo humano e social. Na segmentação do público, as noites de sábado teriam uma audiência inteligente e certa. A novidade do veículo poderia permitir essa concorrência frontal com as outras opções dos finais de semana.

Cada história em cartaz teria um planejamento de um mês e ensaios a partir de segunda-feira. No sábado, um narrador onipresente, no contraluz, Sheerazade dos tempos tecnológicos, prometia contar mais uma história.

Cronologicamente, o primeiro episódio do Contador de Histórias teria sido A Fúria dos Justos, de Eduardo Campos, realização de Péricles Leal, que foi ao ar no domingo, 27 de novembro de 1960, segundo dia das festas inaugurais. A importância deste episódio, que seria reprisado em dezembro do ano seguinte, estaria no fato de retomado quando do advento do vídeo-tape, com o título de Os Deserdados, ter sido o espetáculo que representou o Brasil, na categoria teleteatro, no Prêmio Ondas, de Barcelona, tendo obtido uma significativa colocação entre programas de tevê de todas as partes do mundo.

O Contador deu sequência com Elegia para uma velha, de Péricles Leal, com o forte drama racial de Steinbeck centrado em O Vigilante, com O Prisioneiro de Eduardo Campos e A Longa Viagem de Volta, de Eugene O'Neill, o desenvolvimento de uma proposta de "seriedade de propósitos, sem concessões ao mau gosto e dirigida ao público mais exigente".

A programação de 1960 se encerrava com A Pantera, de Browning Norton, numa realização que envolvia Danúbio Bezerra, galã carioca de passagem meteórica pela Tv Ceará, Ary Sherlock, Emiliano Queiroz, Wilson Machado, Augusto Borges, Edésio Amorim, Dora Barros, Laura Santos e João Ramos.

Numa apressada retrospectiva, em fevereiro de 1961, é reforçado o alto investimento que representava o programa e o faturamento em termos de audiência, e, principalmente, de prestigio que a tevê pretendia obter. E citados outros autores e títulos: Graham Greene com Bons Mestres, Bons Discípulos fazia contraponto a Gianfrancesco Guarnieri, com Oceano Guiomar, ambientado no morro no Salgueiro, Eduardo Campos com dramas sertanejos (A morte prepara o laço, O Valentão) equilibrava o francesismo de Maupassant com o seu Passagem para o Havre, uma adaptação do conto Bola de Sebo. Estava definido um caminho que com O Lobo do Mar, de Jack London resvala para o grandiloquente da superprodução.

Se no teatro se torna estéril a avaliação de um espetáculo a partir da análise de um texto, na televisão, a simples enumeração de títulos e autores indica uma linha que foi seguida, mas nunca forneceria elementos para uma dissecação de propostas estéticas. Mesmo a consulta dos scripts, que não existem mais, seria uma pista segura. Se o teatro pressupõe uma magia que se estabelece entre o público e os atores, num clima de interação e participação que beira a cerimônia, a televisão se perfaz enquanto clima, enqua-



O Lobo do Mar



Carmem

dramentos, iluminação, nuances, sutilezas e isso nunca mais poderá ser revivido porque aconteceu num momento determinado e não é passível, no caso cearense em questão, de reprodutibilidade técnica. A matéria, por demais controvertida, presta-se a variadas interpretações, mas é o fio da trama que este texto pretende captar.

Anunciava-se então Poe, Sorayan, Melville, Caldwell, D. H. Lawrence, mas nada disso tinha mais importância que o convite para que O Lobo do Mar participasse das festas de primeiro aniversário da Tv Rádio Clube, em Recife.

O Lobo ganhou registro de Radiolândia, Tv Programas, Revista da Televisão, títulos de publicações especializadas, de circulação nacional, da época. O convite seria "uma prova de maturidade, fruto de árduo labor" e imediatamente era elevado à categoria de notícia da semana.

O que depois se reduziu à remessa pelo malote de uma fita, quando da entrada em funcionamento do video-tape, ganhava aqui a dimensão de uma epopéia, reproduzindo o caráter épico e aventuresco do programa. A equipe viajaria pela Real, o programa seria exibido dia 4 de junho e dia seguinte estariam todos de volta pelo Lóide Aéreo. O cenógrafo Rinauro Moreira foi antes estudar as condições de montagem dos vários sets em que transcorria a saga de Lobo Larsen, vivido por João Ramos. Até os câmeras Waterloo Assis e Aldailo Silva compuseram a equipe. Péricles Leal contava com Aderson Maia como assistente de estúdio.

O sucesso levou ao equívoco dos grandes épicos, definitivamente incluídos no roteiro, intercalados por histórias mais intimistas.

Nessa esteira, Beau Geste, o clássico de aventuras de P.C.Wren, com quase 40 personagens, 9 cenários, onde se destava o Forte de Zonderneuf, da Legião Estrangeira, com sete metros de altura, incluindo a torre de vigia, é um exemplo perfeito e acabado. Rinauro Moreira, assessorado na parte de pintura por João de Deus, tinha condições de se soltar.

A baleeira de Moby Dick não poderia se assemelhar ao foqueiro do Lobo do Mar. Teria que ser comprida, com alto passadiço, elevada ponte de comando.

Falava-se em esmero nas montagens, verdade da interpretação, fidelidade às imagens e cada espetáculo apresentado superava os anteriores, numa retórica também grandiloquente.

À Meia Luz, de Patrick Hamilton e Carmen, de Prosper Merimée não ofuscam a megalomania vigente. Estava na hora de enveredar pela mitologia grega.

Em A Lenha de Perseu, de John Kingsley, Péricles Leal tentava lançar mão de truques cinematográficos para fazer a personagem voar, sem grandes resultados.

O exagero levava a considerá-lo "o mais belo espetáculo apresentado até agora, confundindo qualidade com pirotecnia.

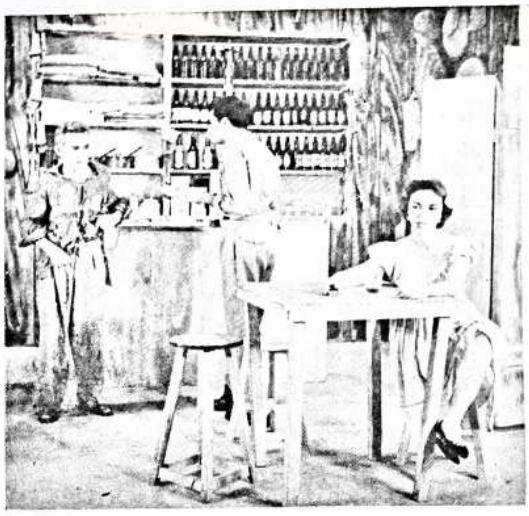
Novo delírio com O Gavião do Mar, "a famosa saga do nobre de Cornish que se torna o terror da cristandade", anunciado como um clássico do gênero aventuras. "Empolgante, cheio de emoção e realizado com apuro de uma equipe que hoje em dia é reconhecidamente, das primeiras da tevê brasileira", O Gavião eclipsava A Viúva Negra, de Patrick Quentin, Horas de Desespero, de J. Hales e O Último Rebelde, de Gerald Green.

Macbeth, de Shakespeare, com "pesadas inumentárias, sombrias paredes de pedra dos seus castelos, hábitos primitivos e instintos bárbaros de suas figuras" teria sido então o maior espetáculo já apresentado pela Tv Ceará.

Novo convite para apresentação em Recife, dessa vez abrindo o 1.º Festival de Teatro do Norte. Montagem fabulosa, guarda-roupa soberbo, interpretação priomorosa. A necessidade do adjetivo disfarça a dificuldade de aprofundar questões ou buscar a essência dos espetáculos.

Dumas não poderia ficar de fora e o gênero capa-e-espada teria sido mais uma vitoriosa incursão da Tv Ceará. O imprevisto das situações, o heroísmo das personagens, a beleza das princesas, um ar de mistério, a brutalidade dos senhores feudais, em suma, todos os ingredientes do folhetim pontificavam na tevê. O Arqueiro Heróico documentava uma época, como Contador de Histórias marcava a viagem de Péricles Leal para implantar a Tv Marajoara, em Belém e antecipava o Ciclo José de Alencar, desenvolvido a partir de agosto, um incontestável salto de qualidade.

Luciola, realização de João Ramos, abriu o novo ciclo. Um espetáculo polêmico, "a um passo de escabrosidade" na linguagem do Unitário da época. Toda a cidade se chocou com a desenvoltura de Jane Azeredo, na cena do festim. De pudico corpete e short até os joelhos, como documentou a foto de Leocácio Ferreira, aos olhos moralistas da cidade e graças à mesa de cortes, ela teria dançado nua, exorcizando todos os nossos demônios pequeno-burgueses. Um choque.



Flor do Pecado

O Tronco do Ipê, "talvez o mais plástico romance de Alencar", Diva e O Gaúcho fecharam o ciclo sem o mesmo impacto de Luciola, mas um novo caminho de esboçava.

O Contador ainda apostou na linha dos superespetáculos. Teseu tinha cenários magnificos, como a fachada do templo de Posseidon, a montanha de pedra, o monstro de pele de urso, um conjunto de pinheiros, o portal do palácio de Cercion e a caverna do Minotauro, pintados por Moura e por J. Fernandes. Em relação a Perseu, que recorreu a truques cinematográficos, Teseu era apresentado como "puro espetáculo de tevê, um veiculo de divulgação artistica diferente, independente e fiel a seus principios". Em relação a Ponson du Terrail, também encenado pelo Contador de Histórias, o exagero vai de transformá-lo de autor de folhetins que era, em "luminar da literatura internacional". Um Nome de Mulher, de Theodore Storn teve realização de Ary Sherlock. Mas estava na hora de festejar o primeiro aniversário.

Fortaleza contaria então com 6.000 televisores, segundo estimativas associadas, o que equivaleria a um público de 30.000 telespectadores. Eduardo Campos, Péricles Leal (na cidade para as festas), Steinbeck e O'Neill na pauta dos programas a serem reprisados.

Em 1962, O Contador de Histórias continou a ocupar talvez o lugar mais destacado da programação da Tv Ceará, mas não ganhou o mesmo espaço no noticiário e comentários da imprensa. O que talvez indique que ele sido ajustado à sua dimensão de programa competente e correto, mas sem os exageros de uma fase que talvez tenha sido importante para sua afirmação e amadurecimento.

Medo de Péricles Leal, Contrabando ao Por do Sol, de Eduardo Campos e Tudo isso e o céu também foram titulos exibidos. O novato Hildeberto Torres comparece com O Dragão Vermelho, um sucesso depois reprisado. Interessante ressaltar a formação de tevê do realizador Hildeberto, ex-suite, depois encarregado do setor de textos, ele desenvolveu um conjunto de trabalhos para o novo veiculo, onde cumpre ressaltar, por sua desvinculação anterior do teatro ou do rádio (apenas chegou a ser cantor), a elaboração a partir do dominio da linguagem e dos recursos expressivos da tevê, o que de certa forma se aplica a Gonzaga Vasconcelos. Seria como que uma segunda geração de realizadores de tevê.

A Taça de Ouro, de Steinbeck; Os Homens querem Paz, de Péricles Leal (apresentada anteriormente na Tv Tupi); Espectros, de Ibsen foram espetáculos que reforçavam o discurso oficial da Tv Ceará contrário à utilização da expressão Grande Teatro e se recusando a fazer teatro televisionado.

Na semana santa, a vida de Madalena dentro do espetáculo O Preço da Paz, de Alphonsine Bonaparte, com direito a reprise no sábado de aleluia.

A Estranha Parábola do Amor, de Eduardo Campos; Rita, de Jorge Medauar; O Poder da Imprensa foram espetáculos que prepararam o grande acontecimento deste ano no que se refere ao Contador de Histórias: o Festival do Autor Cearense.

Preconceitos elitistas faziam com que parte de nossos escritores rejeitassem o novo veiculo — como antes rejeitaram o rádio — considerado imprestável para o desenvolvimento de propostas estéticas consistentes. Encerrada na chamada "torre de marfim", a intelectualidade cearense não queria baixar o nivel. A contribuir para esse afastamento, não se pode perder de vista, o fato do superintendente da estação ser um escritor (presidente da Academia de Letras), teatrólogo, folclorista, o que poderia concorrer para acirrar competições e aguçar rivalidades em termos pessoais. Mas são meras conjecturas de uma compreensão à distância de um fenômeno que merece uma reflexão mais detida.

João Ramos adaptou O Preso, de Moreira Campos. O conto Cárceres Verde, de Braga Montenegro deu Açucena, a desejada, adaptação de Augusto Borges e realização de Ary Sherlock. Um depoimento de Raimundo Girão sobre Matias Beck foi adaptado e realizado por Hildeberto Torres. Come Gato, de Caio Porfirio Carneiro foi depois consi-



O Lobo do Mar



Carmem

dramentos, iluminação, nuances, sutilezas e isso nunca mais poderá ser revivido porque aconteceu num momento determinado e não é passivel, no caso cearense em questão, de reprodutibilidade técnica. A matéria, por demais controvertida, presta-se a variadas interpretações, mas é o fio da trama que este texto pretende captar.

Anunciava-se então Poe, Sorayan, Melville, Caldwell, D. H. Lawrence, mas nada disso tinha mais importância que o convite para que O Lobo do Mar parcipasse das festas de primeiro aniversário da Tv Rádio Clube, em Recife.

O Lobo ganhou registro de Radiolândia, Tv Programas, Revista da Televisão, títulos de publicações especializadas, de circulação nacional, da época. O convite seria "uma prova de maturidade, fruto de árduo labor" e imediatamente era elevado à categoria de notícia da semana.

O que depois se reduziu à remessa pelo malote de uma fita, quando da entrada em funcionamento do vídeo-tape, ganhava aqui a dimensão de uma epopéia, reproduzindo o caráter épico e aventuresco do programa. A equipe viajaria pela Real, o programa seria exibido dia 4 de junho e dia seguinte estariam todos de volta pelo Lóide Aéreo. O cenógrafo Rinauro Moreira foi antes estudar as condições de montagem dos vários sets em que transcorria a saga de Lobo Larsen, vivido por João Ramos. Até os câmeras Waterloo Assis e Aldailo Silva compuseram a equipe. Péricles Leal contava com Aderson Maia como assistente de estúdio.

O sucesso levou ao equívoco dos grandes épicos, definitivamente incluídos no roteiro, intercalados por histórias mais intimistas.

Nessa esteira, Beau Geste, o clássico de aventuras de P.C.Wren, com quase 40 personagens, 9 cenários, onde se destava o Forte de Zonderneuf, da Legião Estrangeira, com sete metros de altura, incluindo a torre de vigia, é um exemplo perfeito e acabado. Rinauro Moreira, assessorado na parte de pintura por João de Deus, tinha condições de se soltar.

A baleeira de Moby Dick não poderia se assemelhar ao foqueiro do Lobo do Mar. Teria que ser comprida, com alto passadiço, elevada ponte de comando.

Falava-se em esmero nas montagens, verdade da interpretação, fidelidade às imagens e cada espetáculo apresentado superava os anteriores, numa retórica também grandiloquente.

À Meia Luz, de Patrick Hamilton e Carmen, de Prosper Merimée não ofuscam a megalomania vigente. Estava na hora de enveredar pela mitologia grega.

Em A Lenha de Perseu, de John Kingsley, Péricles Leal tentava lançar mão de truques cinematográficos para fazer a personagem voar, sem grandes resultados.

O exagero levava a considerá-lo "o mais belo espetáculo apresentado até agora, confundindo qualidade com pirotecnia.

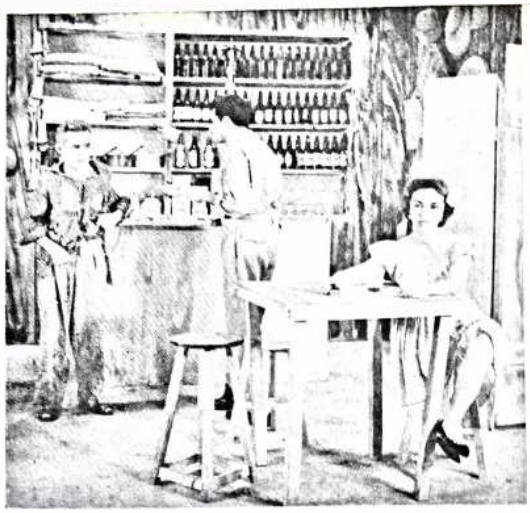
Novo delírio com O Gavião do Mar, "a famosa saga do nobre de Cornish que se torna o terror da cristandade", anunciado como um clássico do gênero aventuras. "Empolgante, cheio de emoção e realizado com apuro de uma equipe que hoje em dia é reconhecidamente, das primeiras da tevê brasileira", O Gavião eclipsava A Viúva Negra, de Patrick Quentin, Horas de Desespero, de J. Hales e O Último Rebelde, de Gerald Green.

Macbeth, de Shakespeare, com "pesadas inumentárias, sombrias paredes de pedra dos seus castelos, hábitos primitivos e instintos bárbaros de suas figuras" teria sido então o maior espetáculo já apresentado pela Tv Ceará.

Novo convite para apresentação em Recife, dessa vez abrindo o 1º Festival de Teatro do Norte. Montagem fabulosa, guarda-roupa soberbo, intepretação priomorosa. A necessidade do adjetivo disfarça a dificuldade de aprofundar questões ou buscar a essência dos espetáculos.

Dumas não poderia ficar de fora e o gênero capa-e-espada teria sido mais uma vitoriosa incursão da Tv Ceará. O imprevisto das situações, o heroísmo das personagens, a beleza das princesas, um ar de mistério, a brutalidade dos senhores feudais, em suma, todos os ingredientes do folhetim pontificavam na tevê. O Arqueiro Heróico documentava uma época, como Contador de Histórias marcava a viagem de Péricles Leal para implantar a Tv Marajoara, em Belém e antecipava o Ciclo José de Alencar, desenvolvido a partir de agosto, um incontestável salto de qualidade.

Luciola, realização de João Ramos, abriu o novo ciclo. Um espetáculo polêmico, "a um passo de escabrosidade" na linguagem do Unitário da época. Toda a cidade se chocou com a desenvoltura de Jane Azeredo, na cena do festim. De pudico corpete e short até os joelhos, como documentou a foto de Leocácio Ferreira, aos olhos moralistas da cidade e graças à mesa de cortes, ela teria dançado nua, exorcizando todos os nossos demônios pequeno-burgueses. Um choque.



Flor do Pecado

O Tronco do Ipê, "talvez o mais plástico romance de Alencar", Diva e O Gaúcho fecharam o ciclo sem o mesmo impacto de Luciola, mas um novo caminho de esboçava.

O Contador ainda apostou na linha dos superespetáculos. Teseu tinha cenários magnificos, como a fachada do templo de Posseidon, a montanha de pedra, o monstro de pele de urso, um conjunto de pinheiros, o portal do palácio de Cercion e a caverna do Minotauro, pintados por Moura e por J. Fernandes. Em relação a Perseu, que recorreu a truques cinematográficos, Teseu era apresentado como "puro espetáculo de tevê, um veiculo de divulgação artistica diferente, independente e fiel a seus principios". Em relação a Ponson du Terrail, também encenado pelo Contador de Histórias, o exagero vai de transformá-lo de autor de folhetins que era, em "luminar da literatura internacional". Um Nome de Mulher, de Theodore Storn teve realização de Ary Sherlock. Mas estava na hora de festejar o primeiro aniversário.

Fortaleza contaria então com 6.000 televisores, segundo estimativas associadas, o que equivaleria a um público de 30.000 telespectadores. Eduardo Campos, Péricles Leal (na cidade para as festas), Steinbeck e O'Neill na pauta dos programas a serem reprisados.

Em 1962, O Contador de Histórias continou a ocupar talvez o lugar mais destacado da programação da Tv Ceará, mas não ganhou o mesmo espaço no noticiário e comentários da imprensa. O que talvez indique que ele sido ajustado à sua dimensão de programa competente e correto, mas sem os exageros de uma fase que talvez tenha sido importante para sua afirmação e amadurecimento.

Medo de Péricles Leal, Contrabando ao Por do Sol, de Eduardo Campos e Tudo isso e o céu também foram títulos exibidos. O novato Hildeberto Torres comparece com O Dragão Vermelho, um sucesso depois reprisado. Interessante ressaltar a formação de tevê do realizador Hildeberto, ex-suite, depois encarregado do setor de textos, ele desenvolveu um conjunto de trabalhos para o novo veículo, onde cumpre ressaltar, por sua desvinculação anterior do teatro ou do rádio (apenas chegou a ser cantor), a elaboração a partir do dominio da linguagem e dos recursos expressivos da tevê, o que de certa forma se aplica a Gonzaga Vasconcelos. Seria como que uma segunda geração de realizadores de tevê.

A Taça de Ouro, de Steinbeck; Os Homens querem Paz, de Péricles Leal (apresentada anteriormente na Tv Tupi); Espectros, de Ibsen foram espetáculos que reforçavam o discurso oficial da Tv Ceará contrário à utilização da expressão Grande Teatro e se recusando a fazer teatro televisionado.

Na semana santa, a vida de Madalena dentro do espetáculo O Preço da Paz, de Alphonsine Bonaparte, com direito a reprise no sábado de aleluia.

A Estranha Parábola do Amor, de Eduardo Campos; Rita, de Jorge Medauar; O Poder da Imprensa foram espetáculos que prepararam o grande acontecimento deste ano no que se refere ao Contador de Histórias: o Festival do Autor Cearense.

Preconceitos elitistas faziam com que parte de nossos escritores rejeitassem o novo veículo — como antes rejeitaram o rádio — considerado imprestável para o desenvolvimento de propostas estéticas consistentes. Encerrada na chamada "torre de marfim", a intelectualidade cearense não queria baixar o nivel. A contribuir para esse afastamento, não se pode perder de vista, o fato do superintendente da estação ser um escritor (presidente da Academia de Letras), teatrólogo, folclorista, o que poderia concorrer para acirrar competições e aguçar rivalidades em termos pessoais. Mas são meras conjecturas de uma compreensão à distância de um fenômeno que merece uma reflexão mais detida.

João Ramos adaptou O Preso, de Moreira Campos. O conto Cárceres Verde, de Braga Montenegro deu Açucena, a desejada, adaptação de Augusto Borges e realização de Ary Sherlock. Um depoimento de Raimundo Girão sobre Matias Beck foi adaptado e realizado por Hildeberto Torres. Come Gato, de Caio Porfírio Carneiro foi depois consi-



Karla em sob o céu de Paris.

tórios, segundo a crítica de então.

Passada a festa e a ressaca, dezembro vai colocar em cartaz O Baile de Máscaras, adaptação e realização de Hildeberto. Uma Voz dentro da Noite, de Ary tem realização de Augusto. O episódio do dia 30 de dezembro (O Furacão Descalço) não foi ao ar porque Gonzaga Vasconcelos acidentou-se ao cair de uma altura de três metros, lesionando os calcanhares. A realização seria assinada por Ary Sherlock.

Janeiro de 1965, o Contador apresenta de Oduvaldo Vianna Filho, com realização de Hildeberto Torres, O Matador, episódio muito elogiado.

Outro texto enviado pela SBAT, foi O Viramundo, de Monah Delacy, realizado por Augusto Borges.

Dia 23 a notícia de que o programa deixaria de ir ao ar em fevereiro. A despedida vinha num tom lacrimoso: "depois de 4 anos de exibição, deixará de ir ao ar o programa Contador de Histórias que tão belos espetáculos nos ofereceu, sempre com o elenco magistral de seus atores". São anunciados dois programas ao vivo, um musical e um tele-teatro que não aconteceu.

A partir de outubro, entra-se numa fase de anúncios e desmentidos, adiamentos e surpresas, mas o Contador voltava com a Dona da Serra Vermelha, de Péricles Leal, devendo cumprir exibições semanais até a inauguração do vídeo-tape, previsto para as festas de quinto aniversário, em novembro.

O episódio foi ao ar dia 18, com João Ramos vivendo o cangaceiro Boa Morte e Lourdes Martins merecendo reprimendas por ter feito uma sertaneja com as unnas irrepreensivelmente pintadas, além de fortemente maquilada. A atriz convidada para viver Maria, de Hildeberto, que seria o episódio seguinte, fez fortfait e o programa evidentemente, não pôde ir ao ar. A Flor do Mal, de Eduardo Campos foi ao ar numa realização de Hildeberto, com João Ramos e Dora Barros nos papéis principais. A anunciada reapresentação de Paixões Caretas foi posteriormente cancelada.

A Tv Ceará vivia em função de inauguração do vídeo-tape, uma realidade onde não se encaixaria o sonho do Contador de Histórias, que apesar de marchas e contramarchas, equívocos, subliteratice, mania de grandeza, conseguiu grandes instantes criativos, manteve um elenco de muito pique e talento, deu vez e voz ao talento da terra e se inscreveu como dos grandes momentos do então canal 2.



Academia Regina Passos

Na ponta dos pés

Os anos 70 viriam trazer uma soltura do corpo, uma necessidade de movimento, novas formas de expressão.

Mas muito antes do modismo das academias, o espírito empreendedor de Regina Passos, colocava semanalmente no vídeo da Tv Ceará, quinze minutos de programa que implicavam numa semana de ensaios intensivos.

A estréia se deu na Concha Acústica, ante o olhar deslumbrado de uma cidade que descobria com a tevê, que a dedicação e o sonho, muitas vezes são mais fortes que a impossibilidade de ocupar um espaço e, na ponta dos pés, reinventar o mundo.

Selecionadas as músicas, feitas as marcações, o desenvolvimento dos passos, a fluidez da dança, o ensaio geral que possibilitava um contato com o estúdio, uma familiarização com a angulação das câmeras. Por trás de tudo, em termos de tevê, a presença do realizador Ary Sherlock.

Está certo que nada disso contribuiu para uma proposta de dança a partir de referenciais nordestinos, que nenhuma bailarina alçou vôo maiores e obteve um estrelato nacional, mas o programa existiu, como produção local, com todas as dificuldades e gratificações "e passava pelo ar como uma nuvem de sonho", dizia o Unitário nesse mesmo período.

Pouca gente sabe que Ana Maria Loureiro Maia, Denise de Castro, Elizabeth Ferreira, Elzenir Graça, Eumir Ferreira, Freda Vischi, Inês Silvia Serra, Isolda Silveira, Maria Irene Lage um dia sairam de uma caixinha de música e encantaram a cidade com a morte e ressureição de cisnes, valsas e "pas-de-deux", num episódio quente, cheios de fios, num ritmo nervoso que atropelava o tempo e não permitia maiores improvisações.

Quem se lembra que Maria Luiza de Sousa, Marlise Cavalcante, Nadja Leite, Nívea Mesquita, Regina Cláudia Passos, Rejane Rodrigues Freund, Rosemarie Matos, Solange Cartaxo, Sônia Sabóia de Castro e Teresa Cristina Passos, um dia, com sapatilhas e "tous-tous" de tule povoaram sonhos adolescentes, encantaram mulheres desencantadas, foram invejadas por meninas boquiabertas?

E assim tivemos Strauss, Chopin, Tchaikowsky, Delibes, Rossini, Offenbach, num clima de final de ano de academia. As fantasias dos coreógrafos se materializavam no Can-Can, ganhavam forma na "Boutique Enchantée" e alçavam vôo nas valsas.

Aquarela do Brasil era um dissonante acorde verde-amarelo, acompanhado por congadas, batuques africanos, rituais indígenas. Mas era, decididamente, Viena nosso modelo de "soirées" de baile de máscaras, de "souvenirs", como background um disco meio arranhado. O cúmulo da moderninha ficava por conta da proposta de Peter Gunn, de Mancini, tema de um enlatado que a tevê exibia.

Mas "o bom gosto, o sentido profissional e a inventiva fazem desse programa um dos pontos altos do vídeo", dizia de novo o velho jornal. Que não perdia a oportunidade para destacar "a equipe jovem, coesa e disciplinada" ou o "idealismo" de Regina Passos.



Orgulho e Preconceito

Os caminhos da telenovela

As propostas seguiam trilhas próprias — Tv de Romance e Videorama — o que não impedia que se confundissem, se afastassem na perseguição de um modelo idealizado, que subvertessem as regras.

O importante era transpor para a tevê o sucesso do rádio. A primeira bossa do canal 2 foi ter optado por produções compactas, com um mês de duração e apresentadas em dias alternados.

Tv de Romance ia ao ar às segundas, quartas e sextas. Videorama era a atração das noites de terças e quintas. Sábado estava reservado ao Contador de Histórias.

Tv de Romance se propunha a exibir, pelo menos em sua primeira fase, "o que há de melhor na literatura mundial, em versões feitas especialmente para a tevê". A definição se tornava mais precisa quando se anunciavam "obras marcantes da literatura inglesa do século XIX". A escolha do período se justificava, segundo os Associados, "além da qualidade intrínseca dos textos, pela vasta base de imagens".

Numa leitura superficial, a apropriação de temas bastante distanciados da nossa realidade se prestaria a reconstituições de época, bem a gosto de fantasias açucaradas de leitoras da Biblioteca das Moças. Mas não era tão simples assim.

Num contraponto, de certa forma realista, Videorama se propunha a ser uma série de telenovelas nacionais. Aqui seriam tratados questões da terra, dramas psicológicos, vidas de marginalizados. Isso tudo, é claro, encaixado na filosofia de atuação do conglomerado e de acordo com os padrões vigentes nos anos 60.

Viderorama seria a novela despojada, de produção mais barata, menos pirotécnica e talvez mais essencial.

Na prática, as coisas nem sempre se comportaram assim. Mas é inegável que emoções, escapismo, lazer e hábito fizeram destes folhetins eletrônicos, a maior contribuição brasileira à história da tevê.

Poeira Vermelha, Videorama de Guilherme Neto desencadeou o processo a 1º de dezembro de 1960. O patrocínio era de Siqueira Gurgel. No elenco: João Ramos, Lourdes Martins, Paulo Oliveira, Emiliano Queiroz, Laura Santos e Tarcísio Correia.

Dia seguinte era a vez de O Morro dos Ventos Uivantes, de Emily Bronte. realização de Péricles Leal e patrocínio da Manufatura Araken de Cigarros.

O espetáculo inaugural de Tv de Romance tinha no elenco, Danúbio Bezerra, Cleide Holanda, João Ramos, Glice Sales, Wilson Machado, Dora Bastos, Maria José Braz e Paulo Oliveira.

Poeira Vermelha refletia o drama da terra e do homem ligado à terra. O vento que soprava nas charnecas inglesas alimentava sonhos de amor.

Vieram Horas Amargas, de Guilherme Neto, atração de Videorama, "jornada de intriga e complexos, extraindo do seio de uma família preconceituosa, alguns soberbos tipos humanos". E Orgulho e Preconceito, de Jane Austin, adaptação e realização de Ary Sherlock que chegava ao requinte de assinar os figurinos. Eram as primeiras telenovelas de 1961.



Poeira Vermelha

Fevereiro traria O destino desce de elevador, em Videorama. Péricles Leal usou o recurso de prender três homens num elevador e desenvolveu três histórias inteligadas. Cara a cara com a morte, teriam "um happy end, mas não necessariamente um fim feliz".

Jane Eyre, o cartaz de Tv de Romance seria, segundo Unitário, de certa forma revolucionária por enfocar a vitória da inteligência de uma mulher". O romance de Charlotte Bronte foi adaptado e o espetáculo realizado por Guilherme Neto.

Em março, enquanto Videorama apresentava Engenho das Almas, "violeta saga do esplendor do nordeste açucareiro", mais uma história de Péricles Leal, Tv de Romance, com realização de João Ramos anunciava A Casa das Sete Torres, de Nathaniel Hawthorne.

Curioso que o planejamento rígido de oito capítulos para Videorama e doze para Tv de Romance, aproxima estes espetáculos dos compactos casos especiais contemporâneos, colocando-os numa vanguarda, apesar de toda a alienação, em relação às quilométricas novelas de rádio, fórmula seguida pela tevê brasileira com um todo.

Estava sendo testado na prática, com sucesso, a organização proposta pelo CPET, do qual Péricles Leal, além de um dos maiores entusiastas, era dos pioneiros.

Num trabalho que é essencialmente de equipe se destacavam os realizadores, responsáveis pelo espetáculo como um todo, da elaboração do script ou adaptação, à escolha do elenco, passando pelos ensaios, croquis de cenário, decupagem, inventário de contra-regra, discussão com o suite. Eram espetáculos realmente assinados. Os primeiros e heróicos tempos levavam a essa concentração de tarefas, cujo modelo era o do "realisateur" francês e onde a palavra produtor ficava mais adequada ao financiador de espetáculos teatrais e cinematográficos.

Augusto Borges vai assinar o Tv de Romance de abril. O Triste Noivado de Adan Bede, de autoria de George Elliot, na verdade Mary Ann Evans, outra inglesa do século passado.

Videorama vai insistir em Péricles Leal. A Perigosa Aventura conta a saga de um marinheiro Guima e seu sonho atribulado de voltar à terra firme, envolvido que foi por intriga fantástica.

Maio vai ser a vez de Ivanhoé, de Walter Scott, "história de amor e de aventura da época das cavalarias". Nos estúdios da Estância, a reconstituição de um feudo do saxônico, castelos, florestas, com figurinos de época, armas, lanças, escudos, cotas de malhas. Realização de Guilherme Neto.

Caminhos Sem Fim, de Péricles Leal, contava uma história de caminhoneiros, ajudantes, garçonetes e colocava a ação numa estrada.

Neste período deveria ter estreado um novo seriado, chamdo Tv de Juventude, posteriormente nome de um programa musical, com a adaptação de Hildeberto Torres para Polyana, de Eleanor Porter. Tempos depois, Polyana ocupou o espaço de Tv de Romance. Mas essa é uma história para depois.

Fiel a sua idéia de "distrair fazendo pensar", a Tv Ceará programou o clássico de Dickens, Oliver Twist, para o Tv de Romance. Atores mirins (Eduardo Augusto Campos e Ricardo Pontes) apaixonariam a cidade, prometiam da Estância, além de "imagens dolorosas e de grande beleza humana". Todos os ingredientes para um sucesso, com realização de Ary Sherlock.

Posto Avançado, o Videorama de Péricles Leal, tratava de paixões desesperadas na selva amazônica. Personagens: um guia de passado suspeito, um médico obcecado pela luta contra a malária e de uma mulher insatisfeita.

Julho vai trazer A Canção de Bernadette, de Franz Werfel para Tv de Romance e Sangue na Terra, uma história de cangaço e da impossibilidade de se retroceder e se desligar de um bando rebelde, história de Péricles Leal.

Agosto vai encontrar a estação sob a direção de Guilherme Neto. Era o mês de A Bem Amada, de Thomas Hardy no Tv de Romance e da Jornada da Agonia, de Péricles Leal, já em Belém, no Videorama.

Setembro teve acessos e tosse da Dama das Camélias e o vigor de Luzia Homem. Outubro fez a síntese de A Le-

Luzia Homem



A Dama das Camélias





Ana Karenina

tra Escarlate, de Nathaniel Hawthorne com O Solar, adaptação e realização de Guilherme Neto. Em novembro foi anunciada a reprise de Poeira Vermelha em dezembro, a primeira atração de Videorama. Enquanto isso, eram exibidos Shirley, de Charlotte Bronte, no Tv de Romance e Rosa e o Mar, a primeira novela de Hildeberto Torres, no Videorama.

1961 seria encerrado com a estréia, em Tv de Romance de Ana Karenina, de Tolstoi, com adaptação e realização de João Ramos. A registrar a utilização de recursos cinematográficos. Uma composição da RFFSA partiu de Parangaba com a equipe. João Ramos dirigiu as filmagens de Leocácio Ferreira. A montagem da heroina colhida pelo trem foi obtida a partir da montagem da edição com tomadas do estúdio.

1962 trouxe a subversão das novelas com prazo estipulado. A Toutinegra do Moinho, de Emile Richebourg, cartaz de Tv de Romance, se prolongou por quatro meses na esteira de um grande sucesso de público. A realização era de Ary Sherlock.

Enquanto isso, Videorama exibia A Vela e o Temporal, de Alvina Gameiro, espetáculo de Gonzaga Vasconcelos; Confissão, elogiada novela de Guilherme Neto; A Selva, história de amor e aventuras de Gonzaga Vasconcelos. Outros títulos foram O Homem Só, também de Guilherme Neto e Inocência, que lança mão do sucesso de Iris Brenno, vivendo o papel título.

Esgotando a opção por novelistas ingleses do século XIX, Tv de Romance vem beber em fontes brasileiras. A Escrava Isaura, de Bernardo Guimarães foi uma delas. Bel Ami, Rebeca (Daphne du Maurier), Eugenie Grandet (Balzac), A Estalagem da Jamaica são novas atrações, mercadorias simbólicas de boa circulação entre o público do inicio dos anos 60.

Videorama otou por O Cabeleira, de Franklin Távora; Além do Sétimo Véu, Hilton Marques; O Chão da Gente, no desenvolvimento de sua proposta de retocado realismo.

Nas festas de segundo aniversário as reprises de Rosa e o Mar, Videorama de novembro e Oliver Twist, Tv de Romance de dezembro de 1962.

Selma Lobo reclamava da remontagem do texto de Dickens: "garotos irritantes e que não sabem dizer o texto".

O homem sem paisagem, de Péricles Leal ocupou o espaço de Videorama de dezembro. E o tempo passava, a cidade continuava ligada nas emoções das telenovelas.



A Toutinegra do Moinho

Fevereiro de 1963 veio trazer algumas modificações. Com o deslocamento do Contador de Histórias para as segundas-feiras, Tv de Romance seria apresentado às terças, quintas e sábados. Videorama ocuparia o horário nas noites de quartas e sextas feiras.

Novelas estreiam. Poliana, na adaptação de Hildeberto Torres, com Maria Nilva vivendo o papel título. Terra Caida em Videorama. Guilherme Neto recebeu elogios: "técnica, arte e bom gosto" pelo texto e realização de Vento, Amor e Saudade, cartaz de Videorama. Quando as Nuvens Passam, de Ary Sherlock, contava com Karla Peixoto vivendo "uma cigana tentadora e abrasadora". A novela de Ary, incluida na pauta de Videorama tinha tema musical composto pelo próprio em parceria com o Trio Jangadeiro (... o amor no coração dos ciganos/tem gosto ardente/do som de castanholas/batidas ao luar).

A Morgadinha dos Canaviais, de Júlio Diniz, apresentada no Tv de Romance, tinha novo par romântico: Cleide Holanda e Paulo Vieira. A Entregadora de Pão, de Xavier de Montepiu foi realizada por Ary Sherlock, também no Tv de Romance. A atração seguinte seria Mansfield Park.

Dora Barros escreveu Paula, adaptada e realizada por Gonzaga Vasconcelos para Videorama. A autora viveu o papel título. Aquela Cabocla Bonita explorou a brejeirice nordestina, O Contrabandista, de Hildeberto Torres contrapunha um novo rico (Antonio Mendes) e um classe média (Gonzaga Vasconcelos), ficando o destaque do elenco feminino por conta de Asta Maria.

A Irmã Branca, de F. Marion, realização de Gonzaga Vasconcelos foi outro título de Tv de Romance. Que teve em Vitória, de Knut Hansum e em A Mão e a Luva, de Machado de Assis, em realização de Guilherme Neto, seus úl-

timos espetáculos de 1963.

As fontes são falhas em relação a um levantamento dos trabalhos desenvolvidos no ano de 1964. Em relação a Videorama, o ano começou com a reprise de Horas Amargas, de Guilherme Neto. Os Dois Sargentos, realização de Gonzaga Vasconcelos era o cartaz de Tv de Romance.

Alencar é retomado em Senhora. Videorama aposta em O Grande Erro. Depois veio a Maraponga. Tv de Romance optou por Uma Canção, Dois Amores.

Elogios foram dados à Governanta, cartaz de Videorama, substituída por Marcados pelo Destino, realização de João Ramos. A Maldição do Serrote Verde veio lançar um novo autor cearense: Lindberg Pirajá.

No território da Tv de Romance, Denise deu lugar a O Sétimo Céu e depois a Quem Não tem Pecado.

Eduardo Campos teve o seu Chão dos Mortos adaptado para Videorama. O novo cartaz seria Os Herdeiros do Velho Garcia.

Anjo com Máscara de Demônio, realização de Gonzaga Vasconcelos para Tv de Romance, antecipou Juanita, o último espetáculo deste ano.

A história de As Duas Orfãs, realizado de Ary Sherlock, tinha todos os ingredientes para agradar, de acordo com os padrões de comportamento e a expectativa do gosto popular deste período.

Videorama apresentou Corações em Agonia e O Mistério do Casarão.

O feminino antecipado de Ibsen, em Casa de Bonecas foi levado à tela da Tv Ceará por Tv de Romance. Decadência de uma Geração, em Videorama, alternava-se com o drama de Nora.

Outro grande momento da telenovela cearense foi a realização de Augusto Borges, O Pobrezinho de Assis, com Ary Sherlock vivendo o papel título. Aproveitando-se do carisma de São Francisco, este espetáculo de Tv de Romance, esticou ao máximo o desprendimento, o lirismo e a força do nosso santo de Canindé.

Harry Moreira, também cearense, estreiou com o texto de Madição do Destino, em realização de Guilherme Neto.

Videorama e Tv de Romance chegavam ao final. A partir de 24 de agosto de 1965, a Tv Ceará exibiria apenas uma novela, com capitulos diários e com o título genérico de Teatro de Novelas.

A expectativa em torno do video-tape apressava o desfecho melancólico da produção local.

A estréia da nova atração se deu com O Conde de Monte Cristo, de Hildeberto Torres, com Jório Nerthal vivendo o papel de Edmond Dantés.

Na sequência vieram Duas Gerações, Duas Mulheres, de Margarida Sabóia de Carvalho, também realização de Hildeberto. Os Miseráveis, de Victor Hugo teve realização de Gonzaga Vasconcelos. Dezembro vai ser a vez de O Preço de uma Ilusão. O elenco da Estância vivia a angustiante contagem regressiva para a desativação da carpintaria, dispensa do pessoal e a adoção pela cidade de novos ídolos.

Arrastão, de Hildeberto Torres, com Aderbal Júnior, palmeiras, praias e muito sol marcou o início de 1966. A rediviva, de Paul Hiss, teve adaptação e realização de João Ramos. O Médico e o Monstro, juntou João Ramos e Jório Nerthal, numa autêntica guerra das estrelas, onde quem saiu ganhando foi o telespectador. A realização foi de Gonzaga Vasconcelos. Que retomou, a partir de 21 de março, um antigo sucesso, Cavalgada de Esperanças.

Dia 4 de abril de 1966, estreava A Inimiga. Estava encerrado o ciclo cearense das telenovelas, um caminho longo, conflitado, mas gratificante. Nossos ídolos nunca mais foram os mesmo.



Oliver Twist



Rosa e o Mar



A Sra. Schultz está morta

O mistério na tevê

Era preciso oferecer emoções fortes, com o suspense de um "thriller" e o sangue-frio de uma dissecação da alma humana, sua baixeza, suas taras.

O telespectador seria como que uma testemunha ocular, outras vezes um cúmplice ou o detetive privilegiado assistindo de camarote à atração da Tv Ceará que estreou em janeiro de 1961, aos domingos: Tv de Mistério.

A abrangência da proposta de programação da nova emissora tinha reservado espaço para atender aos aficionados da literatura gótica, do "film noir", do magazine de mistério.

A série prometia "ação, intriga e suspense". E transitou, sem cerimônia, de Dashiell Hammet a Eduardo Campos, de Agatha Christie a Wilkie Collins, deixando algumas pistas, muitos álibis e a certeza de que o crime, algumas vezes, compensava.

Tv de Mistério englobaria tudo o que envolve intriga: "o crime insolúvel, o sobrenatural, a investigação, o suspense, o horror". Uma salada que aproveita todas as vertentes de um gênero literário ainda hoje em busca de uma condição e de uma respeitabilidade, acossado por classificações apressadas e críticas preconceituosas que rotulam-no, muitas vezes, de subliteratura.

O primeiro espetáculo foi Preciso Matá-la, Querida, de John Collier. O caso de um pacato médico de provincia que tendo casado com uma prostituta, comete o chamado crime perfeito.

O Assassino do Velho Thomas, escrito por Eduardo Campos especialmente para a tevê fez o autor cearense enveredar por um novo gênero, com uma história de suspense e investigação.

Uma história de mistério, assim pode ser sintetizada O Estranho Leito, de Wilkie Collins, impregnada de forte clima de suspeição e de terror.

Steve O'Donnel assinou O Crime do Chantagista, onde um profissional do crime atrai suas próprias vitimas, fazendo-as cúmplices do álibi que ele urdia.

Na linha clássica da história policial, O Problema da Cela nº 13, de Van Dusen leva uma aventura à dimensão do fantástico.

Em seguida, provocando arrepios e furtivas lágrimas, Alguém Precisa Pagar, de George e Gertrude Bass. A história de um pai procurando responsáveis pela morte do filho, viciado em drogas e que comete uma injustiça ao matar o principal suspeito. Realização de Ary Sherlock.

Quem matou Anne?, de G.B. Gilford, tratava de um crime desvendado a partir de deduções feitas numa investigação criteriosa.

O revezamento da equipe de realizadores, tônica da emissora, contribuia para acrescentar novas experiências, sugestões, todo um código de gestos, sutilezas que são peculiares ao gênero policial.

Tv de Mistério deu oportunidade para Eduardo Campos desenvolver novo trabalho, As 300 Moedas, um policial com forte dose de horror, além do imprevisto e do suspense que sempre estão presentes nos espetáculos em cartaz nas noites de domingo.

A trama urdida por Dashiell Hammet em Duas Facas Afiadas envolvia um cadáver dentro de uma cela de policia de uma pequena e provinciana cidade. Todo o talento do autor de O Falcão Maltês estaria de volta em A Casa da Rua Turk, aparentemente respeitável, que ao receber a visita de um detetive, para inspeção de rotina, se transformava no palco violento e mórbido de uma história de crime.

Em Um Problema de Xadrez, Agatha Christie acionava Hércule Poirot e num golpe de mestre montava as peças de uma história de ação, intriga e violência.

O Mistério da Sra Dickinson, de Nicholas Cater, realização de Guilherme Neto, A Casa dos Rouxinóis, de Agatha Christie; Sindicato da Violência, de Frank Kane, na realização de João Ramos e ambientação nas docas de New York, foram novos titulos de Tv de Mistério.

Amargo Desejo nos mostrava um novo texto de Eduardo Campos. Pro-



A meia luz

fissão: Matar, de William Logan, teve realização de Péricles Leal. A Sra. Schultz está Morta foi outro espetáculo de sucesso de Tv de Mistério.

O elenco da Tv Ceará se revezava na interpretação de papéis com um código tão peculiar, mais contida, longe da exuberância que era marca registrada de Antônio Mendes, por exemplo. O contraste entre nosso tipo caboclo e a fleugma das personagens das histórias levadas ao video, criava um outro plano ou nivel da leitura, onde a cumplicidade do telespectador assimilava as disparidades e consumia o espetáculo. Também era assim nas histórias de época, principalmente se transpostas para a Europa (Ibsen), o oriente de O Dragão Vermelho (Contador de Histórias) ou o Sul dos Estados Unidos, de Steinbeck.

Por uma Canção e Seis Pences trouxe a veneranda Agata Christie de volta. Perversidade, de Steve Phillips ficou confiada a João Ramos, da mesma forma que Fiores para os Vivos.

O laço, considerado pela Folha do Rádio e Tv o melhor espetáculo de agosto de 1961, abordava o homossexualismo, desapontando aqueles que temiam "uma palavra, um gesto que denunciasse ou chocasse". Todos puderam respirar aliviados ao final, segundo a revista, "o momento" tão indesejado não surgira".

A Vida por um Fio, Decisão Fatal, A Última Resposta, É Crime Sujar a Neve eram títulos de estantes especializadas em romances policiais e episódios de Tv de Mistério. Dezembro de 1961 trouxe a reprise dos primeiros espetáculos da série.

1962 vai recrutar Hildeberto que compareceu com Pelo Amor de Liz, Diamba (um violinista envolvido com coolismo em um programa com pouquissimas falas). João Ramos assinou Ester; Ary, Petrouska, a Vingativa e Gonzaga, Ambição. Duelo, de Joy Folb foi programa de Augusto, O Crime não compensa trouxe de volta João Ramos.

O programa não completou dois anos. Ninguém soube porque ele saiu do ar. Autores e personagens envolvidos bem que poderiam ter dado uma pista.

em Um Astro por Semana.

O programa de Ayla já se chamava Quando Canta uma Estrela. Rosa Maria é Uma Rosa que Canta.

Lourdes e Isis Martins integravam o elenco de atrizes do canal 2. Foram presenças constantes e marcantes nas realizações da casa, Luis Irapuan também fazia pontas em telenovelas e nos programas de Renato Aragão. O pessoal tratava de dar vazão a um talento múltiplo se encaixando noutros projetos.

Convidada por Lúcio Brasileiro, Ivonilde Rodrigues cantou em Eles Fazem a Cidade, foi sua estréia na tevê.

Ayla gravou Chariot, na Mocambo, cumpriria temporada de um mês em Belém e teria sido convidada para apresentação em Brasília.

Nas festas de aniversário da Tv Ceará, a chamada prata da casa era convocada: Nozinho Silva, Luiz Irapuan, Rosa Maria, Trio Jangadeiro, Lourdes Martins, Arnoldo Leite e Isis Martins.

O programa Uma Estrela Por Semana levou Lourdes Martins, depois Marilena Romero para exibições bem cuidadas, com direito a cenário, roteiro, realizador e o acompanhamento de Moreira Filho e seu conjunto.

Ivanildo que já havia lançado o elepê Do Coração do Ceará, lança As Duas Faces da Bossa. Ayla na Tv Jornal do Comércio participa do programa Terra da Luz. Agora chama-se Ayla Maria, a Estrela, seu espaço aos domingos na Tv Ceará.



Ivanildo

Na primeira semana de 1964, O Astro da Semana foi Arnoldo Leite.

Novidades no programa de Ayla, ela faria reportagens focalizando suas gravações. Em março, ela cantou com traje típico da região de Coimbra, em homenagem à colônia portuguesa. Na semana seguinte o programa seria dedicado às crianças.

Nozinho Silva foi O Astro da Semana. Iracema de Alencar, cantora, compositora e declaradora, estaria, segundo reportagem de jornal, à disposição de clubes, rádio e da tevê para shows. Uma Estrela Por Semana focalizou Socorro Coelho.

Mas prata de casa na festa do 4º aniversário: Isis Martins, Albanisa Maria, Nozinho Silva e Francisco Costa.

Ayla que havia gravado com Ivanildo o elepê Vôo Musical, assinava coluna em Gazeta de Notícias.

Em 1965, Lourdes Martins ganha programa de 15 minutos, Canções de Amor, semanal. Gente Nova, cartaz das segundas-feiras, tinha apresentação de Gonzaga Vasconcelos e coordenação da Publicinorte. Neide Maia, com a categoria de sempre comandava a Música e Simpatia, atração das noites de sexta.

Em agosto, vários cantores se desligaram da organização. Isis Martins, a partir de agora pertencia apenas ao teleteatro. Em setembro, Moreira Filho voltou a ter programa só seu, aos sábados.

Em janeiro de 1966 se cogitava de transferência de Ivanildo para Natal, por razões militares. Arnoldo Leite e Ayla Maria são destaques do ano que passou.

Em maio, cogitava-se da volta, em breve, da programação ao vivo da Tv Ceará, onde teríamos "shows com os artistas da terra".

Estes shows não aconteceram, mas a Tv Ceará teve participação decisiva quando da eclosão, no início dos anos 70, do movimento musical que revelou um novo canto da terra.

A geração que amplificou para o país um canto novo, torto, agreste e nordestino, como que foi testada no nosso auditório da Estância. Os programas Porque Hoje é Sábado e Gente que a Gente Gosta, de Gonzaga Vasconcelos e Show do Mercantil, de Augusto Borges treinaram na direção musical, deram uma noção de indústria cultural, desinibiram Jorge Melo, Belchior, Ednardo, Fagner, PT, esse pessoal que o Brasil aprendeu amar e a respeitar.

Dos shows para os amigos às noites no Anísio, dos primeiros festivais promovidos pela Tupi ao sonho do disco, enfim realizado, uma referência ao canal 2 se faz obrigatória. As palmas do auditório não ecoaram em vão.



Ayla Maria



Mário Monteiro

A juventude na tevê

A festa ainda não havia arrombado, mas Wanderléia já inaugurara, em 1964 uma série de apresentações sistemáticas em Fortaleza. Passou a atração quase permanente do empresário Irapuan Lima e chegou a se apresentar, como rainha da juventude, como convidada de Ayla Maria, na tevê.

Roberto Carlos já ameaçava tomar conta das paradas com um acento brasileiro no rock mais agressivo. Isso antes do Quero que vá tudo para o inferno, o sucesso que o lançaria de vez.

A cidade estava sintonizada com qualquer coisa da nova que havia no ar em relação à juventude. Era muito mais uma revolução comportamental, diluição da carga pesada do rock, o impacto de um regime autoritário vigente a partir de abril.

O futuro "rei da juventude" veio também em 1964, trazido por Irapuan, talvez inspecionar o novo nariz de Wanderléia, "griffe" de um cirurgião plástico cearense.

Tarcisio Tavares teve a sensibilidade de detectar as mudanças. Primeiro Elvis e depois Os Beatles eram o "background" de um tempo novo. O vendaval dos anos 60 ganhava consistência. A industrialização do país tinha criado, além da euforia do consumo, a própria televisão que viria a ser reutilizada neste circuito. Eram mudanças, de certa forma tímida, e que necessitavam de uma chancela. A expressão Jovem Guarda, de Lênin ganhava, quem diria, uma outra conotação.

Foi quando o Náutico proibiu o acesso dos cabeludos às suas festas, conforme decisão do presidente Ary Araripe. Quem na época usasse "longos cabelos caídos ao pescoço, calças apertadas aparentemente sujas, sapatos sem meias, camisas soltas e longas costeletas, dando a impressão de autêntico e moderno marginal" que se cuidasse. Seria caso de polícia, segundo os padrões de cobrança da cidade.

Neste mesmo tempo (1965) o Juiz de Menores proibiu a exibição de menores de biquinis em programas de auditório e circos.

A estréia de Tv Juventude se inseriu nesse quadro, no eco do 1º Festival de Juventude, no Ginásio do Sesc, onde o "rei" e a "ternurinha" davam força ao coro de rebeldia, assimilado, num instante seguinte, pelo lançamento de sapatilhas, calças, camisas, enfim, o que o sistema lucra com as estratégias mercadológicas.

Roberto Carlos pôde se exibir no Náutico, apesar da recente proibição de acesso aos cabeludos nas dependências do clube. A condição de artista criava um estatuto pessoal e a jovem guarda não era, decididamente, um caso de polícia.

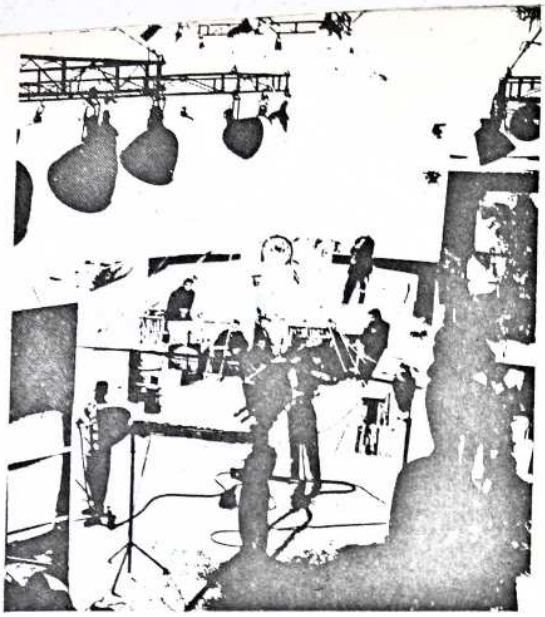
O programa Tv Juventude, apresentado por Paulo Limaverde, tinha coordenação de Mário Monteiro e chancela da Publicinorte. "Tem agradado às toneladas à brotolândia", segundo o noticiário dos jornais.

Em novembro, nova apresentação de Wanderléia e Rosemary em Tv Juventude. Mas o programa teve seu mérito em dar evidência e mitificar artistas e personsagens da vida da cidade, a que a criatividade da equipe conferia uma certa aura. Não se falava noutra coisa.

Na época, Ocapana e Abarama ditavam a moda jovem. Suas vitrines eram renovadas ao doce sabor das novidades e criaram um estilo. É um movimento que teve um sólido reforço no

Lojas Couto





apoio suburbano ao estridente iê-iê-iê, açucarado por baladas românticas.

Em março de 1966, o primeiro teste público: uma exibição em Carlito Pamplona de toda a troupe do Tv Juventude.

Paulo Limaverde se vestia de cangaceiro. Outra vez os jornais falavam em "boa organização, apresentação, leitura de notícias sociais, promoções de Tarcísio Tavares, seleção de Mário Monteiro, boa vontade de Guilherme Neto, criação de tipos populares e renovação constante de valores", o que era uma síntese da proposta, uma parte do programa e uma crítica comprometida com o elogio. Mas valeu assim mesmo. A cidade não era mais a mesma.

Gustavinho Silva e Toy Albuquerque cantavam em inglês, Guto Benevides atacava de bossa-nova, até que um dia cantou o hit de Roberto (Quero que vá tudo para o inferno) com um prosaico diabo a ameaçá-lo com um garfo. Marco Aurélio era o rei da dublagem. Reforçava-se o folclore em torno de Elias Fortes. Essa gente arrombava todos os finais de semana as tertúlias do Maguary.

O instante maior aconteceu quando de uma exibição nas Lojas Couto nº 5, esquina de Major Facundo com Pedro Pereira. O circo estava armado. A expectativa gerada em torno de Mariozinho Monteiro (o Mariozinho das moças) fez com que ele tivesse que ficar confinado dentro da loja até que o público se dispersasse. Noutras oportunidades ele foi rasgado, apupado, numa verdadeira histeria canalizada para o nada.

Numa visão bem maniqueísta, outros jovens empunhavam o grito das canções de protesto e queriam derrubar a ditadura militar.

Mas Tv Juventude fez a festa. Nunca a alegria esteve tão presente no vídeo cearense. Nunca mais Mariozinho Monteiro, Paulo Limaverde, Toinho, The Bichos, Ceará Bossa, Dublador Coelhinho, Os Simples, As Simples (moças de boas famílias que cantavam mascaradas) seriam ídolos de uma juventude que passou.

Mais uma vez tinha razão Selma Lobo, quando vaticinava, na estréia do programa: "teremos surf e hully-gully à bessa". Mais que isso, tivemos uma ruptura de classe média aliada a um encantamento suburbano. Uma brasa mora, no jargão da eterna Jovem Guarda. Um desfilar de astros e candidatos ao estrelato, emoldurados por garotas "papo-firme", numa farra televisiva, dionisíaca, chacriniana. Talvez o instante mais solto da Tv Ceará.



Show Fim de Semana

O prazer de fazer televisão

Era preciso viver intensamente cada momento e isso a equipe do canal 2 soube fazer, transformando num show permanente o próprio ofício. Trabalhar era estar no ar, com direito aos aplausos e percalços de uma atividade nova.

Maria José Braz, ex-aluna do CPET, ficou pouco tempo à frente do programa De Mulher para Mulher.

Glice Sales propôs um relacionamento mais pessoal com as crianças do Brincando e Aprendendo e foi depois substituida por um esquema de auditório improvisado, com patrocinio do Super-Mercado Sino e comando de Wilson Machado e Rita Angélica.

Quando as brincadeiras ficaram sem graça (dezembro de 1961) Renato Aragão teria sido convidado para reformulá-lo. As crianças pediam coisas novas e ninguém melhor que o Didi para sugerir essa nova fase do programa infantil.

A trajetória do Show Fim de Semana é bem significativa da escola que foi a Tv Ceará. Os programa eram testados, as reformulações eram feitas quando necessário e todos saiam ganhando.

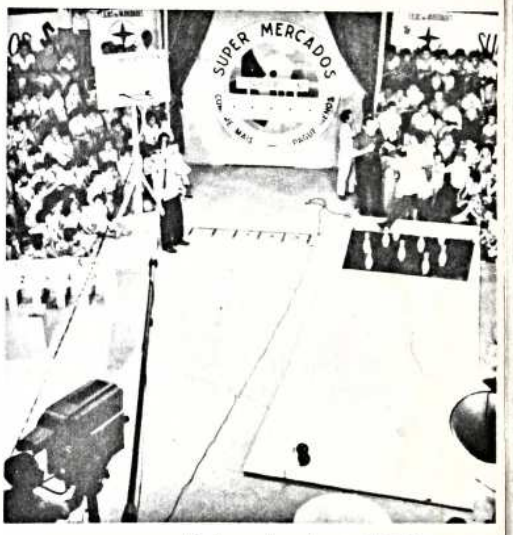
Este programa de Ary Sherlock tinha, no início, uma parte cantada (a velha questão do espaço para o "cast" associado proveniente do rádio) e uma parte declamada, com monólogos e diálogos célebres. Não funcionou a contento.

A nova estrutura adotada foi a síntese de revistas musicais, o ritmo ágil da multiplicação dos papéis, a coreografia do próprio Ary, toda uma inventiva que ficou mais próxima de uma linguagem visual e mostrou a necessidade de uma permanente renovação.

A legenda da foto de Provas Finais vai nos mostrar Ary, Karla, Emiliano, Maria Luiza, Ilclemar Nune e Salete Távora na apoteose de um programa. Era um ponto de partida para o desenvolvimento de uma linguagem de quem domina o veiculo.

Nova reformulação foi feita em abril de 1962. Depois o programa saiu do ar.

Noite Cearense, realização de Augusto Borges, entrou com a responsabilidade de substituir o pioneiro Istc é Show. A opção feita foi no sentido de mostrar o lado curioso do entrevistado, a atividade que não constituia o papel mais forte que ele desempenhava no contexto social. A fórmula não era



Brincando e Aprendendo

nova, mas ganhou sotaque local, a partir de sua estréia em março de 1962.

Ainda nas noites de domingo, Ary Sherlock estruturou o seu Sempre aos Domingos contando com a segurança de Narcélio Limaverde, o charme de Cleide Holanda e as reportagens de Polion Lemos. Isso em maio de 1964.

Os programas de prêmios sempre tiveram apelo fácil e audiência garantida. Ao estimular a competividade, mexer com o sonho do inacessivel prêmio ou jogar com o lance da sorte, misturam gincanas, com quermesses e cultura de almanaque, num modelo testado e aprovado pela tevê dos chamados "maiores centros".

Aqui, Augusto Borges passou a deter o patrocinio de Ironte, numa série de programas que significavam a retomada do anterior, com algumas modificações.

Sabatina Ironte num âmbito bem mais colegial, ganhou maior amplitude

ao se transformar em Ironte é o limite. Mesmo assim, nas férias escolares, entrou no ar o Passatempo Ironte que aprovou e ficou. Hum Milhão Ironte passou a ser um programa mais ambicioso, que tinha Marizete Batista como assistente.

Guilherme Neto substituiu Hildeberto Torres na realização da Chave da Sorte que estreiou em maio de 1964, com patrocínio da Casa Parente e apresentação de Augusto Borges e Salete Dias. Na Chave do Saber destacou-se Lúcio Brasileiro respondendo sobre futebol, que abandonou o programa irritado com os boatos de que recebia previamente as perguntas. Neide Maia, competente locutora de cabine, segura anunciadora e eventual teleatriz (estreou na Comédia da Cidade, de Renato



Aí vem o circo

Aragão) passou a dividir com Aderson e apresentação do programa a partir de janeiro de 1965.

Já no Romcy Gira a Sorte, show da Publicinorte, no ar a partir de janeiro de 1965, o comando de Matos Dourado e a participação de Lourdes Martins. Com o respaldo de uma forte promoção de vendas, o programa levaria sorteados que tentariam formar, no estúdio, o nome Romcy através de cubos giratórios. Mais uma estratégia de venda de carnets que tanto ajudou no sucesso deste grupo empresarial. Regina Elizabeth, filha de Matos Dourado, passou a participar do programa em abril deste mesmo ano. Esta atração das noites de segunda-feira na tevê ficou em cartaz até julho de 1965.

Sucessos Romcy que foi ao ar em novembro, tinha apresentação de Narcélio Limaverde. Dentro da sequência Estrada do Sucesso, foi feita uma tardia escolha para apresentadores de tevê. No júri, Guilherme Neto, Tarcísio Tavares e Antonio Romcy. Com direito a torcida por Jorge Washington e Socorro Cláudia, os mais fortes candidatos. O programa saiu do ar em março de 1966.

Jório Nerthal apresentou o Atrações Casa Inglesa, a partir de julho de 1965.

Prenove's Club, com apresentação primeiro de Mac Dowell Holanda e depois, definitivamente de Augusto Borges, tinha a participação do colunista social José Calazans Pires, o Bayard. Com patrocínio da Brahma, Augusto circulava entre as mesas de uma pretensa reunião social, dando margem a que a cidade satisfizesse seu desejo de aparecer na tevê. Na linha do Clube dos Artistas ou Almoço com as Estrelas, programas nacionais, Prenove's foi mantido na programação da Tv Ceará até a entrada em funcionamento do vídeo-tape.

De dezembro de 1962 a abril de 1963 foi possível rastrear uma série chamada Caminhos da Vida, um pacote de programas de realizadores associados de vários Estados que ganharam forma graças ao talento e empenho da equipe local. Encaixado na programação dominical, substituiu Tv de Mistério.

Os pioneiros História das Coisas e Este Mundo Curioso, de João Ramos e Augusto Borges, respectivamente, foram cedendo espaço na programação à invasão dos enlatados.

O Teatrinho do Bom Companheiro, de Matos Dourado foi novo esforço para consolidar um horário infantil na emissora.



Prenove's Clube

Na linha dos grandes espetáculos, A Grande Noite da Paixão, de Dom Hélder Câmara, montada inicialmente no Maracanã e que aqui, foi realizada por Guilherme Neto e apresentada na semana santa de 1962. Com direito a reparos da Tv Revista por conta da falta de entrosamento entre o elenco e o coro do Seminário.

E Ele Armou Tenda entre Nós, realização de Ary Sherlock na então inacabada Catedral de Fortaleza, para o natal de 1963.

A tevê abria espaço para palestras semanais. Além das indefectiveis prestações de conta de governantes era exibido o Encontro Semanal de Pais e Mestres, onde pontificava o Dr. Edilson Brasil Soares, diretor do Colégio 7 de Setembro.

Ao professor Roberto de Carvalho Rocha, do Colégio Christus, cabia o trato de Problemas da Nossa Cidade. Também o Movimento Familiar Cristão ocupou espaço, bem como os políticos, a partir de 1962 se exibindo no horário do TRE.

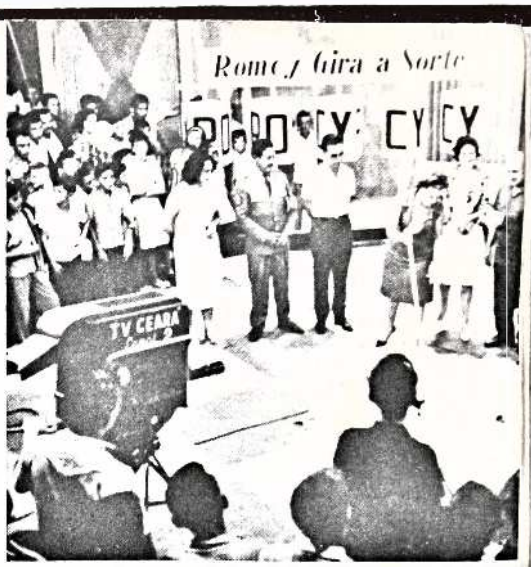
Em 1964, Roberto Leão dava aulas de inglês pela tevê no Let's Learn English.

A Tv Ceará, como não podia deixar de ser, dava pleno respaldo às promoções associadas. Concursos de miss Ceará ensejavam uma série de programas onde as candidatas eram apresentadas, motivando torcidas, envolvendo clubes, acirrando bairrismos (Sobral e Crato deram misses Ceará) e ampliando o alcance e repercussões da promoção.

Também o Miss Suburbana, posteriormente, passou a contar com o seu horário na tevê. Para não deixar de falar no Rainha do Algodão, concurso que empolgava as colônias interioranas, numa época em que estes contingentes



Misses



Romcy Gira a Sorte

passaram a se estabelecer, de maneira mais marcante, na capital.

A força associada podia ser medida pelo impacto de suas promoções (depto. chefiado por Stênio Azevedo), como a construção da Maternidade Escola de Fortaleza, depois Assis Chateaubriand, o auxilio às vítimas das cheias de 1960, o ouro para o bem do Brasil, barateamento de preços e tantas outras que marcaram época e motivaram uma cidade que começava a se definir enquanto tal.

A crônica afetiva inclui todo um folclore e a camaradagem reforçada no almoço improvisado ou na saudável boêmia do Ponhons Bar ou do Poeira Vermelha.

Nesta amostragem caleidoscópica, a reafirmação da descoberta da tevê e do prazer de fazê-la, o mais intimamente possível, associada à própria vida.



Inauguração do vt

Um ponto final

Ao apoiar, com toda a grande imprensa brasileira, o movimento militar de 1964, os Diários Associados não poderiam imaginar que seriam substituidos por um grupo que representava um modelo mais moderno de capitalismo, a Rede Globo de Televisão.

Os grupos multinacionais passaram a interferir, de maneira mais incisiva no mercado nacional. E a televisão, por tudo o que representa como vitrine e reprodutor de discursos ideológicos não poderia ficar fora dessa investida.

A grande campanha encetada pelos Associados contra a presença de capitais estrangeiros na comunicação brasileira vai significar a capitulação final. Estava perdida a guerra.

Vicejando à sombra dos favorecimentos dos governos populistas, os Associados não tiveram seu esforço de porta-voz conservador devidamente reconhecido pelos novos donos do poder.

Em termos gerenciais, a centralização da produção no eixo Rio/São Paulo foi uma cartada decisiva, em termos de sobrevivência. O vídeo-tape para as estações regionais entraria dentro de um esquema de diluição de custos e maior funcionalidade operacional.

Dentro dessa perspectiva tornanava-se inócuo todo e qualquer discurso de defesa da pluralidade de culturas, da diversidade regional. Nada disso fazia sentido diante da questão mais grave da sobrevivência.

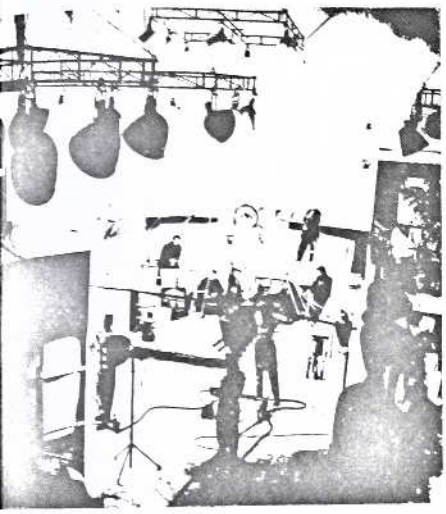
Este avanços tecnológicos, inevitavelmente seriam implantados. Dizer o contrário seria insistir num quixotismo artesanal sem muito espaço na selvageria capitalista. O que não se lutou foi pela reserva de espaços para a programação local, para a questão social do emprego, contra a castração de uma criatividade.

Como pano de fundo uma acirrada questão sucessória desencadeada com a morte do Capitão Chateaubriand, em 1968.

Desativada a carpintaria, dispensado o elenco, a Tv Ceará entraria num compasso de repetidora, rotina quebrada com o significativo feito, pouco explorado na época, da conquista de um prêmio internacional (Ondas, Barcelona) pelo espetáculo Os Desterrados, de Hildeberto Torres, a partir de texto de Eduardo Campos.

O resto reflete a incapacidade administrativa, os novos tempos que vivia o país numa contagem regressiva, apesar de euforia das cores, para o desfecho final e previsível de 1980, quando a Tv Ceará saiu, definitivamente, do ar.

Bibliografia



ÁVILA, Carlos Rodolfo Améndola — *A teleinvasão*. São Paulo, Cortez Editora e Editora Unimep, 1982.

BARTHES, Roland — *Mitologias*. São Paulo, Difel,.1980.

CAMPOS, Eduardo — *50 anos de Ceará Rádio Clube (1934/1984)*. Fortaleza, 1984.

CAPARELLI, Sérgio — *Televisão e Capitalismo no Brasil*. Porto Alegre, L&PM, 1982.

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita — *História da Comunicação*. Petrópolis, Vozes, 1982.

GAIARSA, José Ângelo __ *Tratado Geral sobre a Fofoca*. São Paulo, Summus, 1978.

HALBWACHS, Maurice — *La Mémoire Collective*. Paris, Presses Universitaires de France, 1968.

LEAL, Péricles — *Iniciação à Televisão*. Belém, Gráfica Falangola Editora, 1964.

MEDEIROS, Paulo de Tarso C — *A Aventura da Jovem Guarda*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

MESQUITA, João Vianney Campos de — *Estudos de Comunicação no Ceará*. Fortaleza, Edições Agora, 1985.

MOTTA, Roberto (coord) — *Os Afro-Brasileiros. Anais do III Congresso Afro-Brasileiro*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, Editora Mssangana, 1985.

NOBRE, Geraldo __ *Introdução à História do Jornalismo Cearense*. Fortaleza, Gráfica Editorial Cearense, 1975.

SODRÉ, Muniz — *A Comunicação do Grotesco*. Petrópolis, Vozes, 1983.

SODRÉ, Nelson Werneck — *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo, Martins Fontes, 1983.

SODRÉ, Nelson Werneck — *Síntese de História da Cultura Brasileira*. São Paulo, Difel, 1983.

Consultadas as coleções de Unitário, Correio do Ceará, Tribuna do Ceará, O Estado, Gazeta de Notícias e O Nordeste na Hemeroteca da Biblioteca Pública Menezes Pimentel.

Trabalho complementado na hemeroteca da ACI e no Departamento de Pesquisa de O Povo, além do Museu Cearense da Comunicação, de Nirez.

Planejamento gráfico e editorial:
MARK PROPAGANDA

Pesquisa e texto:
GILMAR DE CARVALHO

Fotos:
LEOCÁCIO FERREIRA

CEARÁ



GOVERNO
GONZAGA
MOTA
Participação e bem-estar